

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



O ativismo político atual e o surgimento de novos mitos
O potencial retórico aplicado à difusão social

Illa Cavalcante Branco Fernandes

Tese orientada pelo Prof. Doutor Nelson Pinheiro Gomes e co-orientada pela Prof.^a Doutora Sofia Isabel Pereira Ullan Frade, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Cultura e Comunicação.

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS

Agradecimentos

Em nome da conclusão não só desta pesquisa, mas de uma fase muito importante, desafiadora e profunda em minha vida, gostaria primeiramente de agradecer a esta turma de mestrado em conjunto. Foi, sem dúvida, uma das melhores, mais dinâmicas, mais democráticas e mais enriquecedoras experiências dentro de sala de aula que eu tive nestes onze anos de profissão.

Gostaria de agradecer também ao professor doutor Nelson Pinheiro Gomes por me inspirar a ponto de, pela segunda vez, me fazer atravessar oceanos atrás de suas pesquisas sobre tendências, comportamento humano e inovação. Serei sempre grata pela confiança que depositou em mim e por permitir que houvesse uma troca curiosa, espontânea e vivaz entre nós em todo o processo.

Minha gratidão também à professora doutora Sofia Isabel Frade, que desde o início me inspirou como um exemplo de profissional e de mulher. Mostrou como é possível defender o seu lugar no mundo através da valorização e do estímulo à evolução humana, relendo e questionado valores, conceitos e atitudes dentro e fora da Academia.

Outra pessoa muito especial nesta jornada foi meu colega de classe e, agora, querido amigo Rodrigo Viana. Foram incontáveis horas divididas entre devaneios teóricos e profundas reflexões conceituais que expandiram a experiência de sala de aula para nossas casas, miradouros e, sim, também muitos bares da cidade. Obrigada meu amigo, você é uma grande parte desse trabalho.

Agradeço também pela participação e apoio do meu namorado, Joris Alberdingk Thijm. Primeiramente por me inspirar ao dividir comigo seu tamanho potencial intelectual e crítico sobre Ciência Política. No entanto, também foi sempre uma figura de incentivo pessoal à prática e ao ativismo diário em prol da igualdade e da justiça a nível mundial.

Minha imensa gratidão também à minha mãe, Bete Branco, que será sempre o meu grande exemplo de honestidade, de força, de humanidade, de caridade e do feminino em seu sentido mais amplo e poderoso. Saiba que parte de mim e deste trabalho se formou desde a infância com nossos estudos, debates e verdadeiras trocas embebidas, sempre, de muito amor.

Agradeço também pela minha família e pela minha rede de amigos que permanentemente me apoiaram, me incentivaram e acreditaram em mim. Por fim, agradeço à vida por me permitir enxergar, andar e pensar com saúde suficiente para que, hoje, eu consiga contribuir com mais ação para um mundo com mais amor, igualdade e respeito.

Índice

1- Introdução.....	06
2- Mito e Retórica	10
2.1- Mito	15
2.2- Retórica	27
3- Difusão Social	55
4- Conclusão.....	97
Referências	106

Resumo

Este estudo consiste em uma análise dos ativismos atuais em associação com o conceito de mito e retórica. Ao enquadrar-se nos Direitos Humanos, a pesquisa teve como objetos de estudo: Malala Yousafzai e Ahed Tamimi. Através de um mapeamento transversal de assuntos, cenários, identidades e agentes de influência, percebeu-se como estas diversas formas de representações podem chegar a construir um mito. A análise contou metodologicamente com a prática textual mediante uma abordagem semiótica, narrativa e desconstrutiva. Questionou-se a respeito da manutenção da hegemonia destas figuras mediante o movimento de ressignificação discursivo influenciado pelos avanços tecnológicos. Os resultados indicaram o diálogo e o relacionamento interpessoal como processos fundamentais para a difusão e o real engajamento da sociedade em um movimento social. No entanto, devido ao caráter global e digital da realidade atual, a multiplicidade de formatos, veículos de informação, públicos e áreas do conhecimento, se mostraram como características essenciais desta difusão. Por fim, associou-se estas ativistas a perfis inovadores segundo os estudos de difusão de inovação e tendências, indicando a curiosidade e o comportamento cosmopolita como aspectos recorrentes. No entanto, notou-se também que a efetiva influência destes perfis pode depender de uma identificação com os mesmos por parte de potências ocidentais, envolvendo questões de linguagem, aparência, interesses econômicos e até a dimensão psicológica – como o imaginário coletivo e os arquétipos. Sugere-se como aplicação futura a interpretação de possíveis movimentos híbridos, sendo estes concebidos por figuras centralizadores e sustentados por uma massa plural que consegue, ainda assim, garantir a representatividade individual ou de grupos menores.

Palavras-chave: mito, retórica, ativismo, digital, difusão social.

Abstract

This study consists of an analysis of contemporary activism in association with the concept of the myth and rhetoric. Being situated in the field of human rights, this research has as its objects of study Malala Yousafzai and Ahd Tamimi. Through a transversal mapping of topics, scenarios, identities and agents of influence, the ways in which these different forms of representation can construe a myth are discovered. The analysis involves a methodology of textual practice through a semiotic, narrational and deconstructive approach. The maintenance of these figures' hegemony through the movement of discursive resignification influenced by technological progress is questioned. The results indicate dialogue and the interpersonal relationship as fundamental processes for the diffusion and the engagement of society with a social movement. However, given the global and digital character of the current reality, the multiplicity of formats, information vehicles, audiences and knowledge areas reveal themselves to be the essential characteristics of this diffusion. Finally, these activists are associated with innovative profiles according to studies about the diffusion of innovation and trends, indicating the curiosity and the cosmopolitan behavior as recurring aspects. However, it is also noted that the effective influence of these profiles can depend on western powers' identification with these profiles, involving matters of language, appearance, economic interests and even the psychological dimension—such as the collective imagination and archetypes. As a possible future development of research in this area, the interpretation of possible hybrid movements is suggested, these movements being founded by centralizing figures and sustained by a plural mass that, nevertheless, manages to guarantee the representativity of individuals or small groups.

Keywords: myth, rhetoric, activism, digital, social diffusion.

Introdução

O questionamento em relação à mobilização social é quase tão essencial quanto o debate e o exercício político. Em um cenário de conflitos, polarizações e releituras de identidades e valores é necessário estar atento às novas práticas e movimentos que interferem na vida coletiva. Afinal, mover massas é poder, é condução, é potencialização de ação, é colocar em prática aquilo em que se acredita, é atuar no coletivo através do individual. Mas trata-se então de devoção pessoal ou de influência? De urgência por diretriz ou de clamor pela autonomia? Entender a dinâmica entre a vontade pessoal e a representação desta na atitude comunitária associa-se a figuras ou identidades que facilitem este compromisso, que sirvam de guia para colocar este desejo na rotina e no ambiente dos seres humanos. E é nesta possibilidade peculiar que esta pesquisa se pauta. Portanto, é na transferência ou no deslocamento da conduta pessoal para a co-criação através de um meio comum que se posiciona o estudo, ou seja, na conceptualização e na problematização do mito na dimensão política e social.

Ciente desta necessidade e relevância de abordagem, o presente estudo consiste em uma análise dos ativismos atuais em associação com o conceito de mito e retórica. O recorte escolhido para definição do objeto de estudo foi o ativismo dentro dos Direitos Humanos, através de figuras atuais. O caráter situacional focado no momento presente tem como objetivo desenvolver uma pesquisa que, através deste mapeamento atual, suporte um olhar mais consciente para o futuro, para as próximas gerações e personalidades de influência para a humanidade numa escala global. A tentativa de identificar mecanismos, fatores e processos recorrentes neste cenário procura formar um panorama amplo, claro e objetivo quanto ao desenvolvimento de movimentos sociais influenciados por personalidades icônicas. Isto é, perceber mais profunda e criticamente como alguns indivíduos são capazes de mobilizar massas através de seus discursos – lê-se “discurso” em seu sentido mais amplo –, chegando ao ponto de intervir na vida e na consciência compartilhada dentro deste recorte. Estes movimentos, por sua vez, são investigados considerando a motivação e dinamização realizada por figuras ou discursos específicos, ao passo que são sustentados e difundidos pelo engajamento coletivo.

Esta dedicação em tornar mais claro o cenário futuro é a principal justificativa para ter relacionado figuras individuais ao conceito de mito, uma vez que sua mensagem deve propagar-se no tempo e no espaço para consolidarem-se como tal. É, portanto, a partir da necessidade de se interpretar algo que se mantém relevante com o passar de gerações, culturas, territórios e mentalidade, que se chega ao conceito de mito como equivalente a figuras de liderança. E se tratando de um recorte que aborda questões sociais e políticas,

este processo vai impreterivelmente contar com a interação de indivíduos, com o debate, com a discordância e, idealmente, com o exercício democrático. Desta forma, o surgimento de um mito nestas condições vai se fazer presente através da retórica, ou seja, da estratégia e habilidade presentes neste discurso que conta com a destreza ao se utilizar de elementos comunicacionais, relacionais, de identificação e de cooperação entre indivíduos. Por fim, ambas as temáticas levam a outro conceito central, a difusão social. Neste tópico procura-se compreender como se dá a circulação deste discurso, exatamente onde e como ele se altera, o que se mantém e o que se cria de novo, bem como o papel dos agentes transmissores neste processo.

Ciente deste enquadramento e recorte, as principais perguntas ou problemas que tentaram ser respondidos foram relativos às condições recorrentes para a emergência destes mitos. Neste sentido, quais as circunstâncias e requisitos necessários para serem caracterizados e se comportarem como tal? Se tratando de episódios recentes que contam com o desenvolvimento tecnológico e digital influenciando os meios e formatos de comunicação e interação globalizada, questiona-se também como processos virais de influência interferem na consolidação destes mitos. Isto é, em que condições ou com que características estas novas dinâmicas de circulação de informação influenciam a construção desta narrativa? E, afinal, indaga-se também a respeito da audiência, do público que adere, rejeita ou auxilia a difusão desta mensagem. Objetivamente, questiona-se como estas figuras populares, bem como suas causas e valores, vêm sendo reforçados através da interação com suas audiências.

A resposta a estas questões tem como objetivo identificar as principais características destes ídolos através do mapeamento e cruzamento de assuntos, cenários e das próprias identidades de influência. Tais reflexões procuram compreender a interação destes objetos para com a sociedade, a ponto de consolidarem-se como ícones. Estas evidências, por sua vez, ao serem analisadas sob a luz das diretrizes teóricas e metodológicas estabelecidas, deverão confirmar ou não as hipóteses construídas. Mais especificamente, indicar se a sociedade será movida cada vez menos por indivíduos hegemônicos, e cada vez por mais ideias ou valores abstratos que se traduzam na ação coletiva. Ou ainda, ratificar se a intensificação de movimentos sociais autônomos – de autoria individual ou institucionalizados por organizações fora deste escopo – é um sinal da diminuição da influência de grandes dirigentes e, paralelamente, do aumento da capacitação individual e comunitária. Desta maneira, validar se a influência das novas dinâmicas tecnológicas, digitais e de comunicação modificaram a forma de eleição e propagação destes mitos, aumentando o número de personalidades ao passo que diminui a hegemonia de poucos sobre a maioria.

No tocante à metodologia, o estudo desenvolveu sua análise com base numa prática fundamentalmente textual onde, segundo as possibilidades previstas por Chris Barker (2003), se deu de maneira transversal às

abordagens semiótica, narrativa e desconstrutiva (p. 28). Primeiramente é válido ressaltar que se compreende como texto tudo aquilo que é mensagem emitida consciente ou inconscientemente, seja esta oral, escrita, gestual, performativa, visual, dentre outras. Nesta perspectiva, foram utilizados pronunciamentos, entrevistas, discursos oficiais, elementos visuais, audiovisuais, além dos textos escritos por e sobre estes objetos. Por sua vez, foi através da análise semiótica guiada principalmente pelos estudos de Roland Barthes (1972) em associação aos contributos da retórica por Kenneth Burke (1957; 1969) e Michael C. McGee (1975; 1980; 1983), que buscou-se identificar e interpretar as simbologias e os mitos por detrás dos discursos em torno dos objetos (Barker, 2003, p. 28).

As narrativas por detrás das figuras analisadas foram fundamentais para a tentativa de se compreender os contextos onde foram originados e por onde circulam estas mensagens, tentando respeitar a complexidade e a multiplicidade que contemplam. A relevância desta compreensão se pauta no fato de que é através da consideração do contexto, do cenário, ou do momento desta comunicação que se aproxima verdadeiramente do significado construído. Isto é, o ato de desconstruir a mensagem considerando os fatores adversos ou que vão contra os objetivos primários das estratégias retóricas por detrás do texto (Barker, 2003, p. 29) permeou toda a pesquisa e a busca por informações. O que se é dito originalmente foi contrastado com argumentos e visões que propuseram outros pontos de vista. Estes novos referenciais foram incluídos ao considerar o local de fala, o respeito e leitura dos sujeitos envolvidos ativamente no processo – algo previsto por Barker (2003) como uma das principais críticas da tentativa de desconstrução dos textos. Exemplos como este podem ser indicados como a utilização de entrevistas realizadas na língua nativa dos participantes, ou mulheres tratando de gênero e do feminismo.

Metodologicamente contemplou-se ainda os estudos de recepção, ou seja, a participação e até autoria no sentido por parte da audiência (Barker, 2003, p.29-30). Foram abordadas questões relacionadas com o imaginário coletivo, à adoção de grupos e temáticas em movimentos sociais, à mobilização e participação coletiva através destas mentalidades influentes, ou ainda à propagação destes mitos através da incorporação e do engajamento de audiências para com suas narrativas, projeções e ressignificações. De maneira geral, a pesquisa se utilizou de métodos que abordaram crítica e interpretativamente o ambiente cultural, histórico e social dos objetos; bem como as dinâmicas referentes aos conteúdos e à forma da comunicação que propagam. A pluralidade desta abordagem se justifica pela tentativa de construir um panorama amplo, mas que respeitasse a diversidade, a hibridez e a efemeridade de realidade atual.

O estudo de caso construído mediante as problematizações teóricas e diretrizes metodológicas explicitadas anteriormente contou com dois objetos principais: Malala Yousafzai e Ahed Tamimi. Para

além de ambas as ativistas, a pesquisa incluiu em sua análise outros perfis e referências, tais como influenciadores digitais e movimentos sociais que não tenham uma figura única associada à causa. Justifica-se o destaque dado a ambas as jovens, visto que são histórias recentes, mas com potencial de crescimento decorrente da idade das ativistas, bem como do cenário ainda vívido com relação às causas e desafios que denunciam. Ou seja, as lutas que travam ainda estão acontecendo e evoluindo, ao passo que, ainda assim, já houve uma mobilização e conscientização mundial a respeito de suas trajetórias. Neste sentido, ambas fornecem um número satisfatório de evidências para que fosse possível desenvolver uma análise aplicada de suas presenças no cenário global.

Para além do enquadramento destes objetos na procura pelo direcionamento futuro dos processos que representam, estas são figuras que vêm de contextos não tão amplamente abordados pela academia. Devido à busca por inovação, por um lado rejeitou-se recorrer primariamente a figuras emblemáticas já estabelecidas dentro da temática das lideranças sociais, como Mahatma Gandhi, Nelson Mandela ou Martin Luther King por exemplo. Para reforçar o caráter disruptivo, tratou de mulheres jovens oriundas da Ásia e do Médio Oriente que, apesar da propagação global, ainda têm suas identidades influenciadas por suas culturas e territórios originais. Desta forma, a investigação rompe com a obviedade de se estudar nações hegemônicas ocidentais ou narrativas largamente debatidas, não só para oferecer uma discussão que desperte a curiosidade do leitor, mas para dar voz e estabelecer a relevância de outras personagens e nacionalidades na pesquisa acadêmica. Afinal, debater publicamente, seja na academia ou nas ruas, é exercer a democracia, a civilidade e a política em seu sentido essencial. Por isso a necessidade de se estabelecer o posicionamento escolhido para alcançar estes objetivos que são, acima da prática intelectual, questões que se preocupam com o desenvolvimento, a justiça e a valorização do ser humano.

A formatação aplicada neste documento seguiu a norma American Psychological Association (APA).

2. Mito e Retórica

Considerando que o presente estudo procura compreender o surgimento mitos nos dias atuais através da análise retórica e semiótica de ativistas proeminentes dentro dos Direitos Humanos, indica-se que a abordagem de ambas as temáticas e objetos analisados seguirá sob a luz da noção de representação em relação às dinâmicas formadoras de uma cultura. Desta forma, pretende interpretar como os indivíduos expressam-se e processam as expressões alheias para formularem sentido, relacionarem-se e compreenderem a vida em seu sentido mais amplo. Segundo Stuart Hall (1997), as representações são as formas com que os indivíduos geram significados através da linguagem que compartilham com os integrantes de uma mesma cultura (p. 2). Assim sendo, representar é conduzir simbolicamente uma cultura, organizando-a, regulando-a e dando sentido para o ambiente e para os indivíduos que a compõem (Hall, 1997, p.3). Os elementos que constituem este mecanismo são símbolos que, segundo o autor, devem ser compreendidos em seu sentido mais amplo: “sons, palavras, notas, gestos, expressões, roupas” (Hall, 1997, p. 5)¹. E para que seja possível analisar e interpretar cenários através dos sistemas de representação, o teórico destaca dois vieses possíveis de abordagem: o semiótico (poético), onde considera as regras, dinâmicas e o funcionamento de sinais para compreender como a representação produz sentido através da linguagem; e o discursivo (político), que dá maior atenção aos efeitos desta comunicação ao tentar descobrir como este conhecimento interage com as relações de poder, regulação social e comportamento humano (Hall, 1997, p. 6).

Neste sentido, esta pesquisa contará com os contributos de Stuart Hall (1997; 2000) para compreender uma forma específica de discurso – o mito –, bem como a forma com que ele se dissipa e se sustenta – a retórica. Brevemente, segundo Roland Barthes (1972), o mito em si é um tipo de discurso que se comporta de uma determinada maneira para ser caracterizado como tal (p. 107). A ressignificação constante pelo qual este discurso passa é um de seus mecanismos chave (Barthes, 1972, p. 116-117), e será aqui analisado mediante a consideração das dinâmicas retóricas, persuasivas e que geram identificação através de sua difusão. Ou seja, de que forma este tipo de discurso se mantém relevante, atrativo e fazendo sentido frente o tempo, as sociedades e as mentalidades que os absorvem. Ciente do objeto de estudo abordar o ativismo político ligado a movimentos sociais, isto se representa na maneira como estas mensagens circulam a ponto de

¹ Tradução minha do original em inglês: “...sounds, words, notes, gestures, expressions, clothes (...)”

transformar o simbolismo em ação, a linguagem em performance e o mito em intervenção social. A principal fonte de análise se dará a partir da figura de Malala Yousafzai, militante pelo acesso à educação por mulheres e crianças, ao lado de outras personalidades proeminentes como a palestina Ahed Tamimi, além de outros movimentos.

Apesar de Hall (1997) defender que a virada crítica dentro das humanidades e dos estudos sociais tenha se debruçado sobre a abordagem discursiva do objeto para decodificação dos sistemas de representação (p. 5), o estudo se posiciona de maneira a soma-la à análise semiótica, reconhecendo que a união destas duas possibilidades amplia o espectro de observação de forma positiva. Por um lado, procura compreender quais os símbolos utilizados na formação dessas figuras ativistas, ou seja, quais as frases ou a forma de discursos que apresentam, quais as informações contextuais que permeiam seus discursos, quais os novos sentidos ele possibilita ou manipula, ou ainda quais outros sentidos podem estar por detrás das evidências linguísticas relacionadas ao mito que se propõe ter sido criado à volta delas. Por outro lado, conta também com a análise discursiva e retórica para perceber a eficácia e a relevância desse mito, ou seja, quais as práticas associadas, o que isso interfere na regulação do meio, de que forma conquistam novas audiências, bem como a maneira como intervém socialmente para alcançar seus objetivos, difundir sua mentalidade e cumprir os ideais de suas causas. Considerando que o principal fenômeno para compreender a formação dessas figuras, aqui denominadas de mito, seja o tamanho (geográfico e de audiência) da repercussão desta mensagem, o terceiro grande setor da análise foca na difusão social. No capítulo destino a esta discussão, serão cruzadas temáticas como a noção de movimento em si, a aplicação dos mecanismos identificados para o escopo dos movimentos sociais, e, por fim, a relação dessa difusão com os estudos de inovação para perceber, efetivamente, como se absorve e se implanta uma nova ideia ou comportamento na sociedade.

Por fim, a pluralidade de plataformas e formatos de representação que uma linguagem contempla através de seus sinais e símbolos – sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais e até objetos (Hall, 1997, p. 2)² – é utilizada neste estudo tanto na análise semiótica do mito, como na retórica que o sustenta. Identificar as características e processos recorrentes no surgimento e manutenção dessas imagens perpassa todas essas possibilidades em uma abordagem plural e ampla. Apesar de mais complexa, ela se mostra a mais coerente frente um

² Tradução minha do original em inglês: “...whether they are sounds, written words, electronically produced images, musical notes, even objects (...)”

contexto influenciado pelo avanço tecnológico e digital que altera, não só como se percebe e se processa o mundo, mas também a sua expressão. Mais especificamente em relação ao contexto do ativismo dentro dos Direitos Humanos, avalia-se as atitudes, as falas, os eventos, a informação que circula ao redor de suas imagens, a causa pela qual milita, a sua imagem pessoal, bem como a forma que sugere e coloca em prática seus valores e objetivos. Todos estes elementos contextuais e pessoais são investigados para que se confirme a formação do mito ao redor de suas imagens, bem como para que se entenda como todo este processo de fato ocorre. Esta multiplicidade e complexidade de abordagens é necessária, visto que não é mais possível observar contextos atuais sem buscar a influência simultânea de diferentes sinais e estímulos, não é mais imaginável uma figura de destaque que não compartilhe seu discurso em mais de uma fonte ou veículo, e já não parece ser viável a construção de um mito sem o alcance globalizado, ágil e múltiplo de sua difusão hoje em dia.

Para além de investigar como o discurso mítico se compõe e circula mediante as variadas formas de representação e meios por onde se comunica, procura-se explorar a noção de que consolidar um mito é também caracterizar e compor uma identidade por detrás desta mensagem. Mesmo reconhecendo a diversidade de interpretações das pessoas e grupos que o absorvem, seria possível afirmar que este fenômeno discursivo indica alguma forma de unidade que se perpetue e ultrapasse as adaptações que sofre? Para responder a esta questão, é preciso compreender como é formada uma figura, um conceito ou uma história que defina esta mentalidade e que resista (ou não) às adaptações. É necessário esclarecer a respeito da construção desta identidade, como e se existe uma unidade ou centralidade associada à esta figura, e, ainda, compreender a sua influência na repercussão da mensagem mítica. Segundo Hall (2000), não é mais possível compreender a identidade como algo unitário, e sim mediante um processo de constante mudança, de eterna significação e ressignificação com base na diferença, no contraste e na articulação (p. 15-16). O autor destaca que a identidade em si é uma prática discursiva que trabalha com as representações individuais e coletivas, compondo-se, de maneira efêmera e constante, não apenas com os elementos que caracterizam positivamente e identificam-se com ela, mas também com a presença do Outro, do que não se é, do que não se identifica, do que se exclui (Hall, 2000, p. 17).

Também ao considerar as diferenças, as articulações e a constante modificação da identidade, Homi Bhabha (2004), por sua vez, se aproxima de Stuart Hall na essência de sua teoria, ao passo que amplia esta visão para as questões transnacionais e globalizadas de culturas e

comunidades. O autor alarga a dimensão individual de formulação de uma identificação para compreender as influências das relações pós-coloniais de diásporas, nacionalismos, exílios, refugiados, fronteiras e da própria migração que permeia este processo (Bhabha, 2004, p. 7). Isto se mostra relevante para o estudo, visto que aqui são analisadas figuras e movimentos políticos que, para serem associados ou considerados mitos, precisam se difundir mundialmente e marcar a história da humanidade de maneira geral – ultrapassando barreiras locais, regionais e culturais para fazer sentido em uma escala maior. Bhabha (2004) aborda as relações das nações colonizadas com as colonizadoras ressaltando as questões de desigualdades sob parcelas minorizadas, onde prevê três condições para a construção de identidade: o colonizado querendo ser o colonizador, querendo estar acima do colonizador, ou ressignificando o próprio discurso através da transitoriedade e hibridez – sendo este terceiro ponto onde o autor destina a maior parte de sua reflexão (p. 75-77).

Estar num constante estado de "entre" situações é permitir a troca e, segundo Bhabha (2004), ressignificar essencialmente as próprias referências, desconstruir a solidez da herança das tradições ou da estabilidade do tempo com a noção de passado e presente, do público e do privado, por fim, dos binarismo que até então guiavam grande parte da sociedade (p.3-4). Isto leva à compreensão da formação de identidades nesse meio se dar através do processo de hibridez, de multiplicidade de referenciais e efemeridade em suas características fundamentais. Desta forma, associa-se ao processo de formação do mito ao compreendê-lo como um fenômeno discursivo que conta com a ressignificação como um de seus processos chave. Esta ressignificação mítica, por sua vez, ocorre no nível simbólico da linguagem alterando sinais amplamente reconhecidos e os colocando em outro panorama, algo que se aproxima da revisão proposta por Bhabha com relação à própria formação identitária revisando os referenciais iniciais e tradicionalmente estáveis. Neste momento, Bhabha (2004) questiona o que seria então fixo ou arraigado ao próprio sujeito da identidade, concluindo que o indivíduo pode ser o iniciante da sua prática identitária – compreendida como uma ação social –, porém este não desempenha agência sobre seus resultados, não os controla (p. 18). Ou seja, parte do que compõe esta identidade está sob domínio também de quem as interpreta, dos efeitos e representações das mensagens emitidas por esta identidade.

Outro autor que se aproxima de Bhabha (2004) ao dar ênfase às relações nacionais e transnacionais na formação de identidades é Nestor Canclini (1995). O teórico, se aproximando também de Stuart Hall (1997), prevê o cenário moderno como híbrido e multicultural, porém associando às relações de produção e consumo de bens, além do desenvolvimento tecnológico

influenciando a mídia de comunicação em massa (Canclini, 1995, p. 13-15). Canclini (1995) defende que o mercado globalizado desterritorializa ou desenraiza os referenciais, visto que impõe uma nova regra onde quem tem dinheiro consome – independentemente de sua origem étnica, racial ou nacional –, e, ao consumir, está mostrando publicamente quais valores quer tomar posse, indica o que é pessoalmente valioso para ele (p. 17-21). A solução que prevê para a formação da identidade face estas dinâmicas, se dá através das relações humanas onde, segundo o autor, ainda se constrói significados através de narrativas (Canclini, 1995, p. 18). Em suma, defende que o consumo globalizado é sim homogeneizador, principalmente no terceiro setor onde os avanços da tecnologia da informação e do entretenimento (vídeos, videogames e outros) enfraquecem as identidades nacionais (Canclini, 1995, p. 150).

Uma saída para as raízes que se perdem ou se enfraquecem neste contexto, segundo o teórico, é a luta do cidadão com foco nas diferenças, nas especificidades, nas características locais e regionais (Canclini, 1995, p. 22-24). Esta luta se faz necessária também porque a lógica de efemeridade na produção de bens e excesso de consumismo pode manter ou agravar cenários de desigualdade e opressão visto que, sem condições financeiras adequadas, os cidadãos não podem consumir livremente e afirmarem suas identidades. Neste momento, Canclini (1995) associa também o papel da política e do Estado na condução desta evolução *versus* desigualdade, onde “A subordinação da ação política à sua espetacularização pela mídia está reduzindo a importância dos partidos, dos sindicatos, das greves, das manifestações públicas e de massa, enfim, das instâncias em que as negociações podem ser efetuadas.” (p. 224). Neste sentido, defende que os novos meios de comunicação e o acesso permitidos pelo avanço digital simbolizam mudanças no exercício da cidadania devido à eficiência e transparência destes veículos em comparação à lenta e controlada burocracia judicial (p. 26). No entanto, cabe aqui questionar este argumento sobre os novos meios para se lutar pelos direitos dos cidadãos e fazer política mais direta e sinceramente. Concordando com o autor sobre o fato de que se trata de um momento de mudanças físicas e simbólicas na humanidade, de questionamento de valores e formas de condução social, de repensar as próprias referências para com o mundo, seria então um cenário favorável para o surgimento de mitos ou figuras que representem a vontade popular frente à descrença nestas grandes instituições? Poderiam estes atuar como representantes dessa negociação ao concentrarem as vozes, as opiniões e as aparições midiáticas numa só figura para fortalecer a difusão e alcançar resultados?

Estas e outras questões acerca do papel político de representantes, ativistas e mitos no contexto atual vão ser tratadas ao longo da pesquisa com a intercessão de estudos de caso, com o objetivo de aplicar estas teorias e clarificar a respeito da coerência e pertinência destas na realidade. Em sequência, o primeiro capítulo desta pesquisa se destina a definir os principais conceitos acerca de seu tema central: Mito e Retórica. Para tal, se encarrega de expor o desenvolvimento destes termos ao longo dos séculos, em paralelo aos principais teóricos que se dedicaram à investigação dos mesmos. Partindo do viés mais amplo para o mais específico, o texto conduz o leitor até as abordagens escolhidas para cada um dos dois conceitos, considerando as linhas teóricas de maior relevância para com o objeto de estudo. Nomeadamente Roland Barthes (1972), Kenneth Burke (1957; 1969) e Michael C. McGee (1975; 1980; 1983) são indicados como os três autores principais para o texto, uma vez que apresentam visões complementares a respeito do surgimento e manutenção dos mitos através da persuasão e eficácia de seu discurso (retórica).

Para além de serem estudiosos largamente referidos no campo científico, são precursores dentro de seus campos de estudo, como é o caso de Barthes (1972) sobre do processo semiótico associado à construção simbólica e articulada de mensagens míticas; de Burke (1957; 1969) ao representar a Nova Retórica e sua contemplação das representações estéticas, visuais e cotidianas do discurso que persuade através da identificação individual e coletiva; e, por fim, de McGee (1975; 1980; 1983) que, através da Retórica dos Movimentos Sociais, procura compreender não só a expansão física e simbólica dos movimentos populares em massa, mas também as realidades marginais ou minorizadas da sociedade que, até então, não eram palcos amplamente reconhecidos de investigação científica. Desta maneira, a primeira seção da presente análise se encarrega de construir e correlacionar todas estas referências acerca do Mito e da Retórica, criando uma base teórica para a investigação que se desenvolverá ao longo do texto.

2.1 Mito

Um dos principais conceitos utilizados pela presente pesquisa é também um dos mais complexos; definir o que é o mito vem sendo um desafio para teóricos de diferentes áreas do conhecimento, como Antropologia, Psicologia, Semiótica, História, Teologia, Estudos Clássicos, Ciências Sociais, dentre outras. A origem do significado de mito, no entanto, se mostra anterior a todos estes estudos, se fazendo presente desde os tempos primitivos do homem. Estudos clássicos

destacam as evidências iniciais vindas do Médio Oriente, mais especificamente das áreas Semita e Mesopotâmia, e sua influência posterior na Grécia principalmente no período entre 750-450 a.C., conforme indicado por M. L. West (1997). O classista dedicou-se a investigar a relação entre estas duas regiões e destacou que, para além das raízes mitológicas às quais o estudo dá maior atenção, este contato de povos primitivos influenciou também as artes e produções manuais, taxonomia, economia, escrita, temporalidade, astronomia, religião, dentre outros aspectos (West, 1997, p.1-33).

Esta tentativa de definição cronológica do mito é definida por Everardo Rocha (1996) como “difusionismo mitológico” em sua obra *O que é o mito*:

Esta idéia de um difusionismo mitológico desde uma mitologia mais primitiva até as mais recentes, era uma espécie de ligação da origem naturalista com a difusão histórica. Alguns autores apontavam a mitologia egípcia como uma das fontes principais de difusão. Outros viam na mitologia dos mesopotâmios um sistema completamente desenvolvido quase três milênios antes de Cristo e que se difundiu por toda parte em épocas subseqüentes. (p. 12)

Em concordância a este desafio, West (1997) acrescenta que a dificuldade em determinar o surgimento dos mitos nestas regiões foi reforçada por dois grandes fatores: a falta de documentos e materiais físicos para análise científica desde o período Arcaico; e o mecanismo de constante mudança ou adaptação do mito de acordo com as culturas que os absorviam (West, 1997, p. 438). Como efeito desta restrição de evidências históricas primitivas, ambos os autores admitem que o desenvolvimento teórico posterior – do qual a presente pesquisa se utiliza - pautou-se numa origem grega e após o período Clássico.

Em suma, tais evidências colocam, desde o início, esta tentativa de definição do mito numa posição de constante especulação, mais do que de certeza. No entanto, com o objetivo de expor um conceito consistente com o qual o artigo se encaminhará, traz-se neste momento os avanços teóricos deste campo de pesquisa durante os séculos XIX e XX. Contando com as contribuições de Robert Segal (2004) a respeito de sua análise histórica dos estudos mitológicos, destaca-se que teóricos da Antropologia Clássica como Edward Burnett Taylor (1832–1917), James George Frazer (1854–1941), Max Muller (1823–1900) e Bronislaw Malinowski (1884–1942) foram responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa de campo antropológica, onde o pesquisador

experienciaria diretamente a vida dos nativos participando pessoalmente, ao invés de contar apenas com relatos de informantes, viajantes e missionários como fonte para suas análises (Segal, 2004, p. 1-2). Segundo o autor, isto significou um progresso na pesquisa sobre o mito por contemplar também sua dimensão social, conforme as contribuições de Malinowski (1926) em sua obra *Myth in primitive psychology*. Ao alegar que o mito é um fenômeno social, o antropólogo descreve que este serviria para intervir e conduzir a comunidade onde é criado, mais do que carregar uma verdade em si (Segal, 2004, p. 126-127).

Mais próximos da visão naturalista de Tylor e Frazer a respeito da definição do mito, estudiosos da Psicanálise apontavam para um inconsciente coletivo como base comum de referências a partir do qual estes ícones seriam criados (Rocha, 1996, p. 15-16). Conforme descrição de Everardo Rocha (1996) sobre o contributo deste campo científico ao estudo do mito, apesar de considerar a variedade de histórias, imagens e crenças oriundas de povos e culturas distintas, a Psicanálise apontavam semelhanças nas personagens principais destes contos primitivos (p. 17). Teóricos como Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Jung (1875-1961) sugeriam que esta transversalidade se continha em símbolos associados à natureza e seus fenômenos, podendo então serem incluídos na realidade de diversos grupos simultaneamente, como por exemplo “como os mitos do Sol podem aparecer desde o Egito Antigo até os Incas da América do Sul, passando, quem sabe, pela praia de Ipanema a cada verão.” (Rocha, 1996, p.3).

Ainda com base nos estudos da Psicanálise sobre o mito, Andrew Von Hendy (2002) em sua obra *The Modern Construction of Myth* aborda dois autores posteriores a Freud e Jung que desenvolveram teorias com base em uma mecânica inerente ao processo mítico, porém por caminhos distintos - nomeadamente Roland Barthes (1972) e Lévi-Strauss (1987). Ambos os autores representaram o movimento estruturalista que, segundo Von Hendy (2002), parte dos estudos da Linguística e se compõe de teorias que “buscam isolar as unidades estruturais básicas de seu campo de estudo e discernir as leis ocultas que governam o comportamento destas unidades”³ (p. 286). Em outras palavras, a busca conceitual focou em um funcionamento comum em todos os mitos, além de incluírem o aspecto social do fenômeno. No entanto, diferem-se por associá-lo a fontes divergentes: à Ideologia e ao contexto cultural, como apresentado por Barthes; ou ao intelecto, ao inconsciente e à mente, conforme Lévi-Strauss (Von Hendy, 2002, p. 279).

³ Tradução minha do original em inglês: “seek to isolate the basic structural units of their field of study and to discern the concealed laws that govern these units’ behavior”

O caráter estrutural e lógico de Lévi-Strauss foi ilustrado por Von Hendy (2002) ao comparar a referência de Edward Burnett Taylor (1832–1917) à lei presente em todos os lugares, com a afirmação do teórico sobre a mente humana ser predominante sob o mito e, por isso, também permeia todas as esferas da vida (p. 232). O teórico destaca um marco no início da carreira estruturalista de Lévi-Strauss, mais especificamente sua participação num simpósio da Indiana University com o tema “The Structural Study of Myths”. Lévi-Strauss inicia sua fala reafirmando a arbitrariedade de conteúdos e teorias ao redor do mito, porém refuta esta condição indicando que há similaridade entre todas estas versões míticas ao redor do mundo (Von Hendy, 2002, p. 232). Von Hendy (2002) indica que afirmação do teórico sobre a definição do mito aponta para uma linguagem que transcende a própria formulação verbal, contendo um caráter genérico e ordenado em seu sistema fundamental e, por isso, possibilita a similaridade (Von Hendy, 2002, p. 233). A origem deste pensamento se dá devido à seguinte influência:

The idea stems from the joining together of his very early acceptance of the Freudian unconscious, with the same modification of Freud epitomized in Lacan’s dictum that the unconscious is structured like a language. Both of these ideas then combine with Lévi-Strauss’s conviction that the endless and apparently pointless variations of behavior in some of humanity’s most universal institutions must be built upon law-like invariants that operate in us unawares. (Von Hendy, 2002, p. 233)

Mais especificamente, este funcionamento similar a leis ou regras trata diretamente da composição de elementos do mito que demonstrem, simultaneamente, paradoxos e paralelismos através de uma dupla leitura dessas histórias: diacrônica e sincrônica.

Em busca de esclarecer estes essenciais elementos do mito, Lévi-Strauss faz uma comparação entre linguagem, mito e música. Conforme descrito por Everardo Rocha (1996) no esquema visual a seguir, o autor recorria à composição da linguagem com os fonemas, palavras e frases, onde o mito faria sentido a partir dos dois últimos elementos, pulando o puro significado sonoro, ao passo que a música excluiria o que corresponderia às palavras:

	Linguagem	Música	Mito
Fonemas	+	+	—
Palavras	+	—	+
Frases	+	+	+

Figura 1. Quadro representando o conteúdo da análise de Lévi-Strauss. (Rocha, 1996, p. 33)

A comparação metafórica do teórico demonstrava que a música forma uma melodia através das notas - sons individuais –, que só têm efeito em conjunto com outras notas, resultando em “frases melódicas” para obter o efeito desejado (Rocha, 1996, p. 33). Rocha (1996) finaliza o resumo da teoria de Lévi-Strauss com a visão de que tanto a música quanto o mito fazem parte da linguagem, porém “a música acentua a dimensão da sonoridade e o mito acentua a dimensão do significado” (p. 33). Esta fragmentação de composição do mito vai sustentar a ideia central de Lévi-Strauss que o significado mito é obtido através da relação entre estas partes.

A relação entre estes componentes, segundo o teórico, deve ser analisada através de uma leitura simultaneamente sincrônica e diacrônica, visto que não é apenas a sequência cronológica (diacrônica) dos fatos que revelam seu verdadeiro significado, mas também a correlação (sincrônica) de referências anteriores, paralelas e até distantes (Rocha, 1996, p. 34). Rocha (1996) relembra que Lévi-Strauss ilustra novamente esta complexidade de abordagem ao mito através da música, desta vez indicando que sua leitura seria similar à leitura de partituras. Enquanto a leitura diacrônica seria linear, da esquerda para a direita indicando uma sequência de fatos ou notas, a sincrônica compreende o conjunto total de leituras, ou seja, cada instrumento lê as “frases” e contribui com seu som individual para que se chegue ao resultado final: a harmonia completa (Rocha, 1996, p. 35). De maneira conclusiva, o autor descreve outro fator essencial da teoria de Lévi-Strauss a respeito tanto dos componentes quanto da forma de leitura do mito. O sentido final do mito vem, ainda, da relação entre outros mitos e a sociedade em que se insere: “O mito se explica seja quando o comparamos com outros mitos num eixo horizontal, seja quando olhamos a estruturação e o pensamento da sociedade de onde retiramos o mito, num eixo vertical” (Rocha, 1996, p. 36).

A união entre os elementos da narrativa mítica e as dinâmicas que operam entre eles, resulta numa narrativa mítica que, segundo o estudo de Von Hendy (2002) sobre o Lévi-Strauss, opera no

nível inconsciente dos indivíduos (p. 234). Isto indica que as pessoas processam e reproduzem o conteúdo mítico, porém sem manipular sua estrutura e operação por não ter conhecimento sobre estes fatores. Destaca-se, ainda, que este mecanismo se mantém mesmo frente às alterações de significado que o mito sofre durante a transmissão da mensagem para cada indivíduo que o interpreta (Von Hendy, 2002, p. 234). No entanto, esta rigidez processual do mito foi futuramente criticada, principalmente pela limitação de abordagem em seu estudo e a falta de extensão na aplicação para confirmação da teoria.

Conforme o resumo crítico de Von Hendy (2002), primeiramente, Lévi-Strauss limitou-se às análises da América do Sul, onde estudou apenas pequenas tribos analfabetas deixando de lado as civilizações mais modernas e, com isso, limitando a amostra (p. 286). Em seguida, ressalta que a aplicação dos métodos de Lévi-Strauss não pôde ser confirmada quando aplicados a outras áreas. Por fim, o autor questiona a linearidade do teórico ao pensamento freudiano, uma vez que Lévi-Strauss associa o inconsciente aos processos e efeitos coletivos, ao invés dos individuais como o psicanalista (Von Hendy, 2002, p. 286-287). Dentre todos os pontos indicados, é no primeiro que a pesquisa se debruça para justificar o percurso teórico que escolheu favorecendo o outro estruturalista em questão, Roland Barthes (1915-1980).

A complexidade e rigidez presentes no estruturalismo de Lévi-Strauss, abordados nos apontamentos anteriores com relação ao seu conteúdo e crítica, limitam a possibilidade de uso de sua teoria como ferramenta de abordagem ao mito. A presente pesquisa se pauta na avaliação de que este sistema de regras provê a universalidade de seu efeito de tal maneira, que o conteúdo em si não influenciaria tanto na compreensão do mito. Sabendo que este estudo se destina à análise de grandes figuras dentro do ativismo político, é necessário que se tenha como base teorias que considerem as realidades locais, as variações culturais e as especificidades de um processo que se dá não apenas intelectualmente, mas também socialmente. E suma, o excesso de racionalidade tende a ignorar uma face do funcionamento da mente e da sociedade que não deveria, conforme reforçado por Carl Jung (2002) a respeito do regimento do inconsciente:

Longe de mim desvalorizar o dom divino da razão, esta suprema faculdade humana. Mas como senhora absoluta ela não tem sentido, tal como não tem sentido a luz num mundo em que está ausente seu oposto, a obscuridade. (...) (O homem) Jamais deveria esquecer que o mundo existe porque os seus opostos são mantidos em equilíbrio. O racional é

contrabalançado pelo irracional e aquilo que se planeja, pelo que é dado. (Jung, 2002, p. 103)

Em sentido contrário, destaca-se uma tentativa de unir a existência de um processo estrutural de funcionamento do mito com a cultura popular e a consequente manutenção de ideologias. Roland Barthes (1972), em sua obra *Mitologias*, propõe uma extensa abordagem a diferentes formatos e objetos dentro da cultura francesa, demonstrando a pluralidade de aplicações do mito no cotidiano (Von Hendy, 2002, p. 290). Barthes (1972) indica que a estrutura do processo mítico precisa conhecer intimamente uma cultura para suceder em sua disseminação (p. 120). Ao apresentar os elementos que compõem o discurso mítico como carregados de significados e proximidade contextual, Barthes (1972) complementa: “Seus elementos são conectados por relações associativas: são suportados não por uma extensão, mas pela profundidade (embora esta metáfora seja, talvez, espacial demais): seu modo de presença é memorial.”⁴ (p. 120-121).

Considerando que o presente estudo partiu de um recorte onde as causas humanitárias e a política pautam o contexto do objeto analisado, justifica-se a vertente semiológica e linguística trazida por Barthes como base teórica para seu desenvolvimento. Apresentado de forma associativa ao conceito de Retórica, a ser introduzido em seguida com uma abordagem específica neste tema, compreende-se que a difusão de discursos seja um mecanismo central de compreensão. Neste sentido, os diversos meios de comunicação se mostram como fatores essenciais à pesquisa ao interferirem na forma desta propagação, algo previsto por Barthes (1972) e aplicado em seus artigos na primeira seção da obra *Mythologies*:

Speech of this kind (myth) is a message. It is therefore by no means confined to oral speech. It can consist of modes of writing or of representations; not only written discourse, but also photography, cinema, reporting, sport, shows, publicity, all these can serve as a support to mythical speech. (Barthes, 1972, p. 108)

⁴ Tradução minha do original em inglês: “Its elements are linked by associative relations: it is supported not by an extension but by a depth (although this metaphor is perhaps still too spatial): its mode of presence is memorial.”

Ao descrever as múltiplas fontes da análise mítica, Barthes novamente reforça a presença destes discursos na realidade do cidadão comum, na mídia de massa e na cultura popular - uma das características principais de suas pesquisas associando mito e ideologia.

Mais especificamente tratando-se das causas humanitárias em paralelo à política, as quais compõem o recorte do presente estudo, faz-se necessária uma investigação que alie os discursos, as audiências e os veículos desta comunicação. O discurso mítico deve ser interpretado considerando as estratégias simbólicas e de persuasão nos diversos contextos, contemplando mecanismos específicos para que haja uma efetiva intervenção social e construção ideológica mediante tais mensagens. É possível ilustrar esta necessidade de um viés de análise múltiplo através, por exemplo, da figura de Malala Yousafzai, que dispõe simultaneamente de uma antiga coluna jornalística na BBC, aparições na ONU, reuniões presidenciais, redes sociais, ativistas dando suporte e ainda um documentário biográfico *He Named Me Malala* (2015) onde relata sua trajetória e a de sua família desde a militância em anonimato até a repercussão mundial.

Consciente da especificidade da linguagem praticada pelo mito em suas diversas representações e canais (intertextualidade), Barthes (1972) define que mito é um discurso, um sistema de comunicação, um mecanismo linguístico, uma linguagem em si (p. 107-108). Este sistema, por sua vez, parte de um primeiro sistema semiótico, ou seja, do conjunto de sinais formulados histórica e naturalmente pela sociedade - compostos pelo significante, significado e seu signo final. Em seguida, o discurso mítico se apropria dos sinais deste primeiro sistema para formular uma nova linguagem, atrelar novos sentidos e criar, então, o segundo sistema semiótico (o próprio mito).

Para auxiliar na compreensão deste sistema proposto, Barthes faz um esquema visual e depois descreve cada elemento com um novo nome relativo ao segundo sistema semiótico:

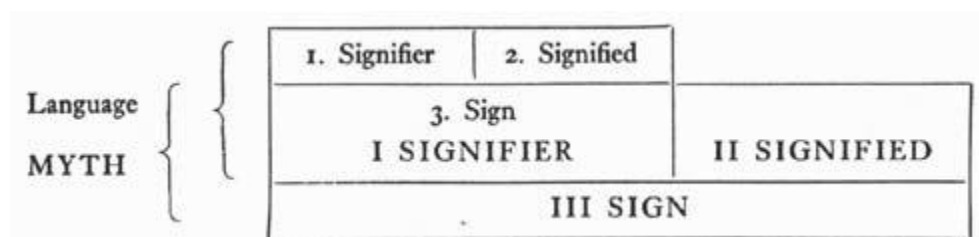


Figura 2. Esquema de Roland Barthes indicando o segundo sistema semiótico presente no mito. (Barthes, 1972, p. 113)

O primeiro sistema semiótico é nomeado pelo autor como “linguagem-objeto”, definido como a fonte de sentido pelo qual o mito se cria, enquanto o segundo sistema é indicado como “metalinguagem” (Barthes, 1972, p. 113-114). Os itens 1 e 2 deste primeiro sistema mantêm seu nome, diferente do que acontece com o item 3. Este terceiro elemento se mostra o mais complexo de se definir, visto a ambiguidade de sua composição e função. Ele é o elo entre os dois sistemas e, por isso, assume duas representações distintas em cada um deles: no primeiro sistema semiótico o teórico o define como “sentido”, enquanto no segundo sistema ele o nomeia de “forma” (Barthes, 1972, p. 115). Por último, o item 2 do segundo sistema assume o nome de “conceito” e o 3 é denominado de “significação” (Barthes, 1972, p. 115). Abaixo é possível observar o mesmo esquema, porém composto pelas novas denominações:

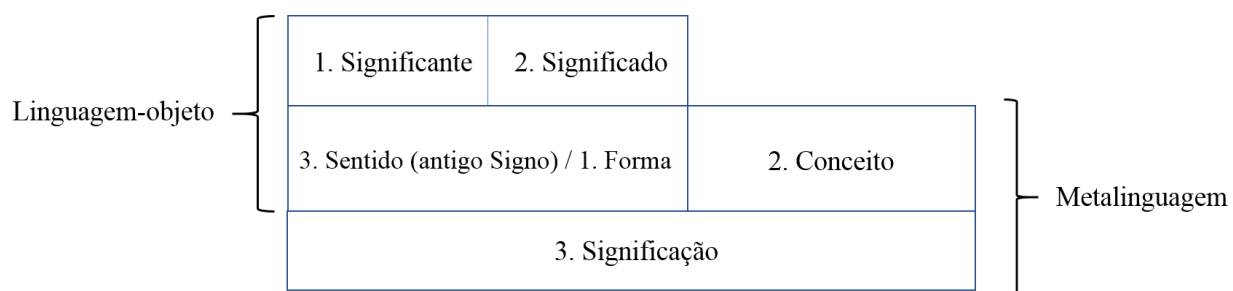


Figura 3. Tradução do segundo sistema semiótico do mito de Roland Barthes (1972)

O processo de criação e adaptação do discurso mítico é detalhado por Barthes (1972) mediante seu ponto mais complexo: a transição do sentido (antigo signo do primeiro sistema semiótico) para forma, elemento inicial do segundo sistema semiótico (p. 116). Para que o mito seja bem-sucedido em incluir a sua mensagem na história, ressignificando uma informação previamente conhecida, ele constrói sua mensagem contemplando os signos comuns à língua e a seus falantes, oriundos do primeiro sistema semiótico, unificado pelo autor como uma consciência significadora (Barthes, 1972, p. 118). Porém, neste momento o mito pauta também seu caráter ambíguo, e por vezes contraditório, ao esvaziar parcialmente esta simbologia prévia, convertendo-o em forma – um elemento livre para ser preenchido com outra mensagem a partir dele (Barthes, 1972, p. 117).

Barthes esclarece que este elemento ambíguo não é totalmente abolido de seu sentido original, no entanto ele se mantém latente e pode ser trazido novamente no discurso mítico quando

seja necessário. Estas memórias, histórias e ideias pré-concebidas podem ser lembrados pelo mito, caso sua mensagem esteja muito distante das realidades ou dos públicos para quem fala:

(...) the form must constantly be able to be rooted again in the meaning and to get there what nature it needs for its nutriment; above all, it must be able to hide there. It is this constant game of hide-and-seek between the meaning and the form which defines myth. (Barthes, 1972, p. 117).

Este mecanismo de esconder ou evidenciar o sentido / forma do discurso mítico é representado pelo sentido final (significação) que se forma após o novo conceito dado. O autor destaca a possibilidade de repetição destes conceitos míticos mediante formas distintas, ou seja, este discurso pode partir de imaginários divergentes e levar ao mesmo fim (Barthes, 1972, p. 119). Para que isso seja possível numa dimensão representativa, o mito se mantém constantemente adaptando e distorcendo as mensagens para ganhar adeptos e grupos inicialmente conflitantes. Ao identificar a recorrência destes novos conceitos, o estudioso do mito estaria então mais próximo de decodificar o mito por completo (Barthes, 1972, p. 118-119).

De forma conclusiva relativamente aos elementos de composição deste segundo sistema semiótico, o autor define que a significação provoca o entendimento final sobre algo, ao mesmo tempo que impõe esta verdade para a audiência. O discurso se mostra então congelado, purificado, eternamente feito absente de seu sentido literal (Barthes, 1972, p.122-123). Acrescenta que as mensagens orais são mais lineares na formação de sentido do que as visuais, que são multidimensionais e mais complexas. Para sua interpretação, o pesquisador deve saber que o sentido/forma é relacionado a um lugar e a uma proximidade contextual da realidade do mito, enquanto o conceito apresenta uma condensação global, como uma névoa associativa de pensamentos (Barthes, 1972, p. 120-121).

Cabe, neste momento, apresentar outra teórica que também aborda a análise simbólica e discursiva do mito: Martha Solomon (1979). A autora investiga a obra *The Power of the Positive Woman* (1977), escrita por um grupo antifeminista, católico e conservador nos Estados Unidos da América, o STOP ERA. Para esclarecer brevemente a respeito da temática e do contexto da publicação, ERA se tratava do *Equal Rights Amendments*, um projeto de emenda de lei americano

apresentado desde 1925 que defende os direitos iguais aos cidadãos, independente do gênero⁵. A primeira proximidade entre Solomon e Barthes se dá na abordagem do caso, que contempla uma variada gama de formatos para considerar o conteúdo semiótico do discurso: títulos dos folhetos, adjetivos e descrições das personagens do livro, sinônimos de mensagens como o caso da jornada de luta, bem como imagens da campanha política. Mais especificamente com relação ao conteúdo da obra, a autora aborda a tentativa de ressignificação de elementos amplamente conhecidos para construção do mito como um de seus principais argumentos (Solomon, 1979, p. 262), assim como o mecanismo descrito por Barthes.

Outra ilustração cabível de correlação entre ambos os estudos, seria relativo ao ato de ocultar o sentido de um significado largamente conhecido pela sociedade, tornando-o um novo significante para formar o discurso mítico. Barthes (1972) explica que o mito manipula o sentido dos símbolos para criar uma verdade em cima de algo que já era estabelecido (p. 117-118), e isto pode ser observado no caso da *Positive Woman* – personagem construída na obra analisada – ao tentar ressignificar a mulher doméstica popularmente conhecida e acusada pelas feministas como uma figura passiva, incapaz, sem individualidade nem poder cívico. O livro dedica-se, no entanto, a reposicionar estas características como sinônimos de uma mulher que enaltece os reais valores femininos, reconhecendo ação e poder através apenas da influência sobre o homem, zelando a moralidade ao se dedicar integralmente à família e à função reprodutiva defendida pelo Catolicismo. Neste sentido, o discurso propagado pelo grupo antifeminista parte de símbolos comuns à sociedade, segundo Solomon (1979), de uma imagem da mulher conhecida por todos para idealizar uma nova realidade (p. 274). Segundo a autora, é neste meio termo entre a realidade e o utópico que a *Positive Woman* conseguiu construir um mito capaz de avançar com a causa. Esta dualidade de representação seria também aonde se encontra a literatura romântica, a forma escolhida para performar o discurso político-social em questão (Solomon, 1979, p. 263).

Martha Solomon (1979) explica, ainda, que a mulher metaforicamente construída pela STOP ERA tem poder e é ativa na condução da própria vida, quando, na realidade, ela reafirma valores e normas sociais que limitam sua ação e a colocam numa condição passiva de vida (p. 268). Em resumo, o movimento antifeminista constrói uma imagem e associa poder a ela, quando a atitude por detrás é impotente. Ao aplicar esta metáfora à análise semiótica para a construção de um mito ao caso da Malala, podemos partir do fato de que ela criou uma imagem de sua causa em

⁵ Mais informações a respeito do projeto disponível em: <https://www.equalrightsamendment.org/>

prol da educação infantil, numa frase repetida ao longo dos anos: “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”. Fazendo esta associação repetidamente quase como um *slogan* publicitário, Malala tenta dar poder à dimensão individual da causa, indicando um grande efeito a partir de um pequeno gesto. Desta forma, engrandece o mito por ressignificar uma cena ou uma condição aparentemente simples, palpável e minimamente exequível, e transformando-a num ato soberano, universal e fundamental do desenvolvimento humano global.

Retornando ao conteúdo específico da obra de Barthes (1972), a fase seguinte à apresentação de sua proposta de mecanismo linguístico foi composta pela análise do mito nas vertentes políticas: direita e esquerda. Neste ponto, Barthes expõe sua busca pela formação ideológica intencional destes discursos vindos quase que exclusivamente da direita. Seu posicionamento se evidencia como pertencente à esquerda e é reforçado ao longo de toda a obra ao se referir à influência e dominação burguesa na cultura popular. A parcialidade do autor foi fonte de críticas que acusavam uma limitação analítica ao desconsiderar mecanismos também praticados pelas políticas sociais, conforme ilustrado por Andrew Von Hendy (2002):

Barthes’s employment of the term ‘myth’ is specialized, as specialized as its polar opposite, Sorel’s, but by limiting his range to the structure of the naturalizing obfuscations of bourgeois ideology, Barthes attaches to the demotic ‘That’s just a myth!’ a denotation more precise and perhaps more truly close to the bone than anyone else has managed. (Von Hendy, 2002, p.293)

O teórico acrescenta ainda que Barthes, posteriormente à obra, teria admitido que a Semiologia não poderia formular uma ciência à parte da Linguística – ponto inicialmente conflitante com Saussure indicado na introdução do livro. Por fim, questionou a clareza deste mecanismo entre sentido/forma ao indicar que Barthes mais confunde os dois, do que esclarece (Von Hendy, 2002, p. 290-293).

Visto que as principais críticas não afetam essencialmente a teoria de Barthes, faz-se possível a continuação da presente introdução aos principais conceitos da pesquisa. Cientes do percurso e influência científica para compreender o mito, parte-se então para definir a Retórica, sua aplicação no presente estudo, bem como os principais teóricos trazidos para esclarecer como se dá a persuasão deste discurso. Autores como Kenneth Burke e Michael McGee serão analisados

e sobrepostos mediante suas teorias, respectivamente, a respeito da Nova Retórica e do mito sob o viés de análise da Teoria do Movimento Social. O objetivo é que, no final, o leitor compreenda de maneira integrada a definição dos conceitos, bem como a correlação entre ambos.

2.2 Retórica

Após ter apresentado o conceito de mito com o qual o seguinte texto irá associar a figuras emblemáticas do ativismo político em defesa dos Direitos Humanos, a presente pesquisa traz agora a noção de Retórica como outra fonte teórica para a investigação. Ciente do foco dado à comunicação e interação destes ícones com a sociedade como forma de expansão e manutenção de suas imagens hegemônicas, é viável justificar a aproximação de teorias que expliquem este fenômeno através do discurso, considerando desde suas evidências explícitas (texto, imagem, gestos) até as implícitas (simbólico, inconsciente, imaginário). De forma complementar à Semiótica de Barthes, a Retórica se mostra como uma área do conhecimento que também analisa e aplica estas habilidades discursivas em prol, por sua vez, de um efeito persuasivo a ponto de, assim como nos mitos, haver a coesão social.

Com o objetivo de contextualizar o conceito de Retórica, cabe aqui ressaltar que este conhecimento nasceu na Grécia Antiga enquanto esta se encontrava em processo de formulação do que seria a vida pública, a cidadania, a democracia e a política. O exercício de gestão governamental que se implantara tinha como base a oralidade e, conforme descrito na obra de Harvey Yunis (1991), se dava através do exercício do debate e da dialética entre o orador e o *demos* – “aqueles que, em grupo, decidiam as propostas”⁶ (p.179). Yunis (1991) destaca ainda que, mesmo contrastando líderes considerados demagogos ou democráticos – Péricles e Cléon neste caso, que instruíam ou manipulavam o público – todos exprimiam o ímpeto e a técnica da persuasão explorada pela Retórica (p. 183). Por fim, os valores, a moralidade e a ética eram definidos mediante consenso entre os cidadãos (à exceção das mulheres, crianças, escravos e estrangeiros), que apenas se sucedia através da persuasão do orador mediante os argumentos, críticas e divergências da audiência.

Este enquadramento histórico, apesar de distante dos dias de hoje, se mantém relevante à medida que se observa as novas dinâmicas presentes nas redes sociais, nos novos media e na

⁶ Tradução minha do original em inglês: “those who as a group decided on the proposals.”

Internet, onde o acesso e a liberdade de expressão indicam lados conflituosos. À medida que esta audiência impõe um novo acesso público à informação e ao debate, cresce também o número de *fake news*, de discursos políticos inconsequentes e da perda de controle ou regulação que busquem preservar a honestidade e a transparência das informações divulgadas. Organicamente, estas redes globais se sustentam mediante anonimatos, representações virais e, paralelamente, efêmeras. Tais conexões entram em conflito com os valores idealizados desde o surgimento da Retórica na Grécia Antiga, relativos à gestão democrática da informação e tomada de decisão coletiva para a vida pública. De forma conclusiva e recorrendo ao pensador Tucídides (460 - 395 a.C.), Yunis (1991) destaca os dois fatores característicos dessa retórica política que, mediante o contexto apresentado, vêm se afastando das dinâmicas atuais: “esta retórica deve ser escrupulosamente honesta na apresentação do conselho político do orador e deve se basear em argumentos razoáveis em função de seu poder persuasivo” (p. 191)⁷.

Retomando relativamente ao conceito de Retórica, os estudiosos da época avançam em busca das diretrizes para se defender uma ideia da maneira mais eficiente, formatando argumentos e manipulando a linguagem para ganhar o apoio da comunidade. Os precursores desta investigação, denominada hoje em dia como Retórica Clássica ou Tradicional, foram, sucessivamente, Sócrates (469 - 399 a.C.), Platão (428 - 347 a.C.) e Aristóteles (384 - 322 a.C.). Ciente das extensas contribuições destes três cânones a respeito do pensamento e da vida humana para diversos campos da ciência, destaca-se especificamente Aristóteles no âmbito da construção dos estudos retóricos, ao escrever a *Retórica*.

O avanço da teoria se sucedeu com os séculos, chegando à Idade Média ao enfrentar a limitação do acesso ao conhecimento pela Igreja, evidenciando nomes como Santo Agostinho e a prática de aplicar Deus como verbo em prol da catequização do homem e expansão do catolicismo. O desenvolvimento dos estudos religiosos transferiu, desta forma, a persuasão retórica oriunda da política e da democracia para a manipulação e formação moral do homem mediada pelo discurso religioso. Em seguida, destaca-se o período do Renascimento como marco para uma nova fase de disseminação da mensagem, desta vez escrita e distribuída pelo início do que hoje chama-se de imprensa. O caráter renovador deste momento da humanidade trouxe consigo a visão pessimista

⁷ Tradução minha do original em inglês: “such rhetoric must be scrupulously honest in its presentation of the speaker's political advice and must depend on reasoned argument for its persuasive power”.

da Retórica, sendo esta associada à manipulação enganosa e à mentira em contraste com o êxito da liberdade e do acesso à informação como nunca visto antes.

Apenas nos séculos XIX e XX com o desenvolvimento tecnológico e o avanço nos meios de comunicação, a área ganha novas abordagens através da releitura dos textos clássicos. Estudiosos retomam, principalmente, Platão, Aristóteles, o teatro e os mitos; associando-os às novas mídias, ao cinema e à arte em paralelo ao contexto social em que se inseriam. Além disso, ultrapassam ainda a linguagem verbal ao considerar também as expressões não-verbais – gestos, imagens e estética – como componentes de discursos (retóricos) formais ou informais. Esta renovada vertente, posteriormente denominada de Nova Retórica, foi escolhida como recorte teórico para a definição de Retórica na presente pesquisa devido, principalmente, a ambos os aspectos inovadores deste movimento.

Outra característica transversal à nova fase dos estudos foi o reconhecimento e a aplicação das contribuições de outras áreas do conhecimento em relação à Retórica, com destaque para a Antropologia, a Sociologia e a Psicanálise. De maneira semelhante às associações de Roland Barthes (1969) entre a Semiótica e a Psicanálise, a Nova Retórica reconheceu as esferas do inconsciente e os processos intelectuais ao tratar do aspecto simbólico do discurso e do imaginário (individual e coletivo), formando o contexto da linguagem produzida. Tal interdisciplinaridade se mostra pertinente à presente pesquisa, uma vez que trata de figuras construídas por discursos que permeiam realidades e indivíduos distintos, porém que conseguem tornar tangíveis suas ideias em atitudes e ações coletivas. Desta forma, tanto o homem quanto seu grupo e o pensamento coletivo têm de ser analisados de forma associativa para que possam ser integralmente compreendidos.

Os precursores da Nova Retórica, nomeadamente Kenneth Burke (1969) e Chaim Perelman (1969), associam-se pelo avanço das pesquisas sobre a audiência, caracterizando uma retórica social. No entanto, conforme apresentado por Jim Hansom (1997) durante a *National Communication Association Conference* em Chicago, diferem-se uma vez que “A teoria de Perelman sobre retórica é social como uma transferência de ideias, enquanto a teoria de Burke é social como uma transformação de identidade”⁸. Hansom (1997) esclarece que ambos tratam da aderência de uma audiência à mensagem que está sendo emitida, porém enquanto Perelman foca nos processos em grupos de indivíduos fazendo com que o orador se adapte a esta consciência,

⁸ Tradução minha do original em inglês: “Perelman's theory of rhetoric is social as a transference of ideas, whereas Burke's theory is social as a transformation of identity”.

Burke considera paralelamente os efeitos pessoais do orador para sua própria adesão ao movimento. Perelman aborda o intelecto e os processos mentais da persuasão em massa, se aproximando mais da linha de pensamento de Platão e Lévi-Strauss, enquanto Burke, recorrendo principalmente às provas artísticas e ao *ethos* de Aristóteles, assemelha-se a Barthes e tem como base a esfera simbólica da mensagem onde o contexto cultural e social são fundamentais para compreender e manejar uma determinada linguagem com eficácia.

A presente comparação entre os contributos de ambos os autores tem como objetivo indicar mais um direcionamento teórico para a condução deste estudo. Pela presente análise considerar o discurso mítico um processo também individual – onde o destaque pessoal assume uma dimensão social de maior evidência –, a mesma se aproxima mais da visão de Kenneth Burke principalmente a respeito da Consustancialidade e Identificação, termos estes que serão esclarecidos em seguida. A argumentação e a lógica de Perelman não seriam suficientes para interpretar as escolhas pessoais, as divergências e discordâncias transpassadas para a efetiva persuasão do mito. Já Burke, ao indicar uma retórica que também considera os motivos, a essência e os desejos intrínsecos de indivíduos e grupos simultânea e ambigualmente, aborda diretamente o mito em associação à ideologia – assemelhando-se novamente a Roland Barthes – frente as suas múltiplas e maleáveis interpretações.

Mais especificamente a respeito do termo Identificação, Burke expõe que ele complementa a noção de persuasão da Retórica Clássica (1969, p.49-55), ao invés de substituí-la. Identificar-se com alguém ou com alguma ideia, segundo o autor, pode ser originado por uma motivação sincera e compreende movimentos ambigualmente pessoais e coletivos. O indivíduo se identifica pessoalmente, porém, simultaneamente associa-se a um imaginário compartilhado pelo orador ou pelo grupo que suporta esta mesma ideia. Ao mesmo tempo que se observa a soma e a união ao identificarem-se com a mensagem compartilhada, há também a divisão pessoal, ou seja, uma separação dos motivos divergentes que impediriam o consenso (1969, p.22). Desta forma, para que haja a coesão social através da identificação de um público, ele precisa transcender suas contrariedades pessoais, suas divisões.

Desta vez referente à Consustancialidade, Burke indica que esta se faz presente quando duas pessoas se identificam a ponto de serem semelhantes ou equivalentes uma a outra. Para que isto aconteça, segundo o teórico, a pessoa pode voluntariamente se identificar semelhante ao outro, ser persuadida para tal, ou ainda seus gostos serem realmente equivalentes. As características análogas

são indicadas como as substâncias e, a partir do momento que são compartilhadas, tornam-se “consustâncias”: “Substância, nas filosofias antigas, era um ato; e uma forma de viver é um agir-junto; e agindo junto, homens têm sensações comuns, conceitos, imagens, ideias, atitudes que os fazem consustanciais” (Burke, 1969, p.21)⁹. Burke traça ainda outro paralelo à noção de substância, associando-a ao motivo – outro conceito central em sua teoria. Motivo, por sua vez, seria então o ímpeto interior, a essência (pura ou não) do indivíduo em se envolver com alguém, um grupo ou uma ideia. Algo que ele pareceu começar a constar anteriormente ao analisar a obra e o desempenho de Hitler, destacando que o tempo que o líder alemão viveu na Áustria, entrando em contato com a pobreza e miséria, teria genuinamente sensibilizado ele a ponto de viabilizar sua retórica e (futura) perseguição antissemita (Burke, 1957, p. 168).

Neste sentido, ele aprofunda a noção de motivo ratificando a importância do contexto (poético) e do imaginário do indivíduo para que se compreenda o real motivo de suas ações (Burke, 1969, p.6). Este mesmo imaginário é a fonte que o indivíduo tem para se expressar, é dele que se constrói a linguagem, os sentimentos e as representações pessoais para encarar o mundo:

(...) where the pairs are not merely to be placed statically against each other, but in given poetic contexts usually represent a development from one order of motives to another. Such terms, here selected at random, suggest different families of images in terms of which the processes of transformation in general might be localized, or particularized. (Burke, 1969, p.11)

Neste momento, o autor se aproxima novamente de Barthes, ao mesmo tempo que se distancia de Lévi-Strauss, visto que identifica os pares binários ou opostos, mas entende que eles por si só, estaticamente comparados – como é o caso do determinismo intelectual e cognitivo para a Semiótica de Lévi-Strauss – não seriam suficientes para entender os motivos por detrás do ato, sendo então o contexto fundamental à análise.

Outro ponto de semelhança com a teoria de Barthes a respeito do discurso mítico se dá pelo caráter ambíguo previsto por ambos. Segundo Burke, uma pessoa pode se identificar com vários grupos ao mesmo tempo, ou seja, o mesmo motivo pode estar presente em mais de um imaginário

⁹ Tradução minha do original em inglês: “For substance, in the old philosophies, was an act; and a way of life is an acting-together; and in acting together, men have common sensations, concepts, images, ideas, attitudes that make them consubstantial.”

e, quando indica o discurso ideológico (associado ao mítico), aponta que há ainda a transcendência dos pontos divergentes para que a ideia seja aceita por muitos grupos ao mesmo tempo (1969, p.10-11). Barthes, por sua vez, indica o caráter ambíguo que o discurso mítico pode ter, uma vez que lida com duas realidades ao mesmo tempo para fazer sentido e gerar um novo conceito – o imaginário latente na esvaziada “forma” em contraste com o novo “sentido” dado pelo mito no segundo sistema semiótico.

Uma divergência identificada entre os dois principais autores da presente pesquisa, no entanto, se dá na abordagem das teorias de Karl Marx sobre do discurso ideológico. Diferente de Barthes, Burke entende que os discursos da esquerda também poderiam conter características persuasivas. Apesar de ambos criticarem a dominação burguesa ou elitista, Burke interpreta que as teorias marxistas são aplicáveis a outros contextos e áreas da vida. Esta visão amplificada dos processos ideológicos estando presente em todos os “lados” é reforçada pelo autor através das contribuições de Karl Mannheim (1956) ao abordar a noção de utopia:

But Mannheim also seems to employ the term "ideology" in a more general sense, to include both kinds. This shifting of usage is made all the more necessary by the fact that changing historical conditions can change the function of a perspective, so that terms once progressive in their implications can become conservative. (Burke, 1969, p.199)

Neste momento, o teórico indica novamente o contexto como determinante para definir se uma ideia que está sendo transmitida é ideológica, utópica ou mítica, podendo estes rótulos se alternarem dependendo da situação.

Este tópico envolvendo o partidarismo e a ideologia por detrás das dinâmicas míticas é complexo e merece um pouco mais de atenção, principalmente devido ao enquadramento político do presente estudo e pela recorrência desta discussão nas obras de Burke (1969) e Barthes (1972). A imagem de Malala Yousafzai serve de objeto de análise para esta questão quando associada à imagem de outra jovem militante que enfrenta um contexto próximo em sua terra natal, e defende causas similares à dela – como a defesa à vida da criança, educação, questões de gênero, nacionalismo e o combate a injustiças –, Ahed Tamimi. Esta comparação é algo abordado recentemente pelo jornalismo mundial, visto o crescimento da repercussão de ambas as imagens, porém com dimensões e reações diferentes. A ideia desta exposição que se seguirá não é definir o

discurso de Malala como um mito da direita, enquanto Ahdé é excluída da possibilidade de tornar a sua imagem mítica por pertencer à esquerda. Mas sim, investigar como elas constroem suas identidades ao passo que dissipam sua imagem pelo mundo, facilitando ou não a identificação e a proximidades delas com grupos de grande poder. Para tal, a análise aborda os discursos de ambas em contraste com a influência, os agentes e os apoios de lideranças da direita com relação às suas causas. Em suma, buscou-se observar os resultados de ambas até o momento com o intuito de ressaltar e confirmar o aparente favoritismo ocidental de Malala, quando comparado à popularidade e aos avanços de Ahdé.

Esta dinâmica de influência que foi inicialmente identificada toca, por sua vez, em uma questão que não é primariamente associada à semiótica mítica ou à retórica propriamente dita. No entanto, serve como um importante espectro de análise quando se aborda objetos políticos, ainda mais se tratando das duas ativistas em questão: o orientalismo. Edward Said (1990) – um dos principais autores desta temática no século XX – destaca que o Oriente é uma parte integrante da vida cultural e material do Ocidente, porém pautado por um histórico “de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia” (Said, 1990, p. 17). Nesta perspectiva, define que o Ocidente utiliza, produz e mantém o orientalismo como uma forma de discurso e de controle sobre o Oriente, contando “com o apoio de instituições, vocabulários, erudição linguística, doutrinas e até burocracias e estilos coloniais” (Said, 1990, p.13-14). Ou seja, a problemática essencial é a questão de falar sobre o outro ou de dar voz a ele, discursar pelo outro ou dar/permitir visibilidade à sua mensagem original – respeitando sua língua, sua simbologia, seu local de fala.

A questão que se destaca com o auxílio das reflexões de Said (1990) é a relação de negociação entre estes lados do mundo, ou seja, o orientalismo viabilizando “declarações a seu (Oriente) respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o (...)” (Said, 1990, p. 15). Desta maneira, é necessário estar ciente de que a imagem de Malala provavelmente foi permitida e incentivada a circular com mais efetividade justamente por uma identificação – e talvez até permissividade – maior do Ocidente para com seu discurso, ação e inimigo comum: o terrorismo do Talibã. Por outro lado, Ahdé é uma figura que confronta, que exige diálogo e que não aceita a opressão de um amigo do Ocidente – Israel –, indica ter encontrado muito mais dificuldade, menos apoio institucional, menos reconhecimento público, menos investimento, menos poder de negociação, menos expressividade e menos liberdade.

O caso que será exposto em seguida traz relatos das ativistas, de jornalistas e cidadãos majoritariamente do mundo oriental a respeito da evolução ou impedimento no desenvolvimento de suas causas, movimentos e imagens no mundo. Neste sentido sim, a pesquisa busca dar voz e se aproximar mais da fala original das personagens para, ainda assim, criar um entendimento do outro através da própria prática do orientalismo – visto que a presente autora é ocidental. Esta inevitável parcialidade é um desafio previsto e mencionado anteriormente também sobre o investigador de mitos, uma vez que ele precisa entender o próprio contexto, as limitações e o imaginário pessoal para com os objetos. Em suma, para tal argumentação, serão utilizadas três matérias jornalísticas principais, além de outras fontes externas: a publicação de Shenila Khoja-Moolji (2017) para o jornal Al Jazeera intitulado de “Why is the West praising Malala, but ignoring Ahd?”; o artigo de Sarah Kastner (2018) para o portal The Conversation intitulado de “Ahd and Malala: Why we revere some girl activists and not others”; e as reportagens em vídeo de Dena Takruri para o AJ+ (2018a; 2018b) intituladas de “Ahd Tamimi: Palestine's Freedom Fighter” (partes I e II).

Ahd Tamimi é uma adolescente palestina de 18 anos, nascida, assim como Malala, num pequeno vilarejo – Nabi Saleh – que enfrenta “repressão militar brutal na mão de homens totalmente armados” (Kastner, 2018).¹⁰ Os responsáveis por este contexto de violência no caso de Malala faziam parte do grupo terrorista Talibã, enquanto para Ahd este inimigo é o exército de Israel que ocupa ilegalmente sua região. Ambas enfrentaram episódios quase mortais decorrente destas ocupações conflituosas: Malala recebeu um tiro na cabeça após um atentado reconhecido pelo grupo terrorista devido suas atividades políticas, enquanto o primo de quatorze anos de Ahd também foi baleado na cabeça pelo exército israelense enquanto invadiam a propriedade da família Tamimi para jogar bombas de gás nas crianças que brincavam próximas dali¹¹. A repercussão de ambos os episódios é um dos fatores de distinção de suas trajetórias. Malala foi levada para recuperação física e reconstrução da vida sob proteção e financiamento do Reino Unido, com cobertura midiática internacional intensa, além de campanhas políticas para arrecadação de fundos. Já Ahd, por sua vez, teria apenas a própria revolta como forma de responder ao ato brutal do exército e exigir um reconhecimento e apoio de forças maiores. O resultado disto se deu, no dia

¹⁰ Tradução minha do original em inglês: “brutal military repression at the hands of fully-armed men.”

¹¹ Mais detalhes a respeito do local do incidente e cenas do momento de conflito entre Ahd e as forças militares israelitas disponíveis em: Janna Jihad, J. (2018, janeiro 3). The full story of Ahd Tamimi's arrest. *TRT World*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vPwAyNRuuJY>

seguinte ao atentado ao primo, com Ahed enfrentando um soldado em sua residência com gritos e um tapa no rosto do oficial – o que foi filmado e se tornou um vídeo viral –, resultando na prisão dela e da mãe por oito meses (Takruri, 2018a).

A polícia israelense se manifestou, ainda, com desejo de estender a pena da adolescente, na época com dezesseis anos, devido ao fato de que “ela ‘aparenta um perigo’ para soldados (representantes do estado) e poderia obstruir o funcionamento do estado (a investigação)”¹² (Khoja-Moolij, 2017). Para além das autoridades mencionadas, foi notória a falta de apoio das feministas, dos militantes pelos direitos humanos e até de representantes oficiais de governo com relação à causa de Ahed, culminando em seu visto negado aos Estados Unidos da América para um *tour* de palestras e participações em eventos no país em 2016 (Kastner, 2018). Em comparação, a repercussão da vida de Malala gerou o lançamento de campanhas e petições de ministros do Reino Unido e da própria UNESCO como “I am Malala” e “Stand Up For Malala”, além do convite para encontrar o atual presidente da altura Barack Obama, e dois prêmios em anos consecutivos ao Nobel da Paz em 2013 e 2014 (Khoja-Moolij, 2017).

Em suma, estas evidências com reações opostas do ocidente para com a trajetória e luta de ambas apontam, segundo apoio das análises jornalísticas, para um “humanitarismo seletivo”, onde, dependendo do inimigo e da forma de militância, podem sustentar uma imagem de ídolo ou de ameaça. Neste sentido, Malala ganhou o suporte de líderes conservadores e forças imperialistas ocidentais através de um discurso que evidencia o desenvolvimento do indivíduo para o alcance do bem comum, citado e exemplificado anteriormente através de seu emblema largamente utilizando em seus discursos, campanhas e replicações de sua imagem utilizando o “*slogan*”: “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”. Isto é algo que, conforme salientado por Kastner (2018), se alinha com o pensamento neoliberal de que cada indivíduo tem acesso às mesmas oportunidades: “O uso da retórica sobre salvar mulheres e crianças no Oriente Médio por políticos é uma das formas que o liberalismo apela emocionalmente para o Ocidente ganhar suporte para o E.U.A. levando ao ‘War on Terror’.” (Kastner, 2018)¹³. Em sentido oposto, a jornalista descreve que “Histórias como as de Ahed insistem em formas coletivas de liberação

¹² Tradução minha do original em inglês: “They have argued for extending Ahed's detention because she ‘poses a danger’ to soldiers (state representatives) and could obstruct the functioning of the state (the investigation).”

¹³ Tradução minha do original em inglês: “The use of rhetoric about saving women and children in the Middle East by politicians is one of the ways that liberalism appeals to Western emotions to garner support for the U.S. led “War on Terror (...).”

ao invés da liberação individual, chamando atenção para sistemas difundidos e arraigados de opressão que não podem ser remediados por atos individuais encorajados” (Kastner, 2018)¹⁴. Ahed Tamimi tem parte de sua fama sustentada pelos próprios jovens do país que, não só a apoiam, como se inspiraram em lutar contra o exército de Israel, fazendo vídeos das ações locais envolvendo os moradores dos vilarejos com a violência e o abuso das tropas que ocupam a zona.

Ao dedicar uma análise semiótica e retórica também do que está sendo dito pelas ativistas, observa-se uma distinção na forma com que discursam. Por um lado, observa-se uma tentativa de universalização da mensagem através de uma estratégia de repetição que se aproxima da ideia de *slogan*. Burke (1957) prevê este mecanismo na repercussão de figuras proeminentes na política, como foi o caso indicado anteriormente a respeito da análise de Hitler, onde destacou a repetição interminável como uma forma de reafirmar valores e de enfrentar o inimigo “comum”, associada às estratégias de Publicidade e ao próprio *slogan* devido ao uso de frases e mensagens de impacto (p. 186). Similarmente, Barthes (1972) indica que mitos tendem a utilizar provérbios e “a ideologia burguesa investe nesta figura, interesses que estão ligados à sua própria essência: o universalismo, a recusa de qualquer explicação, uma hierarquia inalterável do mundo.” (p. 155)¹⁵.

Dentro desta perspectiva, o discurso de Malala fala da libertação de uma forma mais conceitual, apelando para ideais generalizadas e metafóricas sobre a dificuldade das crianças em ter acesso à educação e das medidas que deveriam efetivamente ser tomadas. Em entrevista com David Letterman (2018), ela explica que sempre se preocupou com a oratória e que o objetivo de seu discurso ao receber o prêmio da ONU, foi falar que não estava recebendo este título apenas por ela, “mas por todas as garotas do mundo, as 130 milhões de garotas fora da escola.” (6min 42s). Ao final da entrevista Malala explica o trabalho que está fazendo com a fundação presente em diversos países, onde busca empoderar outras meninas, resumindo seus objetivos com uma mensagem clara, genérica e mais conceitual, porém de grande impacto:

“Acredito no empoderamento de meninas locais. Quando empoderamos as meninas, elas trazem mudança. Eu era uma menina, levantei minha voz e pude mudar o mundo. E há

14 Tradução minha do original em inglês: “Stories like Ahed’s that insist on collective forms of liberation over individual liberation, draw our attention to diffuse and entrenched systems of oppression that cannot be remedied through individual acts of uplift.”

15 Tradução minha do original em inglês: “Bourgeois ideology invests in this figure interests which are bound to its very essence: universalism, the refusal of any explanation, an unalterable hierarchy of the world.”

outras meninas lá. Se dermos suporte, elas poderão levantar a voz e mudar o mundo.” (37min 53s).

Outro exemplo neste sentido, pôde ser identificado no discurso dado na Nigéria em homenagem ao “Malala Day” a respeito do sequestro de meninas pelo grupo terrorista Boko Haram¹⁶ em 2015. A ativista conseguiu que o presidente promettesse a ela que se encontraria com as famílias e se esforçaria para recuperar as meninas – ações mais simbólicas do que práticas e objetivas. Além disso, no momento do encerramento de seu discurso, Malala utiliza uma frase de efeito e sensibilização: “Abaixem suas armas, soltem as suas irmãs, soltem as minhas irmãs, e soltem as filhas da sua nação” (AP News, 2015, 1min 19s)¹⁷.

Em contrapartida, teoricamente o mito teria maior dificuldade de se dissipar na vertente esquerda da política, visto que “Se o mito é um discurso despolitizado, existe ao menos um tipo de discurso que é o oposto do mito: o que se mantém político.” (Barthes, 1972, p. 146)¹⁸. Barthes (1972) define o discurso da esquerda como verdadeiramente revolucionário por ser demasiado arraigado à realidade e buscar a ação direta, incentivando o homem como o produtor da mudança e, por isso, impossibilitando o mito: “quando o homem fala em busca de transformar a realidade, e não mais preservar sua imagem” (p. 146)¹⁹. Exemplos que reforçam a possível dificuldade de construção do mito em torno da imagem de Ahd Tamimi, devido à proximidade à realidade e às dificuldades diárias que denuncia, podem ser tirados da reportagem de Dena Takruri (2018a) ao acompanhar a libertação dela e de sua mãe da cadeia após oito meses.

Apesar da militância da jovem palestina e de seu povoado terem como base o ideal de não-violência como forma de resistência, a resposta do exército não evita agressões, além da opinião pública muitas vezes os acusar de antissemitismo. A partir do compilado de cenas e entrevistas com amigos e familiares, observa-se um discurso ativo (transitivo) que passa por insultos, agressões, conflitos e gritos de revolta à ocupação inclusive por crianças e jovens. Os moradores locais fazem, autônoma e coletivamente, treinamentos com as crianças para saberem como deveriam agir se

¹⁶ AP Archive. (2015, agosto 3). *Pakistani teen Malala on efforts to release Nigerian girls*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3CzBBsEbxE>

¹⁷ Transcrição traduzida por mim do áudio original em inglês: “Lay down your weapons, release your sisters, release my sisters, and release the daughters of your nation.”

¹⁸ Tradução minha do original em inglês: “If myth is depoliticized speech, there is at least one type of speech which is the opposite of myth: that which remains political.”

¹⁹ Tradução minha do original em inglês: “wherever man speaks in order to transform reality and no longer to preserve it as an image”

fossem presas, quais eram seus direitos e o que esperarem disto (Takruri, 2018b, 7min 6s). Durante a prisão, Ahed conta que os prisioneiros tentavam fazer dali uma escola com aulas sobre leis e direitos humanos, mesmo sob intervenção dos policiais tentando evitar que estes encontros acontecessem (Takruri, 2018b, 13min 41s). Ainda dentro do tribunal israelense e algemada antes de ser liberta, Ahed declama que “Não há justiça sob ocupação, e esta corte é ilegítima.” (Takruri, 2018b, 26s). Por fim, quando explica o objetivo de sua militância e o que enxerga como solução, Ahed fala de forma direta sobre as medidas que devem ser tomadas para libertar seu país: “E não há libertação para a Palestina sem a liberdade dos prisioneiros, o retorno dos refugiados, e Jerusalém como a eterna capital da Palestina.” (Takruri, 2018b, 14min 40s)²⁰.

Chegando ao fim dessa exposição aplicada e comparativa, cabe aqui ressaltar mais uma característica contextual presente na relação do mito com a ideologia política. Esta, por sua vez, foi indicada por Burke (1969) e mencionada anteriormente a respeito da mutabilidade da avaliação de um mito, ideologia ou movimento como pertencente à direita ou à esquerda. De acordo com o autor, o contexto histórico pode alterar as condições e as perspectivas que julgam o posicionamento de uma atitude política, como por exemplo se algo é progressista ou conservador (Burke, 1969, p.199). Ou seja, dependendo da liderança política em atuação as forças de oposição podem ser absorvidas ou oprimidas, enquanto em outra fase elas podem estar na posição de opressoras por obterem o poder. Este argumento também pode ser observado na comparação entre ambas as imagens e trajetórias das ativistas em questão, e complementa a análise sobre as influências da direita ou da esquerda na construção destes discursos.

A matéria jornalística de Kastner (2018) abordou o suporte ou condenação às operações militares internacionais por detrás das mensagens dos discursos de Malala e Ahed. A jornalista descreve:

But Malala’s platform also has the contours of a story that can buttress imperialist worldviews and justify militarized interventions in Asia. The use of rhetoric about saving women and children in the Middle East by politicians is one of the ways that liberalism appeals to Western emotions to garner support for the U.S. led “War on Terror,” as the scholar Maya Mikdashi writes. Ahed is too empowered, too unmanageable and altogether

²⁰ Tradução minha do original em inglês: “And there’s no liberation for Palestine without freedom for the prisoners, the return for the refugees, and Jerusalem as Palestine’s eternal capital.”

too adulterated by her community's struggle to appeal widely to liberal sympathies in the West. (Kastner, 2018)

Neste ponto, Kastner (2018) indica o interesse político do contexto atual para suportar o discurso de libertação feminina e infantil das mãos do terrorismo islâmico, justificando invasões e guerras por forças externas nestes territórios. No mesmo trecho, Kastner (2018) coloca um *hiperlink* para outra reportagem que descreve o período de 2009 com a intervenção americana e inglesa no Iraque após a morte de Saddam Hussein. Resumidamente, as autoras deste texto Nadjie Al-Ali e Nicola Pratt (2009), além de um livro destinado inteiramente a este episódio, descrevem na reportagem que o movimento de empoderamento feminino não tinha visibilidade até pouco antes da invasão do país. Após a morte de Saddam, os E.U.A. e a Inglaterra teriam iniciado projetos de apoio às mulheres, como o “Women for a Free Iraq”. Em reportagens com algumas participantes, elas indicam que aceitariam apoio político, financiamentos e até intercâmbios bancados por ambos para desenvolverem suas causas, possibilidades que não estavam disponíveis em períodos anteriores onde as dificuldades das mulheres já eram estabelecidas (Al-Ali & Pratt, 2009).

A partir desta evidência envolvendo o investimento ou não em movimentos feministas no Iraque por dirigentes ocidentais, destaca-se aqui o orientalismo mais uma vez como um fator presente e influente na repercussão de cenários similares aos de Malala e Ahed. Conforme descrito por Said (1990), o controle e a opressão do Ocidente, para sustentar o discurso orientalista, contou com amarras e esquemas institucionais que interferiram nas esferas sociais, econômicas e políticas das nações orientais (p. 18). Said (1990) acrescenta:

O orientalismo, portanto, não é uma fantasia avoadada da Europa sobre o Oriente mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material. O investimento continuado fez do orientalismo, como sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma tela aceitável para filtrar o Oriente para a consciência ocidental, assim como esse mesmo investimento multiplicou - na verdade, tornou realmente produtivas - as declarações que proliferaram a partir do Oriente para a cultura geral. (Said, 1990, p. 18)

Novamente a correlação deste episódio do Iraque com o atual suporte de ambos os países à trajetória de Malala foram também abordados na matéria jornalística do Khoja-Moolij (2017), que resume estas elucidações a respeito do silêncio político e midiático para com o caso de Ahed:

There are multiple reasons for this deafening silence. First among them is the widespread acceptance of state-sanctioned violence as legitimate. Whereas hostile actions of non-state actors such as the Taliban or Boko Haram fighters are viewed as unlawful, similar aggression by the state is often deemed appropriate. This not only includes overt forms of violence such as drone attacks, unlawful arrests, and police brutality, but also less obvious assaults such as the allocation of resources, including land and water. The state justifies these actions by presenting the victims of its injustices as a threat to the functioning of the state. (Khoja-Moolji, 2017)

Em suma, este ponto elucida a possibilidade de confirmar a indicação de Burke (1969) ao demonstrar que o contexto e os interesses, projetados no período de surgimento do mito, podem influenciar na sua caracterização como pertencente a algum dos lados políticos.

Por fim, é possível ver o contraste entre o discurso, a atitude e a repercussão de ambas as militantes em suas trajetórias de luta. A forma de se expressarem e de agirem demonstra operar em conformidade com a absorção ou rejeição destas militâncias pelo liberalismo e conservadorismo mundial. Algo que, segundo Homi Bhabha (2004), está relacionado com a questão de identidade na modernidade, uma vez que esta perde os referenciais de originalidade, tradição e evolução história para um processo de hibridez (p. 2-3). Desta forma, o “ponto de partida” da história de vida e da personalidade de ambas é similar, ao passo que o resultado da interação e representação desta identidade no mundo se comportou de maneiras diferentes. O que se ressalta aqui é justamente a interação das identidades destas ativistas com a identidade ocidental, problematizando o que facilitaria ou atrapalharia a proximidade e cooperação entre eles. Segundo Bhabha (2004), a identidade está relacionada com a performance do sujeito ao entrar em contato com diferentes culturas, recriar seus próprios referenciais devido às dinâmicas de viagens e migrações cada vez mais acessíveis, resultando na situação onde “(...) autor da ação social pode

ser o iniciador de seu significado único, mas como agente ele ou ela não pode controlar o seu resultado” (p. 18)²¹.

Apesar de estar ciente que ambas ainda têm muitos anos para consolidarem-se no ativismo e na política, inicialmente observa-se sinais na construção da imagem de Malala que se mostram mais próximos da formação de um mito do que o caso de Ahd. Conforme abordado, estas evidências perpassam por agentes, campanhas, ações legais e reações políticas que descrevem um suporte a uma, em contraste à negação da outra. E, neste sentido, por terem tantas similaridades fundamentais como as lutas e valores que defendem, contextos de vida com episódios de violência, suporte familiar ao ativismo, além de terem sido criadas em contextos de guerra e repressão; identifica-se como principal elemento distintivo de sua difusão a dimensão simbólica das mensagens que carregam. Ou seja, o conteúdo do que comunicam, bem como as diversas formas de discursarem – verbal, escrita, performática, visualmente, dentre outros que estão sendo abordados em diferentes aspectos ao longo deste estudo.

Retornando ao conteúdo de Kenneth Burke (1969), o autor acrescenta mais um fator em relação à contextualização do mito, por sua vez, mais especificamente sobre sua análise. Durante o processo de desmistificação de um objeto, o próprio analista deve reconhecer a parcialidade de sua visão, uma vez que o contexto e história pessoal influenciam sua forma compreender o mundo e a simbologia que o cerca. O teórico indica que é preciso decifrar a sucessão de fatos repetidos ao longo do tempo para que seja possível se aproximar do motivo inicial, da “pura ideia” que gerou este discurso mítico: “O ‘mito’ pode então ser dito representar um partidarismo progressista, em oposição ao partidarismo retrógrado das ‘ideologias’” (1969, p.200)²². Para complemento de sua análise, o autor conta com os estudos de Platão sobre os processos mentais da formação de ideias, bem como de Malinowski sobre o “contexto de situação” englobando a linguagem verbal e não-verbal à pesquisa de campo. Burke (1969) indica que as transformações e repetições destes sinais se dariam mediante a transcendência dialética de imagens, gestos e das próprias palavras (linguagem) – redução ou abstração mítica dos termos. Cabe aqui acrescentar que a expansão do reconhecimento simbólico presente, para além da tradicional dialética retórica, em representações

²¹ Tradução minha do original em inglês: “(...) the author of social action may be the initiator of its unique meaning, but as agent he or she cannot control its outcome.”

²² Tradução minha do original em inglês: “The ‘myth’ might then be said to represent a forward-looking partisanship, in contrast with the backward-looking partisanship of the ‘ideologies’”

visuais e estéticas foram um dos principais marcos de inovação da Nova Retórica que Burke viria a representar.

Ao final de sua obra *Retórica de Motivos*, Burke (1969) discorre a respeito do conceito de Pura Persuasão. O termo referente a um motivo sincero, genuíno, expresso em alguns casos pelo puro prazer de falar, seria também variável de acordo com o contexto – o qual também poderia originar-se de fontes impuras (Burke, 1969, p. 275). Burke exemplifica alguns pares de atitudes onde, apenas em contraste entre eles, seria possível determinar o que seria puro e o que seria impuro. No âmbito da realização da presente análise, reconhece-se o contributo deste conceito associado ao mito ao indicar que, para manter a hegemonia da ideia purificada que está sendo transmitida, esta persuasão passaria por uma constante adaptação para que faça sentido ao longo do tempo a diversos públicos. Mais uma vez a ambiguidade mítica se faz presente, desta vez indicando a permanente ressignificação e adaptação da mensagem para resistir à história e às futuras audiências.

Mediante tais esclarecimentos e correlações feitas a partir do segundo autor apresentado como componente da base teórica da presente pesquisa, Kenneth Burke é agora abordado de forma associativa a um dos seguidores de sua Nova Retórica: Michael Calvin McGee. Este teórico, por sua vez, representa uma vertente da Retórica que analisa especificamente o movimento social, a expansão coletiva de ideias sob diversos níveis de análise. Caracterizada também por trazer vozes marginalizadas e realidades de minorias à pesquisa científica, esta Retórica do Movimento Social (*Social Movement Rhetoric*) é o campo onde McGee é indicado como um dos precursores da área, ao lado de com Leland Griffin (1952), Edwin Black (1965), além de Robert L. Scott e Donald K. Smith (1969). Conforme apresentado por Robert Cox e Christina R. Foust (2009) em seu artigo a respeito deste movimento teórico dentro dos estudos da Retórica, sua inovação calçava-se por reconhecer que “ambas as mensagens e significados de protestos de rua que eram associados com a luta pelos direitos civis, Black Power, feminismo, paz, e democracia estudantil chocaram os alicerces do ‘razoável’ discurso público” (Cox & Foust, 2009, p. 606)²³.

Antes de apresentar os principais contributos de seus estudos, cabe aqui introduzir primeiramente que McGee revela-se como um ponto de união entre o conceito de mito e de retórica. Esta intercessão se dá, pois ele considera tanto as dinâmicas simbólicas do discurso

²³ Tradução minha do original em inglês: “both the messages and means of street protests that were associated with struggles for civil rights, Black Power, feminism, peace, and campus democracy shook the foundations of ‘reasonable’ public speech”

mítico, como as estratégias de persuasão que promovem sua mobilização social. E em segundo lugar, é válido ressaltar que sua trajetória influenciou a análise dos objetos de estudo desta pesquisa, tanto pela visão teórica das dinâmicas presentes, quanto pelas contextuais e aplicadas. Ao trazer a realidade das lutas de negros, feministas, das causas humanitárias, dos movimentos de rua e dos protestos, McGee aproxima-se dos propósitos do estudo ao posicionar-se a favor da análise de grupos marginalizados e *counterpublics* como fontes válidas para a interpretação de uma cultura.

Em favor de compreender a cronologia e o desenvolvimento da Retórica do Movimento Social, Robert Cox e Christina R. Foust (2009) contextualizam a luta de McGee ao lado de Robert L. Scott e Donald K. Smith (1969), indicando-os como alguns dos principais responsáveis pelo estudo das causas e linguagens dos movimentos negros. Como o avanço das pesquisas destes contemporâneos, os autores indicam que os focos de análise teriam sido expandidos, onde McGee lideraria uma “virada crítica” que abrangeria problemáticas ainda maiores:

In many ways, McGee’s position reflected the wider “critical turn” occurring in the humanities. Movement scholars in sociology, cultural studies, and rhetoric turned increasingly to the study of marginal voices within (and against) dominant publics. In doing so, they employed a range of critical and interpretative theories beyond the taxonomies of the functional model. (Cox&Foust, 2009, p. 610-611)

De maneira semelhante, a presente pesquisa desenvolve-se buscando decodificar tais realidades ao analisar seus mitos, representações e expressões originais. Neste sentido, aproxima-se de McGee, Burke e Barthes ao rejeitar a limitação e injustiça de uma visão elitista da sociedade, e ter em conta que todas as camadas e vozes têm de ser consideradas em conjunto para que seja possível compreender a realidade de forma genuína e integral.

Outro autor que também participou deste cenário de mudanças nos estudos retóricos ao elucidar as camadas sociais excluídas para compreensão dos movimentos (sociais) foi indicado por McGee, bem como por Cox e Foust: Leland Griffin (1952). Griffin defendeu a distinção entre a retórica e o estudo dos movimentos da retórica, os quais necessariamente visariam um ato, uma transformação ao persuadir. Ao abordar o discurso mítico especificamente, o teórico indica que este se destina também a modificar o contexto, por sua vez através da implementação de uma nova

ordem operante. Ainda assim, McGee critica a teoria de Griffin por dois principais motivos: não conseguir se distanciar realmente de Aristóteles, e relacionar o conceito de movimento ao efeito físico, demarcado pelo curso da história (cronologia). McGee conclui indicando que “(...) deveria ser possível para os retóricos estudar o ‘movimento’ diretamente como um processo linguístico contido e definido pela situação retórica, não pelo evento retórico.” (1975, p.235)²⁴.

Em seguida à contextualização dos contributos de McGee e seus contemporâneos em relação à nova vertente de estudos retóricos que se iniciava, cabe aqui apresentar efetivamente o conteúdo de seus estudos. A principal obra em questão, “In Search of ‘The People’” (1975), consiste na problematização da abordagem retórica para o estudo da audiência, com base nas contribuições e visões paralelas da teoria social e do campo político. McGee aposta que a reciprocidade entre retórica e a teoria social deve ser entendida através análise do contexto vivido e de uma visão expandida da realidade. Já o cenário político foi abordado como fonte central para o avanço da pesquisa dos públicos, mostrando que, através dos mitos, seus contextos e as dinâmicas que os sustentem (ou não), é viável compreender mais profundamente uma cultura. Ao abordar a noção de movimento afim de definir a Teoria do Movimento Social e a Retórica do Movimento Social, autor indica que o movimento da teoria é um processo linguístico baseado no contexto da situação. Ou seja, a expansão de ideias é legitimada pela linguagem juntamente com o conteúdo retórico, e deve ser observada juntamente com todas as dinâmicas, termos e representações que os deram origem.

Ao abordar diretamente o conceito de audiência, McGee indica uma possibilidade positiva de compreensão através da visão de Ernest G. Bormann (1972) sobre a legitimação de uma fantasia coletiva. Este processo consiste num fenómeno linguístico onde a audiência é o grupo real de indivíduos que, mentalmente, deseja alcançar a posição (fictícia) de “público” – projetam uma identidade abstrata e coletiva (1975, p. 239-240). Com o objetivo de complementar esta ideia de projeção e ficção do público, Hitler é mais uma vez mencionado, desta vez a respeito da formação de uma audiência, onde McGee destaca duas de suas teorias. Primeiramente a de que o público tem predisposição para aceitar a expressão da vontade popular ainda que inconscientemente, e em segundo lugar, que a identidade do público é contida em elementos comuns – lugares comuns,

²⁴ Tradução minha do original em inglês: “(...) it should be possible for rhetoricians directly to study ‘movement’ as linguistic process contained in and defined by rhetorical situation, not the rhetorical event.” (McGee, 1975, p.235).

máximas e comprometimento ideológico – que são expressos em atitudes de engajamento, causando o que chamava de avalanches históricas (1975, p. 240-241).

O líder alemão nomeia, ainda, alguns perfis destes indivíduos responsáveis por gerar os impulsos de mudança no coletivo: campeão, líder e mito. De forma sucinta, estes ícones conhecem muito bem as características de sua audiência, criam um senso de unidade e identidade de grupo, além de manterem uma relação duradora com seu público devido um mecanismo de adaptação constante de sua imagem pessoal (*ethos*). Neste momento, McGee traz o pensamento de James G. Frazer (1900; 1905) para acrescentar que o novo líder gera, com base na constante ressignificação para continuar a persuadir, uma ficção criada a partir de si mesmo. Ao final da elucidação de ambas as contribuições teóricas, McGee define o conceito de mito como sendo a própria consolidação da imagem coletiva, alcançada mediante estratégias retóricas muito eficientes.

Mais especificamente abordando o processo de adaptação da imagem mítica para manutenção de sua influência ao longo do tempo, McGee inclui os estudos de Kenneth Burke (1969) para indicar que esta redefinição de sentido é feita mediante as perspectivas e orientações pessoais daquele público no mundo físico que os cerca. Mítica e ritualisticamente este grupo “renasce” numa realidade onde certos problemas não existem mais, onde dá-se um novo sentido ao contexto: “Com cada argumento eu crio um novo mundo, e eu me sinto mais confortável porque ‘renasço’ num mundo onde meu problema não existe” (McGee, p.244, fn.41)²⁵. Mediante tal mecanismo, é possível traçar um paralelo à teoria de Roland Barthes (1972) a respeito do segundo sistema semiótico criado pelo discurso mítico. O mito, segundo Barthes, conta com a bagagem simbólica do primeiro sistema semiótico (o antigo Signo), e o esvazia num segundo momento (virando Forma) para que ganhe um novo sentido toda vez que for necessário – ao longo do tempo e com o objetivo de se manter relevante, mesmo frente novos grupos. Desta forma, os três autores se aproximam ao associarem o processo mítico a um fenômeno de ressignificação, renovação e constante transformação simbólica da realidade frente sua audiência.

Ao avançar os estudos em sua obra, McGee propõe uma reflexão sobre a realidade construída entre o orador e a audiência. Ao considerar os mecanismos de projeção presentes no movimento de expansão destes ícones, o teórico define que a realidade entre o líder e sua identidade é mítica. O grupo (audiência) elege um objetivo legitimado pelo comportamento (ação)

²⁵ Tradução minha do original em inglês: “With each argument I create a new world, and I feel more comfortable because I am ‘reborn’ in a world where my problem does not exist.”

individual, onde a realidade almejada é mítica em dois sentidos: o líder em si é uma ficção, uma projeção dele próprio em prol do gosto do público ao adaptar constantemente suas opiniões de maneira que sejam melhor recebidas; e há uma ilusão em massa sobre a identidade individual, pois durante o processo de socialização as pessoas são convencidas a vestirem uma “máscara de anonimato” para se sentirem semelhantes (McGee, 1975, p.242). Neste sentido, socializar e agir coletivamente é, em si, um exercício de persuasão que altera a identidade e a realidade do indivíduo, criando idealizações comuns em prol da legitimação de uma ideologia geral.

O autor conclui seu raciocínio acerca do processo de coletivização indicando que o mito pode estar presente em todas as suas fases, além de ser um objeto central de decodificação daquela sociedade. O mito, segundo McGee pode representar um significado comum que justifique o comprometimento ideológico geral, uma fonte de intervenção que age por todos para mudar uma ordem de poder vigente, ou ainda um elemento canalizador das contradições, auxiliando a definir também quem não quer coagir com a socialização. O teórico acrescenta que eleger um mito é sinal de unidade, de consenso em crenças fundamentais e que “Quando não houver uma crença fundamental, será possível sentir a crise que pode ser encontrada apenas com uma nova retórica, uma nova mitologia.” (McGee, 1975, p. 245)²⁶. Cientes do caráter situacional desta condição para o surgimento de novos mitos, cabe aqui um questionamento a respeito do momento atual, o qual se aplica a presente análise. Neste sentido, reflete-se se o contexto presente se mostra favorável à criação de mitos. Caso sim, questiona-se quais são os ideais projetados atualmente e como eles vêm conquistando audiências. Ou ainda, a forma com que discursos míticos vêm sendo propagados ultimamente, considerando a influência do desenvolvimento tecnológico e digital.

Ainda abordando a possibilidade de novos mitos, McGee acrescenta que o surgimento de mentalidades hegemônicas opera em ciclos, podendo ser biologicamente observados através das gerações que, segundo as visões Walter Bageholt (1877), apesar de conterem diferentes características, representam processos de socialização semelhante (McGee, 1975, p. 246). Este mecanismo cíclico é associado aos estudos de José Ortega (1933) acerca da sociedade se comportar de maneiras que naturalmente intercalam entre si: estável – confirmando julgamentos tradicionais em funcionamento; ou vital – refutando a realidade determinada e dando condição a novos mitos (McGee, 1975, p. 246-247). A partir de ambas as visões, McGee (1975) conclui que a eleição dos

²⁶ Tradução minha do original em inglês: “when there is no fundamental belief, one senses a crisis which can only be met with new rhetoric, a new mythology.”

mitos, as causas que eles representam, além das que exclui são partes de um processo maior e constantemente mutável. Assim sendo, estes momentos devem ser estudados pela retórica como parte de um ritmo cultural onde os mitos são símbolos do movimento das ideias que representam, bem como das que se opõem (p. 249).

Uma autora que também buscou compreender o mito por detrás de um movimento político e social através da análise retórica foi anteriormente citada em associação a Barthes, Martha Solomon, com o estudo de caso do livro *The Power of the Positive Woman* (1977). Solomon, de certa maneira, sumariza as contribuições teóricas apresentadas até o momento com relação à semiótica e à retórica aplicadas ao surgimento de mitos, visto que conta com as contribuições de Kenneth Burke (1953), Michael McGee (1975), Carl Jung (1959) e Joseph Campbell (1970) para construir uma análise que cruza as noções de retórica com a narrativa romântica se utilizando de arquétipos para a construção de mitos. Para abordar o conteúdo de seu artigo, o presente estudo irá indicar paralelos com a história de vida de Malala Yousafzai, questionando a possibilidade de interpretação de sua trajetória e imagem através das abordagens propostas por Solomon (1979).

Primeiramente, a teórica argumenta que a retórica do grupo antifeminista se utilizou do arquétipo romântico *mythoi* como sua estrutura básica (Solomon, 1979, p. 263), contemplando as três fases principais que o herói enfrenta: uma jornada perigosa, a luta contra o inimigo e o triunfo final (apud Frye, 1957, p. 186-206). Primeiramente, no caso da *Positive Woman*, a devoção da mulher para com a vida idealizada pelos padrões conservadores e patriarcais foram expressas no texto como sinônimos de uma jornada, mencionados através de termos como “path”, “road”, “map” e “journey” (Solomon, 1979, p. 264). Já a luta contra o inimigo pautou a identificação tanto do conflito quanto da personalização deste oponente. A luta seria contra o tédio de ficar em casa, contra as tentações da liberdade estimulada pela mídia e contra as medidas legais que consideravam nocivas (Solomon, 1979, p. 264). Por sua vez, o inimigo, que inicialmente tinha o nítido foco na ERA, se expandiu para todas as feministas, os burocratas governamentais, os gays e os próprios homens que, teoricamente, suportariam a iniciativa feminista para se livrarem de obrigações financeiras e cívicas (Solomon, 1979, p. 270). Algo alinhado à percepção de Burke (1957) a respeito de Hitler identificar um inimigo comum como forma de reforçar repetidamente seus próprios valores: “Portanto, um número de inimigos essencialmente diferentes deve sempre ser considerado como um de tal forma que, na opinião da massa de seus próprios adeptos, a guerra

está sendo travada contra um único inimigo” (p. 166)²⁷. Por fim, o triunfo final da *Positive Woman* seria alcançado mediante a devoção e a realização em cumprir o papel como mulher, segundo as visões do grupo (Solomon, 1979, p. 269).

Dentro desta perspectiva, indica-se a associação à imagem de Malala com a cronologia de sua história de vida até o momento em comparação com as três fases do herói no *mythoi* romântico. Primeiramente, sua missão ou jornada perigosa poderia ser identificada com a presença feminina dentro de cultura islâmica, a impotência de uma criança ao tentar intervir politicamente, bem como as determinações sociais impostas pelo grupo terrorista Talibã ao dominar o vale de Swat no Paquistão. Para além deste contexto de vida, soma-se outro fator fundamental para seguimento de sua trajetória contado por Ziauddin Yousafzai (2014) em sua participação no TED Talks, mais especificamente a sua personalidade e ativismo ao garantir seu acesso à educação, incentivar seu ativismo político e lutar pela desconstrução de valores tradicionais relacionados às mulheres que, segundo ele, perpetuam um sistema patriarcal opressor (Ziauddin Yousafzai, 2014, 10min 30s). A jornada traçada por Malala contou com ações como a participação anônima num blog da BBC Urdu, além de, segundo descrição do pai, tentar comunicar em todas as plataformas possíveis as dificuldades enfrentadas pelo seu povo durante a dominação do grupo terrorista (Ziauddin Yousafzai, 2014, 12min 50s).

Em seguida, a autora destaca o segundo momento da trajetória do herói romântico, a luta contra o inimigo. Malala teve a vida marcada por este conflito ao sofrer o ataque terrorista reconhecido pelo Talibã, que resultou nela sendo baleada na cabeça em seu ônibus escolar. A ameaça de morte pelos mesmos inimigos já permeava sua história de vida desde que seu pai teve o nome citado pelo grupo, dando início a uma rotina estratégica para dificultar a perseguição. Por fim, o triunfo final desta história seria a etapa ainda em aberto, visto que ela continua viva e ativa politicamente, porém teve como marco inicial a sua própria sobrevivência (I am Malala, Netflix, 2015, 52min 01s). Por último, o desenvolvimento triunfal de sua história nestes últimos anos foi composto, até o momento, de grandes episódios como as nomeações para o Prêmio Nobel, sua participação na ONU, encontros presidenciais em diversos países, presença midiática mundial, publicação de livro e filme biográfico, abertura de fundação, construção de escolas, entre outros.

²⁷ Tradução minha do original em inglês: “Therefore a number of essentially different enemies must always be regarded as one in such a way that in the opinion of the mass of one’s own adherents the war is being waged against one enemy alone.”

Em suma, apesar de ter em conta que se trata de uma história de vida real e não de um roteiro romântico fictício, o caso de Malala evidencia indícios potenciais da criação de um mito em torno de sua imagem mediante um fator duplo de influências: (1) as sequências e os fatos reais que permeiam a sua vida até o momento, e (2) a publicação e ênfase desta narrativa presente repetidamente em suas entrevistas, em seu livro e na narração de terceiros a respeito dela. Ao considerar que, segundo Solomon (1979), um dos atributos de poder do mito é se utilizar de elementos popularmente e, por vezes, inconscientemente conhecidos, este caso pode ser um exemplo de como uma história baseada nesta sequência de fatos tende a ser mais bem recebida e aprovada pela vontade popular numa dimensão global. Neste sentido, o que se propõe é que a expansão da audiência teria sido potencializada pela absorção e aceitação facilitada desta narrativa comum no inconsciente de grande parte da humanidade.

O segundo argumento de Solomon (1979) no tocante à análise retórica realizada é de que o caso *Positive Woman* apresentaria uma caracterização das personagens principais – o herói como a mulher devota ao STOP ERA e o vilão como as feministas do ERA – com base nos arquétipos positivos e negativos da mãe segundo Carl Jung (Solomon, 1979, p. 262-263). De acordo com as palavras do teórico, estes arquétipos seriam compostos das seguintes características:

Seus atributos são o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (Jung, 2002, p. 92)

Solomon, por sua vez, aplica estas características ao estudo de caso que conduz, resumindo esta associação no seguinte trecho:

(...) the STOP ERA supporter clearly embodies all the qualities associated with the positive side of the mother archetype. She is solicitous of her family's welfare, helpful and supportive to them. Not only does she foster the growth of her children and her mate, but

she also displays wisdom and spirituality in all her dealings. In contrast, the feminist is secretive, seductive, and even poisonous in her impact.” (Solomon, 1979, p. 271).

A autora deu ênfase não só à forma como a STOP ERA caracterizava as feministas, mas à maneira deste grupo de ativistas discursar como um provável fator de desencantamento de partes da audiência. A justificativa desta falta de apelo seria devido ao fato de o discurso feminista ser demasiado arraigado à realidade, ao invés de mesclar com a ilusão para gerar encantamento, como foi feito no texto romantizado da *Positive Woman* (Solomon, 1979, p. 265).

As feministas, ao criticarem oportunidades de trabalho limitadas, estereótipos sociais, problemas e injustiças na vida da mulher, teriam dado excessiva ênfase ao lado negativo, prejudicando a devoção de uma parcela maior de mulheres pela falta de sedução discursiva, de apelo. Em resumo, “Esta sombria perspectiva é menos atrativa do que a busca romântica desenhada por Schlafly, que incorporou as respostas e incentivos sem ignorar as dificuldades” (Solomon, 1979, p. 266). A partir disto, traça-se mais um paralelo com a história de Malala, porém desta vez comparando-a novamente com Ahed Tamimi em relação aos arquétipos apresentados. Questiona-se aqui se a popularidade de Malala *versus* a menor visibilidade e dificuldade de ação de Ahed teria uma relação similar ao desenvolvimento dos dois movimentos indicados no estudo de caso de Solomon.

A respeito dos atributos positivos associados ao arquétipo materno, destaca-se a autoridade feminina de Malala reconhecida por forças políticas e organizações mundiais, enquanto Ahed tenta agir e se impor, mas tem a casa invadida e sua liberdade confiscada pelo exército israelense com a justificativa dela ter agredido um soldado e um oficial. A sabedoria de Malala pode ser identificada pelas frases de efeitos, fala pausada e assertiva, bem como pelo convite para ser estudante de uma das universidades mais proeminentes do mundo, Oxford. Por outro lado, caracteres negativos associados ao arquétipo materno como o oculto e o obscuro podem ser associados à falta de apoio midiático de Ahed, bem como à dificuldade de circulação de sua mensagem por falar e escrever majoritariamente em árabe, ao invés da língua inglesa que teria maior abrangência. Este ponto com relação à língua que falam e utilizam vai ao encontro da visão de Edward Said (1990) a respeito do orientalismo como um discurso formado a partir de um conjunto de práticas dominantes e limitantes do Ocidente sobre o Oriente. Ao dizer que o Orientalismo deve ser compreendido como um discurso, Said (1990) associa uma imposição de

poder sobre a construção de sentido, de identidade e de afirmação da própria presença no mundo (p. 15). Por este ângulo, a Malala falando inglês facilitaria a identificação do Ocidente com sua mensagem, uma vez que sede ao adaptar a própria língua, deixando de falar publicamente, de escrever ou de estudar em urdu. Em sentido oposto, Ahed Tamimi ao resistir e se manter falando e escrevendo em árabe, provoca simultaneamente uma identificação maior para com seu próprio povo, e um distanciamento para com o Ocidente – mantendo o estranhamento, a exotismo e a distância entre as realidades.

As características da bondade e da fertilidade, quando comparado aos estereótipos de ambas, podem inicialmente se aproximar mais da figura de Malala devido ao uso do véu e de roupas tradicionais, como um possível reforço da imagem que o ocidente constrói da mulher Islâmica. No entanto, considerando outros vieses de observação, este se mostra um fator complexo visto que, para a realidade da própria ativista, ela mostrar o rosto já era um ato de resistência com a própria tradição (He Named Me Malala, 2015, 28min 55s) – algo que a sua mãe só passou a fazer também quando se mudaram para o Reino Unido (He Named Me Malala, 28min 31s). Malala acrescenta a respeito deste tópico explicando que ia contra as expectativas da mãe: “Mas cobrindo o meu rosto eu estava fazendo algo que... me fez sentir como se eu estivesse escondendo a minha identidade, quem eu era” (He Named Me Malala, 2015, 29min 06s)²⁸.

Neste fator, Ahed recebe críticas e comentários que sugerem uma imagem construída em torno da figura devoradora, sedutora ou rebelde, que aqui pode associar-se ao veneno. A jovem palestina é loira, tem pele e olhos claros, não usa o *hijab*, cabelos longos, cacheados e volumosos, algo comentado por Sarah Kastner (2018): “Ela também é muito loira, de acordo com a Prof^a Yosefa Loshitzky do Reino Unido. Loshitzky caracteriza Ahed como alguém que rompe completamente com a lógica de gênero e raça da ocupação israelense”²⁹. Outra prova desta crítica à aparência de Ahed é exibida na reportagem de Dena Takruri (2018a) com a tia da ativista, Malal Tamimi, onde acrescenta um viés de observação da situação de dentro da realidade da ativista. Ela conta que as características físicas dela a ajudaram a ter sua imagem repercutida nas mídias, pois ela é mais parecida com os padrões de beleza europeus ou ocidentais. Após concordar com a

²⁸ Tradução minha do original em inglês: “But covering my face was something that... made me feel like I was hiding my identity, who I was.”

²⁹ Tradução minha do original em Inglês: “She is also too blonde, according to U.K. Prof. Yosefa Loshitzky. Loshitzky characterizes Ahed as someone who completely disrupts the gendered and racial logics of the Israeli occupation.”

jornalista ao admitir que parte da repercussão do caso de Ahed era devido ao fato dela ser mulher, Malal Tamimi acrescenta:

Yeah, she's a female. She's not wearing hijab. She's blond with curly hair, with colored eyes. So she's the best example [of a] European and Western girl. That's why her case went worldwide in the time that there are Palestinian females minors lying under very bad situation. But nobody cares about this because they're not blond. We still suffer from white privilege and discrimination. (2018a, 19min 26s)

Ahed, por sua vez, ao dar uma entrevista na segunda parte da reportagem, descreve algumas violações que sofreu com relação à sua aparência quando foi interrogada antes de ser presa. Além de não estar acompanhada de nenhum responsável apesar de ser menor e não ser abordada por uma oficial mulher, descreve que: “A terceira violação era que ele falava coisas inapropriadas durante a interrogação. Ele começou dizendo: ‘Você é muito bonita, seu cabelo é legal. Você é parecida com a minha irmã. Quando você vai à praia, sua pele fica vermelha com o sol.’” (2018b, 11min 39s)³⁰.

Mediante a complexidade presente em ambas as imagens, ao serem contrastadas entre os estereótipos construídos pelo Ocidente e o que elas representam dentro de sua comunidade, identifica-se a relevância deste elemento na construção simbólica de suas narrativas e trajetórias. Um resumo desta avaliação que engloba as diversas formas de representação em torno da imagem e das palavras de ambas as ativistas, foi descrito por Khoja-Moolji (2017) ao analisar criticamente o distinto apoio ocidental para ambas as imagens:

Relatedly, girls like Ahed who critique settler colonialism and articulate visions of communal care are not the empowered femininity that the West wants to valorize. She seeks justice against oppression, rather than empowerment that benefits only herself. Her feminism is political, rather than one centered on commodities and sex. Her girl power threatens to reveal the ugly face of settler-colonialism, and hence is marked as "dangerous".

³⁰ Tradução minha do original em inglês: “The third violation was that he was saying inappropriate things during the interrogation. He started saying: ‘You’re pretty, your hair is nice. You’re really like my sister. When you go to the beach, your face turns red from the sun.’”

Her courage and fearlessness vividly render all that is wrong with this occupation. (Khoja-Moolji, 2017).

Em suma, a presente articulação entre a análise de Solomon (1979) e o contraste entre as duas figuras femininas em questão buscou elucidar correlações palpáveis com as evidências retóricas por detrás delas. Mesmo considerando que não se trata de um romance, e sim de personagens da vida real, é possível indicar a possibilidade de mais alguns elementos que podem ter favorecido ou prejudicado a receptividade e a difusão da imagem de cada uma destas jovens. Tanto a trajetória de vida, quanto a forma de discursar, bem como a imagem pessoal que constroem e representam, somam elementos que, se tomado como base a interpretação de Solomon (1979), auxiliam o sucesso de uma e na menor popularidade da outra. As contribuições da autora com relação à imagem feminina e materna, bem como os relatos das ativistas neste âmbito, por outro lado, direcionam para outro tópico relevante no contexto atual: gênero. É inevitável a percepção do aumento da presença feminina não só no ativismo ou na política, mas dentre diversos setores econômicos e sociais da vida em uma escala global. Este movimento é evidente e reforçado pela presente pesquisa, uma vez que encontrou a maioria de suas evidências em figuras e movimentos sociais feministas. No entanto, apesar de reconhecer a centralidade e a crescente relevância deste debate fundamental para as próximas gerações e pesquisas, este tema não será diretamente abordado neste estudo devido à complexidade do tema ser tamanha, que o enquadramento teórico e analítico encontra limitações de espaço para esta discussão³¹. Além disso, a escolha contou com a percepção de que a questão de gênero necessita de mais distância histórica para contemplar uma análise profunda, visto que o momento atual aparenta uma efervescência de conceitos e debates que indicam transitoriedade, instabilidade e uma etapa de mais formulações do que definições.

De maneira conclusiva à exposição dos conceitos, autores e casos abordados nesta sessão da pesquisa, retoma-se que, com o intuito de apresentar seus estudos de base, este primeiro capítulo se dedicou a apresentar e definir os conceitos de Mito e Retórica. Para tal, apresentou os desenvolvimentos intelectuais de ambas as temáticas numa linha cronológica, alternando entre

³¹ Para uma abordagem inicial do tema indica-se a leitura das seguintes obras a respeito das questões de gênero e do feminismo: Butler, J. (2011). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge; Butler, J. (2000). *Antigone's Claim: Kinship Between Life and Death*. Nova Iorque: Columbia University Press; Hooks, B. (2018). *O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas arrebatadoras*. (Libânio, A. L. Trad.). São Paulo: Rosa dos Tempos. Originalmente publicado em 2000; Spivak, G. C. (1985). *Three Women's Texts and a Critique of Imperialism*. *Critical Inquiry*, v.12, n. 1, p.243-261, 1985.

uma visão mais generalizada de períodos, e a especificação desta evolução através de figuras de destaque e precursores destes estudos. A respeito destes principais teóricos mencionados, foram indicados os três teóricos que compõem a base conceitual desta pesquisa: Roland Barthes (1972), Kenneth Burke (1969) e Michael Calvin McGee (1975). Mais especificamente sobre a noção de mito, Barthes é mencionado a partir de sua obra *Mitologias* (1972), a qual aborda este conceito como uma forma de discurso performado num segundo sistema semiótico criado pelo mito. Já com o intuito de se definir Retórica, Kenneth Burke (1957; 1969) é apresentado juntamente com o movimento que representava, a Nova Retórica, onde contribuiu para definir os processos de identificação, consubstancialidade e os motivos presentes em todos os discursos – formais e informais, inclusive os míticos. Além de Burke abordar diretamente a noção de mitos através da retórica, a pesquisa contou ainda com Michael McGee (1975; 1980; 1983) para indicar a união direta de ambos os conceitos, ilustrado e aplicado com a contribuição também da pesquisa de Martha Solomon (1979). McGee, por sua vez, abordou a criação de uma audiência a partir dos comportamentos (movimentos) em massa que seriam motivados por estes mitos. McGee representou, ainda, uma nova vertente nos estudos da retórica, nomeadamente a Retórica do Movimento Social, que reconhece os movimentos sociais presentes também em protestos, performances e causas tradicionalmente marginalizadas pela sociedade, e por vezes excluídas das abordagens teóricas e científicas – por exemplo, as causas humanitárias, a luta dos negros e feministas.

Por fim, esta primeira exposição evidenciou contrastes entre estes pensadores e seus contemporâneos, bem como criou paralelo entre suas teorias, aproximando e desenvolvendo alguns pontos de intercessão. Dentre estes destaques transversais, compartilhados entre ambos, é possível mencionar o caráter ambíguo presente nos processos de surgimento e manutenção destes mitos através da esfera simbólica de seus discursos. Já no tocante à disparidade entre eles, questões trazidas pelos três autores sobre os processos individuais (orador, *ethos*, inconsciente, imaginário), bem como os coletivos (audiência, difusão, performances) foram ilustrados com estudos de casos apresentados, bem como através da análise dos objetos de investigação deste estudo. Em sequência, será abordada a temática de difusão social através de três principais tópicos: a noção de movimento, a expansão específica de movimentos sociais, e a difusão de inovação em associação à difusão do mito.

3. Difusão Social

O presente capítulo dá continuidade à investigação a partir do processo de difusão social previsto no sistema de expansão destas personalidades e mentalidades revolucionárias que, aqui, estão sendo associadas ao conceito de mito e analisadas através do potencial retórico presente na circulação destas ideias. A formulação da difusão social será analisada mediante a correlação com três outros termos: movimento, movimento social, e inovação. Partindo da noção de que algo está sendo largamente transmitido, traça-se um paralelo com a definição de movimento associada à Retórica do Movimento Social por Michael C. McGee (1975; 1980; 1983). Em resumo, o autor defende o reconhecimento e estudo das operações simbólicas e inconscientes de um movimento, ao passo que critica a investigação apenas do conteúdo histórico, fático e material de um período temporal (McGee, 1980; 1983).

A descrição de movimento, por sua vez, desdobra-se também em outro termo central à pesquisa: movimentos sociais. Tal relevância se dá devido ao presente objeto de estudo estar localizado dentro dos Direitos Humanos e das lutas políticas que traça – mais especificamente aos ativismos e revoluções histórica e simbolicamente marcantes. Para esta investigação, contou-se com a obra de Rebecca Kolins Givan, Kenneth M. Rogers e Sarah A. Soule (2010) que aborda o tema da difusão aplicado ao contexto dos movimentos sociais, considerando as dinâmicas institucionais, relacionais, bem como informacionais e tecnológicas. Por fim, ainda refletindo em torno da difusão social, chega-se à associação da difusão do mito com a difusão de inovação. Mais especificamente, o texto correlaciona o mito com a concepção de inovação tecnológica apresentada por Everett M. Rogers (1983) em sua obra *The Diffusion of Innovations*. Justifica-se tal equiparação visto que estas ideias míticas se movimentam influenciando o coletivo de maneira disruptiva, transformadora, revolucionária e, por isso, apresentam também um caráter inovador – argumento que será abordado em maior detalhe no decorrer deste capítulo.

A primeira correlação apontada parte da noção de que se algo está sendo difundido, ele está em movimento. Esta associação inicial pode conduzir tanto ao aspecto físico de um deslocamento, bem como ao conceptual, onde ideias são difundidas entre diversas pessoas. Tal reflexão é apresentada por Michael C. McGee (1975) ao descrever os avanços dos estudos do movimento, principalmente pela Sociologia empírica e pela Psicologia Social (p. 235). O autor questiona a análise material e física do movimento contando, por exemplo, com documentos

retóricos que fossem coletados no período do acontecimento – panfletos, faixas, cartazes de protestos, notícias – quando, na verdade, “(...) deveria ser possível para os retóricos estudar o ‘movimento’ diretamente como um processo linguístico contido e definido pela situação retórica, não pelo evento retórico.” (McGee, 1975, p. 235)³². A relevância dada às evidências históricas pela academia, segundo McGee (1980), teve origem no século XIX quando estudiosos ocidentais nomearam pela primeira vez as causas trabalhistas e a ação de Oxford – ao criar o Anglo-Catolicismo – como movimentos sociais (1980, p. 238). No entanto, o próprio enquadramento do conceito de movimento associado às lutas políticas teria se concretizado anteriormente, no final do século XVIII, quando a ideia de democratização avançou a nível mundial mediante revoluções e conflitos legais, associando-os simbolicamente à desobediência cívica e à luta contra injustiças (McGee, 1983, p. 75).

A consciência histórica cunhada pelos estudiosos do movimento, segundo McGee (1980), marcou o início das investigações científicas sobre a fase anterior à tomada de decisão dos indivíduos, bem como sobre o momento anterior à concretização dos movimentos sociais (p. 238). O resultado deste novo foco de investigações foi o reconhecimento dos processos internos, mentais e inconscientes que viriam a proporcionar a cooperação ativa dos sujeitos frente a adoção ou rejeição da mensagem em difusão. Neste sentido, McGee (1980) trata o movimento como um conjunto de significados contidos num sistema linguístico, ao invés de um fenômeno puramente físico, histórico e material (p. 233). Por fim, McGee (1983) acrescenta que este termo é como “um tipo de ‘comportamento coletivo’ que ‘é possível’ por uma forma de retórica” (p. 74)³³, ao passo que ressalta que o comportamento coletivo é apenas uma das possíveis consequências da decisão (favorável) destas consciências individuais. Em suma, esclarece que “O estado da mente é peculiar porque isto considera a mudança social como um cataclismo capaz de alterar a própria estrutura das práticas sociais e políticas anteriores.” (McGee, 1983, p. 74)³⁴.

A presente pesquisa se desenvolve em concordância com a valorização de McGee (1975; 1980; 1983) a respeito dos processos internos, individuais e inconscientes da difusão de um movimento social. Porém, reconhece também a necessidade de se abordar as evidências externas,

³² Tradução minha do original em inglês: “(...) it should be possible for rhetoricians directly to study ‘movement’ as linguistic process contained in and defined by rhetorical situation, not the rhetorical event.”

³³ Tradução minha do original em inglês: “a kind of ‘collective behavior’ which is ‘made possible’ by a form of rhetoric.”

³⁴ Tradução minha do original em inglês: “The state of mind is peculiar because it regards social change as cataclysmic enough to alter the very structure of previous social and political practices.”

materiais e históricas deste objeto. Principalmente por investigar o cenário atual, o estudo conta com a análise dos discursos propagados através de apelos visuais, textuais, gestuais e orais presentes nos diversos canais de comunicação, impulsionados pela Internet e aparatos digitais que surgem cada vez mais rápida e frequentemente. As alterações físicas que o desenvolvimento tecnológico vem introduzindo no mundo demonstram mudanças no comportamento social, na forma como as pessoas se relacionam física e digitalmente, no armazenamento e acesso de informações, bem como nos próprios discursos circulados.

Desta forma, considera-se que seria infundada e limitante uma investigação recente deste contexto que retratasse apenas as dinâmicas individuais do discurso, visto a pluralidade de formas e indivíduos presentes na difusão de mensagens mediante os novos mecanismos e canais de circulação de informação. Mais especificamente no tocante ao conceito de mito, que aqui está sendo associado às figuras de destaque dentro dos movimentos sociais, o contexto presente o condiciona a novas dinâmicas de difusão que não poderiam ter sido questionadas na altura que tais teorias foram debatidas. Ou seja, faz sentido que hoje em dia, ao contar com o avanço tecnológico e digital, sejam incluídas as evidências perceptíveis na análise do processo de difusão. Estas, por sua vez, auxiliam a compreender a forma como se propagam e se sustentam mitos, bem como a linguagem que se cria à volta destes.

Um estudo que reforça o posicionamento da pesquisa quanto às novas dinâmicas de circulação de discursos, bem como trata de ambas as dimensões (internas e externas) da análise de um movimento, é desenvolvido por Rebecca Kolins Givan, Kenneth M. Rogers e Sarah A. Soule (2010) procurando responder a três perguntas essenciais: o que exatamente se difunde, como os movimentos são difundidos, e o impacto desta difusão (p. 2-3). Estas três problematizações são associadas a conceitos específicos e, respectivamente, indicam: o enquadramento (*framing*) do movimento e da causa relacionado ao conteúdo/repertório difundido; os mecanismos de difusão – redes próximas de ativistas, causas e agentes (relacional), representantes organizacionais (não-relacional) e canais de comunicação (mediado); e, por fim, o impacto desta difusão, validado e consolidado através de um recurso que passa pela institucionalização e pelas dinâmicas organizacionais: a mudança de escala (*scale shift*) (Givan, Rogers & Soule, 2010, p. 2-9).

Esta rede de conexões e fatores em mutua influência levaram os autores a definirem a própria difusão não como um simples contágio ou propagação de imitações, mas sim como um processo criativo e estratégico onde participantes criam em conjunto através do aprendizado, da

adaptação e da inovação (Givan et al., 2010, p. 3). Givan, Roberts e Soule (2010) complementam: “Enquadramentos de ações coletivas são formados e moldados por lutas sociais concretas, mas são também refinados por atores que continuamente avaliam como diferentes significados e táticas vão ressoar com aderentes do movimento, oponentes específicos, e observadores descomprometidos.” (Givan et al., 2010, p. 4)³⁵. Um exemplo que ilustra tal adaptabilidade, segundo os teóricos, se tratou da luta mundial pelos direitos civis, ao passo que evoluiu e englobou outros grupos e causas, como as mulheres, os nativos americanos, imigrantes agrícolas, além de cidadãos homossexuais (Givan et al., 2010, p. 5).

Neste sentido, cabe aqui destacar o quão fundamental para a presente pesquisa tem sido este aspecto adaptável, flexível e mutável de uma mensagem, discurso ou um movimento social frente o passar do tempo, a diversificação das audiências, e a expansão geográfica e simbólica desta difusão. Este tópico foi tratado como o mecanismo de ressignificação do discurso, uma característica central à formação de mitos, e que pode ser responsável por promover a falácia ou a mentira que se é associada à ideia de algo ser um mito. Contudo, quando aplicado ao ativismo político e aos movimentos sociais, conforme ilustrado na obra em questão, este mecanismo discursivo também pode vir a ser responsável por adaptações conceituais de uma causa, pela gestão democrática de um movimento – contando com a criação compartilhada –, bem como pela absorção e tradução desta mensagem para cada indivíduo que se engaja na ação.

Ciente da aplicação objetiva e atual a respeito do funcionamento de ressignificação da mensagem para a sustentação de um movimento em difusão, propõe-se uma correlação aos conceitos apresentados anteriormente. Inicialmente destaca-se que esta adaptabilidade do discurso foi abordada por Roland Barthes (1972) como o mecanismo central do mito. Esta característica se faz presente na passagem do primeiro para o segundo sistema semiótico, quando a forma se esvazia parcialmente de sentido, ganhando um novo significado mítico que poderá ser utilizado a cada novo contexto que enfrenta, com o objetivo de se manter relevante (Barthes, 1969, p. 116). De maneira similar, McGee (1975) descreve alguns casos onde tal ressignificação acontece em torno da imagem do líder – associado à definição de mito – em prol de ganhar novos adeptos de forma constante. Este procedimento, segundo o teórico, caracteriza a realidade como mítica em dois sentidos: “Assim sendo, um defensor traz ao confronto com sua audiência um apanhado inteiro de

³⁵ Tradução minha do original em inglês: “Collective action frames are formed and shaped by concrete social struggles, but they are also refined by actors who continually assess how different meanings and tactics will resonate with movement adherents, targeted opponents, and noncommitted observers.”

convicções pessoais e opiniões; ele então os adapta à sua visão do que ‘o público’, quando criado, quer ouvir” (McGee, 1975, p. 241)³⁶. Em seguida, McGee (1975) complementa: “Então pela perspectiva retórica, o processo de socialização inteiro é nada mais do que um intensivo e contínuo exercício de persuasão” (p. 242)³⁷. De maneira geral, ambos os paralelos confirmam a evidência de um sistema de constante adaptação da causa frente a expansões do movimento.

Os autores ressaltam, ainda, que o conjunto desta complexa rede de mecanismos presentes na difusão de movimentos sociais indicou um aspecto multidimensional de difusão: “uma multidimensionalidade que reflete a infinidade de atores, redes, e mecanismos envolvidos na disseminação de movimentos sociais” (Givan et al., 2010, p. 1)³⁸. Em concordância com a análise (interna e externa) do movimento prevista neste estudo, a abordagem mencionada considera os aspectos individuais da circulação do discurso, destacando os processos relacionais, o diálogo e o enquadramento da mensagem; ao passo que inclui também as dinâmicas evidentes, não-relacionais, mediadas e potencializadas pela modernização e digitalização da informação (Givan et al., 2010, p. 2-3). Em resumo, os autores definem que o conteúdo desta multidimensionalidade ocorre através de duas principais formas: comportamental e ideacional. A dimensão comportamental se referindo aos repertórios, táticas e ações coletivas, como: boicotes, greves, protestos, ocupações e petições (Givan et al., 2010, p.4) – elementos e fontes de estudo que McGee (1983) aponta como evidências retóricas ou provas de um período histórico (p. 235-236). Por sua vez, o aspecto ideacional trata da produção de ideias e significados: “(...) através da difusão de ações de enquadramentos coletivos que assuntos, objetivos e públicos são definidos” (Givan et al., 2010, p.4)³⁹.

Outro estudioso que trata da dimensão simbólica e interpretativa da mensagem é Sean Chabot (2010), a partir da análise de um diálogo entre líderes de movimentos sociais. O episódio analisado aborda uma reunião em 1936, na região de Bardoli na costa Oeste da Índia, entre Mahatma Gandhi e representantes afro-americanos do movimento de direitos civis nos Estados

³⁶ Tradução minha do original em inglês: “That is, an advocate brings to the confrontation with his audience a battery of entirely personal convictions and opinions; he then adapts them to his vision of what a ‘people,’ when created, will want to hear.”

³⁷ Tradução minha do original em inglês: “So from a rhetorical perspective, the entire socialization process is nothing but intensive and continual exercises in persuasion (...).”

³⁸ Tradução minha do original em inglês: “a multidimensionality that reflects the plethora of actors, networks, and mechanisms involved in the spread of social movements.”

³⁹ Tradução minha do original em inglês: “...through the spread of collective action frames that define issues, goals, and targets.”

Unidos – Dr. Howard Thurman, sua mulher Sue, Edward Carroll e Phenola Carroll (Chabot, 2010, p. 99). O objetivo dos norte-americanos com o encontro era consolidar a difusão transnacional do movimento de não-violência liderado por Gandhi, aplicando-o ao contexto de luta estadunidense em busca da libertação, justiça e igualdade dos negros norte-americanos (Chabot, 2010, p. 108). O fato interessante do encontro foi que, na maior parte do tempo, ao invés de fazerem muitas perguntas conforme havia-se imaginado, foram, na verdade, abordados pelo líder indiano durante horas quanto à realidade do país, diretos de voto, discriminação, educação pública, dentre outras questões sobre a experiência na própria sociedade norte-americana (Chabot, 2010, p. 99). No pouco tempo restante, duas perguntas foram feitas pelos ativistas afro-americanos sobre a ação direta da não-violência e sobre como treinar a população para agir em conformidade com esta diretriz. No entanto, mais uma vez não obtiveram respostas aplicadas ou objetivas às suas perguntas. Gandhi ressaltou a necessidade de devoção para com a causa, destacando que não existiria nenhum caminho correto para todos, e sim o resultado de sua própria experiência e vivência pessoal para com a verdade que estariam se devotando a seguir (Chabot, 2010, p. 99).

O objetivo por detrás deste caso, segundo Chabot (2010), foi ressaltar a necessidade de diálogos profundos nas relações interpessoais presentes no processo de difusão (p. 100). O ato de dialogar é definido como composto por “várias dimensões da comunicação, incluindo linguagem, razão, moralidade, e organização social” (Chabot, 2010, p. 105)⁴⁰. O autor contrasta o acesso à informação – potencializado hoje em dia pela Internet e acervos digitais de veículos de comunicação – que se difunde globalmente, com a real aplicação deste conhecimento ao contexto do movimento que adota esta mentalidade. Para que este conteúdo transmitido seja realmente compreendido e realize a intervenção social que procura, Chabot (2010) indica um recurso contrário à impessoalidade, onde deve-se considerar o que “ativistas envolvidos em lutas por justiça social sentem, pensam, falam, e fazem quando formam relacionamentos interpessoais e sociais para além das fronteiras” (p. 102)⁴¹. Abordando tais elementos presentes no imaginário e na vida pessoal destes indivíduos, o teórico se aproxima de Kenneth Burke (1969) ao demonstrar que o diálogo é a fonte da dialética essencial para a comunicação e para a formulação de argumentos e discursos persuasivos.

⁴⁰ Tradução minha do original em inglês: “various dimensions of communication, including language, reason, morality, and social organization.”

⁴¹ Tradução minha do original em inglês: “activists involved in struggles for social justice feel, think, say, and do when they form interpersonal and social relationships across borders.”

Burke (1969) parte dos conceitos tradicionais da retórica para reforçar a relação dialética – provando opostos – na construção de sentido e persuasão da audiência:

But ideally the dialogue seeks to attain a higher order of truth, as the speakers, in competing with one another, cooperate towards an end transcending their individual positions. Here is the paradigm of the dialectical process for “reconciling opposites” in a “higher synthesis”. (Burke, 1969, p. 53)

Em seguida, o teórico compara a noção de opinião pessoal com o pensamento científico e a verdade, ressaltando a influência de um orador ao saber reconhecer as referências pessoais de sua audiência, identificando os valores desejados para que se conduza uma identificação favorável ao que se é comunicado (Burke, 1969, p. 54). Assim como visto no estudo de caso apresentado, Gandhi dedicou horas de perguntas aos ativistas afro-americanos para compreender a realidade deles, ao invés de apenas emitir a sua própria verdade ou opinião. Em resumo, Burke (1969) afirma que “Você persuade um homem somente quando consegue falar a língua dele através do discurso, gestos, tonalidade, ordem, imagem, atitude, ideia, identificando a sua maneira com as dele” (p. 55)⁴².

Outro possível paralelo com a concepção do diálogo como veículo de difusão de um movimento social pode ser feito através da obra de Harvey Yunis (1991), citada no capítulo anterior. Ao retratar os primórdios das noções de vida pública, política e democrática dentro do contexto da Grécia Antiga, o autor contrasta dois líderes da altura: Péricles e Creonte – indicando-os respectivamente como democrático e demagogo (Yunis, 1991). A principal característica de Péricles como um exemplo de líder democrático se dá pela instrução do *demos* (audiência) através do diálogo com a população, dando-lhes as informações técnicas necessárias a respeito dos mecanismos de gestão para que, então, pudessem votar conscientemente nas medidas públicas (Yunis, 1991, p. 185). Ao final de seu artigo, o teórico reforça que a persuasão ainda se faz presente mesmo numa relação democrática, mas quando a mesma é pautada na capacitação, na instrução e no esclarecimento, o faz com honestidade e razoabilidade nos argumentos (Yunis, 1991, p. 191).

⁴² Tradução minha do original em inglês: “You persuade a man only insofar as you can talk his language by speech, gesture, tonality, order, image, attitude, idea, identifying your ways with his.”

Em suma, as duas obras mencionadas juntamente com o caso abordado por Chabot (2010) exemplificam e reforçam que as relações entre oradores e audiências passam necessariamente por trocas de informação feitas por sujeitos individuais, antes de representarem uma opinião coletiva. Estes discursos, para mobilizarem profundamente os públicos, precisam estar cientes dos componentes pessoais que cada um carrega, ou seja, as dúvidas, limitações e sentimentos presentes. Isto, para que possam transcender as divergências, fazer sentido para muitos públicos, facilitando deles concordarem, se identificarem e, com isso, sustentarem um movimento social. Aplicando este processo na realidade digitalizada atual, cabe aqui questionar de que forma se repercutem esses diálogos. Problematicar, por exemplo, se a relevância que as discussões traçadas nos comentários de postagens *online* seriam uma nova fonte destes diálogos. Ou ainda, indagar se a exibição pública com o suporte ou desaprovação (reação positiva ou negativa a cada comentário) impõem um cenário de abertura aos debates. Se considerar também a informalidade presente neste formato de comunicação em comentários, questiona-se se e como este fator influencia o impacto do que está sendo dito. Neste sentido, até que ponto esta voluntariedade digital de participação é livre ou controlada, uma vez que as pessoas podem ser bloqueadas pelos veículos e usuários?

Para além das trocas de informação e das relações interpessoais, outros autores se debruçaram sobre mais um tópico central à difusão de movimentos sociais: o enquadramento (*framing*). Para esta investigação foram considerados estudos de caso que abordaram como um repertório pode se adaptar ao longo do tempo, mediante o contexto que enfrentam, face à vitória ou derrota em disputas legais, ou ainda dependendo dos públicos que aderem à causa. De acordo com James E. Stobaugh and David A. Snow (2010), estas modulações em que uma causa se insere são criadas em todas as formas de interação social, visto que agem como enquadramento de referências para que as pessoas possam interagir e compreender o mundo que os cerca de forma mais coerente e funcional (p. 35). Ao chamarem de quadros de ações coletivas, os teóricos definem que “eles são conjuntos relativamente coerentes de crenças e significados orientados para a ação, que legitimam e inspiram campanhas e atividades de movimentos sociais” (Stobaugh & Snow, 2010, p. 35-36)⁴³.

O caso apresentado por ambos consistiu na luta que criacionistas travaram legalmente contra os evolucionistas, exigindo que seu conteúdo estivesse presente na agenda de ensino dos

⁴³ Tradução minha do original em inglês: “They are relatively coherent sets of action-oriented beliefs and meanings that legitimate and inspire social movement campaigns and activities.”

Estados Unidos da América de 1925 a 2005 (Stobaugh & Snow, 2010, p. 34). O principal objetivo da pesquisa foi compreender a evolução do movimento dentro de um longo período, onde a validação legal e a expansão local – ações judiciais na cidade, na região ou no país – foram os principais fatores de alteração do enquadramento (Stobaugh & Snow, 2010, p. 39). Neste caso, um dos maiores recursos para que o movimento se adaptasse foi a manipulação taxonômica. Primeiramente, os defensores do movimento se expressavam com termos claramente dicotômicos, colocando, por exemplo, a religião como boa e a evolução como corrupta ou excludente (Stobaugh & Snow, 2010, p. 42). Em seguida, os criacionistas tentaram enquadrar a teoria religiosa como ciência, dando-lhe o novo nome de “design inteligente”, porém, ainda assim, foram negados pelo sistema educacional no país (Stobaugh & Snow, 2010, p. 38).

Segundo Stobaugh e Snow (2010), para que fosse criado este termo, a causa passou por novos reenquadramentos através da inclusão de mais áreas do conhecimento para estruturar a proposta, bem como novos adeptos que representassem profissionalmente estas capacidades. Mais especificamente, tratou-se da aproximação de advogados para construir estrategicamente o caso, bem como cientistas pró-criacionismo que formulariam a apresentação científica deste pensamento (Stobaugh & Snow, 2010, p. 38). De maneira semelhante com relação à adoção de especialistas e diversos setores a uma mesma causa, outro estudo de caso tratou da evolução da causa trabalhista em associação aos direitos civis e direitos humanos nos Estados Unidos. Lance Compa (2010) indica que foi entre os anos 70 e 80 que um grupo de ativistas da Califórnia – United Farm Workers – começou a realizar boicotes no setor agrícola, dando início ao movimento com uma rede de apoio incluindo igrejas, ativistas dos direitos civis, consumidores, estudantes e advogados (p. 57).

Para que fosse viável esta abrangência de públicos para fortalecer o movimento, a causa trabalhista contou com um discurso amplificado de seus efeitos e comprometimentos sociais, posicionando as ações e conflitos não como questões apenas de trabalhadores *versus* gerência das instituições, ou somente requerendo salários baixos e benefícios, mas sim como uma luta pelos direitos básicos do ser humano em si (Compa, 2010, p. 62). Esta nova consciência da causa foi difundida através da capacitação dos próprios trabalhadores, auxiliando-os a refletirem sobre seus direitos, sobre as condições de seus trabalhos e sobre a força que tinham como um grupo. Neste momento, Compa (2010) destaca que a difusão deste movimento operou mais no nível intelectual (mecanismo ideacional), difundindo primeiramente informações, ao invés de focar nos boicotes, greves, paralisações ou conflitos físicos (mecanismo comportamental) (p. 66-67).

Esta conclusão sobre a expansão informacional da causa trabalhista contou, assim como no caso criacionista e evolucionista, com a diversificação e ampliação de públicos aderentes para tal. Compa (2010) cita que havia o objetivo da causa de estar nos média, de debater profundamente os assuntos apresentados e, para isso, contaram com líderes de opinião, pessoas de influência, bem como “oficiais eleitos, ambientalistas, líderes religiosos, líderes empresarial, escritores, autores, um ator, e um líder trabalhista” (p. 63)⁴⁴. Ao identificar este procedimento como recorrente no enquadramento de repertórios num movimento social – que se difunde temporal e espacialmente –, é possível propor mais uma associação ao caso recente da Malala Yousafzai.

Primeiramente, a ativista paquistanesa deu visibilidade à causa do precário acesso feminino à educação e da dominação Talibã no vale de Swat através dos relatos anônimos à BBC Urdu em 2009⁴⁵. Anos depois de sofrer um ataque do grupo terrorista e passar pela consequente revelação de sua identidade, lançou o livro biográfico *Eu Sou Malala* (2013). No mesmo ano Malala criou, juntamente com seu pai, o Malala Fund⁴⁶ – hoje presente no Afeganistão, Brasil, Índia, Nigéria, Síria e Paquistão –, enquanto no ano seguinte (2014) recebeu o prêmio Nobel da Paz⁴⁷. Ainda em 2014 fez parte da lista das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista Time⁴⁸ e em seguida, dois anos depois, foi lançado seu documentário *He Named Me Malala*. Já em 2017 foi premiada pela ONU como a mais nova Mensageira da Paz⁴⁹, e hoje em dia é estudante de Filosofia na Universidade de Oxford⁵⁰.

Esta diversificada e potencial expansão da imagem de Malala possibilitou o acesso à informação de sua história e luta pelo público geral, por formadores de opinião – um exemplo disto foi a entrevista com David Letterman (2018) veiculada pelo Netflix –, por dirigentes políticos –

⁴⁴ Tradução minha do original em inglês: “elected officials, environmentalists, religious leaders, business leaders, writers, scholars, an actor, and one labor leader”

⁴⁵ BBC News. (2009, janeiro 19). Diary of a Pakistani schoolgirl. *BBC News*. Disponível em: <http://www.news.bbc.co.uk>

⁴⁶ Malala Fund. (2013). Who We Are. Disponível em: <https://www.malala.org/about>

⁴⁷ G1. (2014, dezembro 10). Malala Yousafzay e Kailash Satyarthi recebem formalmente o Nobel da Paz. *Rede Globo*. Disponível em: <http://g1.globo.com>

⁴⁸ Clinton, C. (2013, abril 18). The 2013 TIME 100. *Time 100*. Disponível em: <http://time100.time.com>

⁴⁹ ONU News. (2017). Malala é a mais nova Mensageira da Paz das Nações Unidas. *ONU News*. Disponível em: <https://news.un.org/>

⁵⁰ The Guardian. (2018, março 11). Malala Yousafzai: ‘The west is viewed as an ideal, but there’s still a lot of work to be done’. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com>

como os presidentes de países como a Nigéria, Iraque⁵¹ e Estados Unidos⁵² –, além de outros ativistas e simpatizantes da causa que incorporaram sua imagem e discurso em postagens, matérias e pronunciamentos através das redes sociais. Exemplos neste sentido puderam ser colhidos através da plataforma Instagram ao indicar mais de cento e sessenta e sete mil resultados obtidos através de postagens que utilizaram a *hashtag* #malala. Dentre os perfis e conteúdos indicados, foi possível identificar *designers* (@theindysign , @princesinhaperiferica), jornalistas e escritores (@trebuonimotiviperleggere , @dupla.literaria), ativistas e organizações (@adrapbrasil , @maliaxk , @alice.me , @weareauburn_uk), ilustradores (@efi_leidinger , @mollyspink.creative , @bia.daga), advogados (@rebecaservaes.adv), escolas e educadores (@churchillschoolnyc , @colegiomariaester2 , @ca.lloipe), influenciadores e blogueiras (@sidraableblog , @viajarehvida), além de cidadãos comuns (@roohallah_dehghani , @gothmummi, @eunicoleoficial).

Ainda sem demonstrar conclusões sobre os mecanismos de expansão e consolidação de um movimento social, de uma causa, bem como de uma personalidade, cabe neste momento reforçar a presença de três fatores centrais e recorrentes no processo: a complexidade da rede de influências que permeia o caso e que se potencializa com o passar do tempo; a fluidez do repertório influenciando na absorção e aplicação do discurso ao longo do tempo e do espaço; e, ainda, a aderência de públicos, agentes e representantes que operam de forma similar a veículos de informação, reenquadrando a mensagem para que faça sentido em diversas camadas sociais, culturas e setores da vida pública e privada.

Mais especificamente sobre a fluidez do repertório e da pluralidade de públicos aderentes, pode-se propor uma correlação com a definição de modernidade líquida e hipermodernidade, apresentadas por Zygmunt Bauman (2001) e Gilles Lipovetsky (2004) respectivamente. O movimento de constante adaptação de um discurso ou de uma ideia fazem parte do conceito de fluidez, de efemeridade, de constante mudança que a sociedade atual enfrenta, segundo estes autores, não só face às questões políticas e sociais, mas também às identitárias e comportamentais. Antes de detalhar a respeito de ambas as contribuições teóricas, destaca-se duas principais características que contribuem para o estudo: a heterogeneidade e a descrença da tradição. A

⁵¹ G1. (2017, julho 20). Malala Yousafzai se encontra com líderes do Iraque e da Nigéria para pedir acesso de meninas à educação. *Rede Globo*. Disponível em: <http://g1.globo.com>

⁵² Rucker, P. (2013, outubro 13). Malala Yousafzai meets with the Obamas in the Oval Office. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com>

multiplicidade e a diversidade de referenciais e elementos simbólicos que permeiam uma realidade fluida, dentro do contexto dos movimentos sociais, poderiam ser ilustradas com: uma maior composição de públicos numa audiência; uma facilitação em ações transnacionais por ter diferentes nações cooperando; ou ainda uma fusão de causas e valores próximos em um só movimento para que seja fortalecido em conjunto.

Com relação à origem deste panorama heterogêneo pós-moderno, ambos os autores destacam, de maneira geral, uma descrença, uma decepção e uma ruptura com as grandes instituições humanas, com os setores e personagens responsáveis por gerir e assegurar a vida pública. Este ponto também se mostra central à discussão, visto que os objetos de pesquisa desta estudo são cidadãos que justamente decidiram tomar a frente, assumir um papel e uma luta pela sociedade porque estavam inconformados ou revoltados com um cenário que consideravam injustos, que lhes afetava a segurança, que os fazia se sentirem impotentes ao ponto de projetarem sua imagem, discurso e pedido de ajuda para o mundo.

Primeiramente relativo às contribuições de Bauman (2001), o autor descreve que há uma individualização e independência devido à constante liquefação (rupturas, quebras, descrenças, remodelamentos) dos sólidos, representados pela tradição, pelas anteriores normatizações e valores universais impostos por uma elite reguladora que perde cada vez mais sentido e força (Bauman, 2001, p. 9). Metaforicamente, tais elementos historicamente dotados de rigidez e formas bem demarcadas, quando expostos às pressões da realidade pós-modernas – dinâmicas sociais do dia a dia, questionamentos individuais e crescente acesso à escolha e expressão de opinião – acabam se comportando como uma composição viva de fluxos (simbólicos), assumindo uma forma instantânea, constantemente modificada e livre em suas combinações (Bauman, 2000, p. 13).

O destaque à noção de fluxo proposta por Bauman (2001) se justifica pela possível potencialização que este contexto plural pós-moderno pode provocar no movimento de difusão, uma vez que compreenderia uma diversificação de públicos, canais, abordagens e formatos – aspectos ilustrados pelos estudos de casos e exemplos citados. Em concordância, Lipovetsky (2004), em sua obra *Os Tempos Hipermodernos*, defende que esta realidade se trata de um cenário heterogêneo, individualizado e libertário em um momento de extrema fluidez e efemeridade (p. 38-39). O teórico define esta configuração com base na influência *hiper* (intensa, extrema e constantemente reciclada) da ideologia da moda em todos os setores da vida (Lipovetsky, 2004, p. 26). Sua visão indica que o acesso ao consumo e à liberdade de escolha seriam os dispositivos

centrais desta massa de pessoas cada vez mais, paradoxalmente, autônomos e reguladores (Lipovetsky, 2004, p. 21-23). A motivação deste cenário individualizado se pautaria na descrença global nas grandes instituições, o medo e a angústia situados num cenário corrupto e de guerras. Esta sociedade compensaria o sentimento de abandono através da autorregulamentação e do autojulgamento para condução do bem coletivo: “Face à desestruturação dos controlos sociais, os indivíduos, no contexto pós-disciplinar, têm a possibilidade de assumir ou não, de se auto controlar ou de deixar andar.” (Lipovetsky. 2004, p. 23).

De forma semelhante, Bauman (2001) afirma que a sociedade de hoje já é liberta e individualizada, onde a força do determinismo nas amarras sociais se perdeu; perdeu a solidez e indicou a também a efemeridade (p. 29). Até os ambientes comunitários que seriam locais acolhedores dos excluídos ou provedores da revolta e da luta pela liberdade, hoje pautam suas normas e regulações no sujeito já autônomo (Bauman, 2001, p. 30). Não é mais o social que opera como força determinante de identidade necessariamente, na verdade conta-se com o ser movido e responsabilizado a partir de suas próprias escolhas. Em outras palavras, a individualização consiste no estabelecimento de uma autonomia *de jure*, independentemente da autonomia de facto também ter sido estabelecida (Bauman, 2001, p. 44).

Considerando os aspectos de regimento autônomo, Lipovetsky (2004) e Bauman (2001) definem, respectivamente, os conceitos de pós-disciplinaridade e autonomia *de jure*. Estes, por sua vez, são aqui associados também ao potencial de difusão movimento para o constante reenquadramento de uma causa, visto que se mostram como mais um possível fator de potencialização deste mecanismo. Tendo em vista estes processos de autorregulação pós-moderna durante a adesão novos públicos e causas num único movimento, estaria se difundindo não apenas informação, mas também uma responsabilidade. Seria viável propor que esta incumbência transmitida tenha motivado a postura ativista que hoje se encontra representada não só por grandes lideranças políticas, mas também por cidadãos comuns? Ou ainda, seriam as redes sociais o novo veículo de engajamento moderno, visto o acesso facilitado à informação, participação e debates entre estes indivíduos? Alguns exemplos neste sentido poderiam ser citados, como os movimentos

#MeToo⁵³, As Meninas da Rua da Revolução⁵⁴, Primavera Árabe⁵⁵, Code Pink⁵⁶ e Ni Una Menos⁵⁷.

Retornando a respeito das novas formas de ativismo impulsionadas pelos aparatos e plataformas digitais, indica-se agora uma abordagem ao movimento social que questiona de que forma a difusão ocorre. Jennifer Earl e Katrina Kimport (2010) investigaram a difusão de tipos de ativismo na internet, abordando-os a partir da difusão de diversos modelos de ação, e se utilizando da taxa de adoção para mensurar o grau em que estas táticas foram difundidas (p. 125). Seguindo o reconhecimento da análise de movimentos sociais em sua dupla dimensão (inconsciente e externa), destaca-se que esta fase da pesquisa estaria focada nas evidências físicas, documentais e cronológicas. O conteúdo de ambas as autoras auxilia na investigação do objeto de estudo escolhido, visto que representa uma aplicação recente dos estudos de difusão frente as novas dinâmicas de circulação e produção de informação influenciadas pelo avanço tecnológico e digital. Desta forma, é tratado como um panorama válido para guiar a análise até os principais canais e formatos praticados, bem como compreender as características de cada um.

As teóricas inicialmente destacam os principais focos de investigação dentro do ativismo na Internet: a mudança de escala nas organizações e o aumento da velocidade de difusão, da audiência e do alcance global da mensagem (Earl & Kimport, 2010, p. 125). Em seguida, perpassam as contribuições de outros autores e pesquisas realizadas para elucidarem quatro principais formas deste tipo de ativismo: *brochureweb*, facilitação *online* de protestos *offline*, participação *online* e organização *online* (Earl & Kimport, 2010, p. 126-127). Primeiramente, o *brochureweb* representa o perfil de canal que apenas compartilha informação, ao invés de produzi-la ou proporcionar a ação e interação do público diretamente na plataforma. A facilitação *online* de protestos *offline* tem a função de propagar informação sobre protestos, possibilitando em alguns casos que haja interação para dar suporte a alguma operação física (Earl & Kimport, 2010, p. 127). A participação *online*, por sua vez, promove táticas que possam ser realizadas diretamente *online*, como por exemplo as petições. Este tipo de ativismo, acrescentam as teóricas, tende a ser bastante modular, característica descrita como central à difusão de inovação porque, por indicarem um

⁵³ Mais informações disponíveis em: <https://metoomvmt.org/>

⁵⁴ Mais informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/as-mulheres-que-desafiam-o-regime-no-ira-tirando-o-veu-da-cabeca.ghtml>

⁵⁵ Mais informações disponíveis em: <https://www.aljazeera.com/topics/subjects/arab-spring.html>

⁵⁶ Mais informações disponíveis em: <https://www.codepink.org/about>

⁵⁷ Mais informações disponíveis em: <http://niunamenos.org.ar/>

padrão e uma repetição reproduzida, facilitam sua disseminação (Earl & Kimport, 2010, p. 127). Por fim, Earl e Kimport (2010) definem a organização *online* como o cenário onde uma campanha inteira ou um movimento social por completo se encontrem num portal digital, restando pouca mobilização *offline* para os realizadores (p. 128).

Earl e Kimport (2010) apresentaram uma pesquisa realizada acerca de vinte causas diferentes, perpassando 1.387 websites e focando nas duas formas extremas de ativismo digital: *brochureweb* e organização online (p. 129). As autoras destacam alguns dados relevantes, como a informação de que os sites que hospedavam táticas online eram oferecidos por perfis diferentes de Organizações de Movimentos Sociais (SMO) (Earl & Kimport, 2010, p. 133). Outro dado representativo indicava que os sites com maior variedade de causas eram também plataformas mais complexas, e surpreendem por conterem muitas táticas de protesto, ao invés de serem superficiais quanto ao conteúdo devido ao volume de informação com que lidam (Earl & Kimport, 2010, p. 134-136). Por fim, notou-se o aumento de instituições – sociedades profissionais, SMOs e laboratórios de pesquisa – que oferecem formas de engajamento e ação de autoria própria, o que é problematizado em dois sentidos: se existe então um mecanismo de mímica por detrás do aumento da autoria, ou se há interesses ligados ao Marketing em trabalhar a imagem de empresas que se beneficiariam de uma atitude social reconhecida (Earl & Kimport, 2010, p. 137).

Este crescimento de autoria pode ser compreendido também como um aumento do senso de individualidade relativo ao contexto atual do mundo, movimento identificado anteriormente juntamente com as contribuições de Lipovetsky (2004) e Bauman (2001). No entanto, esta característica foi também observada por Henrik Vejlgaard (2008), teórico dos estudos de tendências. Ao investigar processos de mudança e o contato da sociedade com a inovação em diversos setores da vida, o teórico indica que atualmente se observa um maior surgimento deste individualismo nas sociedades ocidentais, visto que as necessidades básicas de consumo foram, em grande parte, supridas, dando espaço para a expressão individual como o gosto e o estilo:

The strong sense of individualism that is present in Western societies in the twenty-first century can help explain the acceleration of fads and trends that took place during the twentieth century. In other words, when basic needs are met, people have more freedom to focus on style and taste to express their individualism. (Vejlgaard, 2008, p. 70)

O autor complementa indicando que esta liberdade de expressão vem acompanhada com o desejo de se diferenciar (Vejlgaard, 2008, p. 69), o que é sinônimo da vontade de se destacar em meio à multidão, de inovar com a própria imagem. Trazendo esta informação novamente para a realidade do surgimento de novos mitos, mesmo que no âmbito do ativismo político, é possível indicar que, por um lado, este potencial de exibição pode ser favorável para que novas figuras e ícones surjam no futuro. Ou seja, pode existir o aumento de vontade de difusão da mensagem ou imagem pessoal para além de sua localidade, contexto e “audiência”. Porém, por outro lado, há a possibilidade de ofuscar estas figuras potencialmente proeminentes, visto que há uma massa de indivíduos com o mesmo desejo de destaque, não colaborando para a devoção e suporte das massas.

A área de especialização de Vejlgard (2008) também se associa aos resultados obtidos pelas autoras ao abordar a questão modular da difusão. Enquanto para Earl e Kimport (2010) esta reprodução padronizada ou reincidente de formatos de participação *online* se mostra central à difusão do ativismo digital (p. 127), para Vejlgard (2008) este é um mecanismo também crucial para o estudo de tendências, uma vez que busca sinais conceitualmente similares, porém reproduzidos diferentemente em cada cultura, época ou tribo que os adotam (p. 9). Nelson Gomes, Suzana Cohen e Ana Flores (2018), também especialistas da área do estudo de tendências, esclarecem mais especificamente o que são estes sinais ou manifestações com caráter modular, bem como os movimentos sociais e comportamentais associados⁵⁸. Os teóricos explicam que este campo multidisciplinar do estudo de tendências busca:

“(...) identificar as mudanças ao nível das mentalidades que, por sua vez, se tornam visíveis no meio social. (...) De forma sintética, os seus objetos de estudo prendem-se com as várias manifestações associadas aos comportamentos sociais, ou seja, procura-se identificar e acompanhar práticas, rituais, representações e discursos - vinculados a determinados

⁵⁸ Para mais informações a respeito dos conceitos, abordagens e objetivos do estudo de tendências, indica-se inicialmente a leitura das seguintes obras: Gladwell, M. (2000). *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference*. Boston: Little, Brown and Company; Gloor, P. A., & Cooper, S. M. (2007). *Coolhunting: chasing down the next big thing*. Nova Iorque: American Management Association; Gomes, N. P. (2016). Trends Management Applied to Branding and Cultural Management. Logo, v.5, n.1, p. 67-80, abr. 2016; Higham, W. (2009). *The Next Big Thing*. Londres: Kogan Page; e Dragt, E. (2017). *How to Research Trends*. Amsterdam: BIS Publishers.

artefatos, com o objetivo de compreender comportamentos e mentalidades emergentes que refletem mudanças do espírito de um tempo.” (Flores, Gomes & Cohen, 2018, p. 53)

Após detalhar os diversos tipos de ativismo na internet, a presente pesquisa avança agora para mais um processo essencial não apenas na difusão, mas no estabelecimento e implementação de um movimento social: a “mudança de escala” (*scale shift*) apresentada por Sidney Tarrow (2010). Este conceito se mostra como um contributo ao estudo, uma vez que descreve os principais elementos de observação e mapeamento de um movimento que se expande de maneira profunda e significativa, chegando ao ponto de alterar tanto uma cultura local quanto a própria gestão de uma cidade, país ou causa mundial. O termo se refere a um processo que transpassa a difusão local e social de um movimento, considerando a alternância do nível de coordenação para cima (*upward scale shift*) ou para baixo (*downward scale shift*) – condições que direcionam os públicos e instituições envolvidas (Tarrow, 2010, p. 214). O autor complementa indicando que modificar a escala para baixo significa agir mais localmente, focando nas ações individuais ou em grupo, enquanto alternar para cima significa evoluir para uma ação regional, nacional ou internacional (Tarrow, 2010, p. 215). Apesar do movimento *downward* poder ser um mecanismo chave para determinadas causas ou fases destes movimentos, o movimento de *upward scale shift*⁵⁹ representa o principal processo para políticas de contenção visto que: “Isto move a contenção para além de suas origens locais, toca em interesses e valores de novos atores, envolve uma mudança para locais onde a contenção pode ter mais ou menos êxito, e podem ameaçar outros atores ou regimes inteiros.” (Tarrow, 2010, p. 215)⁶⁰.

O teórico acrescenta a respeito deste principal mecanismo indicando duas principais formas de operação: difusão direta – relacionando indivíduos e grupos que já tenham tido contato, apresentem similaridades ou que transmitam mútua confiança por uma rede de conexões em comum; e difusão mediada – operando através de representantes (*brokers*) que conectem públicos até então distintos ou sem proximidade com a causa, criando as redes de contato e semelhanças que não se fariam presentes naturalmente (Tarrow, 2010, p. 215). Para que cada uma das possíveis

⁵⁹ Termo indicado por Sidney Tarrow (2010) como cunhado por ele em parceria com Doug McAdam em 2005 (p. 204).

⁶⁰ Tradução minha do original em inglês: “It moves contention beyond its local origins, touches on the interests and values of new actors, involves a shift of venue to sites where contention may be more or less successful, and can threaten other actors or entire regimes.”

rotas se desenvolva, Tarrow (2010) descreve ainda outros procedimentos de difusão: emulação, a própria corretagem e a atribuição de similaridade (p. 215). Todas as etapas foram representadas no esquema visual a seguir:

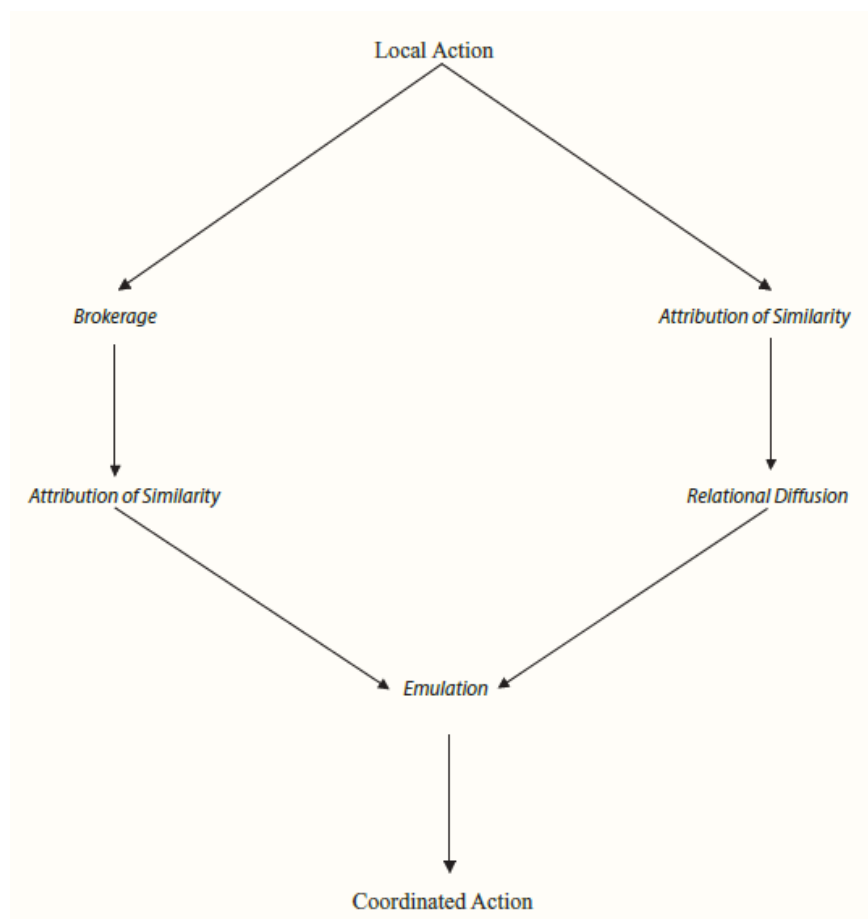


Figura 4. Scale Shift: Alternative Routes. (Tarrow, 2010, p. 216)

Estas duas possíveis rotas descritas por Tarrow (2010) demonstram diferentes esforços que a difusão tem de fazer para que ocorra a expansão do determinado movimento social. Faz-se aqui um paralelo com as visões de Kenneth Burke (1969) ao relacionar a eficácia da retórica diante o fator de Identificação e Consustancialidade (p. 21-22). Ao indicar que os indivíduos estão em paz, Burke (1969) descreve que estes já estariam cooperando para modificarem uns aos outros (p. 23), algo que Tarrow (2010) definiu como atribuição de similaridade entre grupos que não se conheciam, mas se aproximaram (p. 216). Esta aproximação, segundo Tarrow (2010), pode ser espontânea através da rota relacional, ou resultado de um esforço de mediação – difusão mediada.

A segunda possibilidade é o percurso que aqui está sendo associada à função de persuasão da retórica segundo Burke (1969), que se empenha para transcender estas divisões. Este seria o oposto de um cenário pacífico de relacionamento, conforme previsto pelo autor: “Mas enquanto o indivíduo esteja envolvido num conflito com outros indivíduos ou grupos, o estudo destes mesmos indivíduos cairia sob o domínio da Retórica” (Burke, 1969, p. 23)⁶¹. Em suma, o objetivo desta observação entre a equiparação das elucidações de ambos é de reforçar a centralidade da análise retórica presente no processo de difusão de um movimento social. Tal relevância aplica-se tanto aos procedimentos relacionais de propagação da causa, quanto aos efeitos externos desta difusão, analisados através das táticas definidas, dos canais e formatos de ativismos que contam, por sua vez, com o esforço de unir públicos e localidades distantes, incompatíveis ou conflituosos.

Henrik Vejlgard (2008) também aborda a transmissão de informação dentro de movimentos sociais, por sua vez, identificando uma dinâmica similar à corretagem (*brokerage*) dentro dos estudos de tendências. A afinidade e cooperação social para difusão de uma mentalidade é analisada pelo autor através do mapeamento de grupos que exibem um maior potencial de influência social. Perfis como jovens, designers, gays, ricos, celebridades e artistas, seriam os principais grupos onde se identificam sinais de inovação ou processos de mudança – descritos com tendências comportamentais (Vejlgard, 2008, p. 33-49). No entanto, Vejlgard (2008) ressalta que nem todos os indivíduos que fazem parte destes grupos são os precursores de um movimento ou os responsáveis por dar início efetivo à difusão (p. 48). A maioria dos integrantes ainda faz parte da parcela da população que segue estes estímulos ao invés de cria-los:

In other words, these groups also have close ties to the mainstream. They are certainly not separate from the rest of society, which is important for the spread of a trend. For the most part, human beings seem to prefer to socialize with people who, broadly speaking, share the same lifestyle. (Vejlgard, 2008, p. 52)

Ao nomeá-los como *mainstream*, o teórico descreve que a maioria dos indivíduos depende do impulso destas figuras de destaque para terem acesso e ingressarem em um movimento

⁶¹ Tradução minha do original em inglês: “But insofar as the individual is involved in conflict with other individuals or groups, the study of this same individual would fall under the head of Rhetoric.”

transformador. E para que isto se suceda, é necessário que haja uma conexão estabelecida, uma interação, uma afinidade ou, parafraseando Burke (1969), uma consubstancialidade entre eles.

Somando as visões de Tarrow (2010), Burke (1969) e Vejlgard (2008) chega-se a uma prévia estrutura de difusão, no tocante à expansão do movimento para diferentes grupos e níveis ou camadas sociais. Um caso que ilustra estas dinâmicas foi apresentado anteriormente ao comparar as duas jovens ativistas da atualidade: Malala Yousafzai e Ahed Tamimi. A exposição anterior de ambas as trajetórias tentou evidenciar as semelhanças e diferenças para que se compreenda a popularidade e o crescimento de influência de uma em contraste com a difícil atuação de outra – apesar de ainda ser um símbolo nacional de luta. Com base nas noções de *downward scale shift* e *upward scale shift* de Tarrow (2010), é possível associar mais fatores que talvez justifiquem a repercussão de ambas as imagens. Considerando a opção do movimento de difusão mais local, interpessoal e arraigada nos efeitos individuais ou de pequenos grupos (*downward*), é cabível associar à trajetória de Ahed. A jovem palestina relata em sua entrevista ao canal AJ+, mencionado anteriormente, que a população local enfrenta diretamente e diariamente o exército de ocupação israelense, que seu comportamento durante os interrogatórios foi influenciado pelos relatos e reuniões feitas por familiares e outros moradores de Nabi Saleh sobre experiências em prisões, bem como que durante seu tempo na prisão os prisioneiros se reuniam para terem aulas de direitos humanos e advocacia. Ainda assim, sua imagem circula como um ícone nacional de resistência, estando presente em grafismos e cartazes pela cidade, além de ter muitos vídeos de confrontos com o exército viralizados na Internet.

No entanto, esta popularidade não é um objetivo para Ahed, conforme mencionado em sua entrevista para o AJ+ (Dena Takuri, AJ+, 2018, 14min 50s):

(Dena Takruri) – You’re now known on an international scale. You’re famous. How do you feel?

(Ahed Tamimi) – I’m the type that doesn’t like fame and such things. But no, the thing that make me happy is that I’m able to relay my country’s message, which I always dreamed of. I am proud to relay the message of my sisters and brothers in prison. I hope every prisoner gets released. And that all the campaigns around me continues for the rest of the prisoners.

Ahed continua sua fala descrevendo ainda mais detalhes da população local que se mantém presa, além de exemplificar que tipo de campanhas e informações deveriam ser disseminadas para desenvolvimento do conhecimento e resistência da população da Palestina:

(Ahed Tamimi) – They shouldn’t end because I’m out, because I was a simple example of a prisoner. We have prisoners with long sentences, wounded prisoners, and sick prisoners. They need us to pay attention to them. Everyone needs to know this. We need to have awareness campaigns for people. For example, in every village and every city there should be a center to educate people on that they should do during the interrogation, or what they should do as a prisoner. Everyone needs to know this, because every Palestinian could be arrested. (...) The most important group that should know this is the women. They are half of society, and they raise the other half. If the woman isn’t capable and strong and sufficiently aware, we can’t raise the generation that will free our homeland.

Por fim, a entrevistadora Dena Takuri insiste a respeito de compreender a visão da ativista com relação ao crescimento de sua visibilidade e popularidade pessoal (2018b, 16min 44s):

(Dena Takruri) – They’ve named you the Palestine’s icon. You’ve become a symbol of Palestine. Do you feel that’s a honor or a burden?

(Ahed Tamimi) – It’s a honor, of course, because the Palestinian cause has never been a burden for us. I always wanted to do something for my country. And thank God, I was able to, even through simple things. I was able to have my voice reach the world. And God willing, I will continue this path and study law to become a lawyer and file the case in international court.

Em sentido oposto, a trajetória de Malala já indica episódios que se assimilam mais à estratégia de alcançar representantes de níveis econômicos e sociais superiores ou fora de sua realidade original, além de focar sempre em dissipar suas ações internacional e mundialmente (*upward*). Alguns fatos que comprovam esta estratégia e alcance foram: o acesso a figuras

presidenciais; sua fundação estando presente em diversos países; além de, segundo relato de seu pai ao TED Talks (2014), ter se esforçado para comunicar em todas as plataformas possíveis, incluindo grandes veículos como BBC e New York Times. Neste sentido, ao considerar a observação de Tarrow (2010) de que o processo de *upward scale shift* é o mais significativo no sentido de difundir e prover a implementação de movimentos sociais (p. 215), questiona-se se este foi mais um comportamento a favor da construção da imagem de Malala. Enquanto ela e seu pai militavam dentro do Paquistão, eles não haviam se tornado figuras públicas com tamanha repercussão, nem conseguido tanto feitos como hoje em dia. No entanto, assim que ela sofreu o atentado e foi acolhida no Reino Unido, sua história começou a ser pauta de cada vez mais por matérias jornalísticas e debates de forças políticas internacionais, culminando inclusive em seu convite para participar da ONU como mensageira da paz. Por outro lado, Ahed Tamimi enfrenta a prisão, tem seu visto negado para os Estados Unidos da América e, possivelmente, ainda limita a abrangência de seu discurso a nível mundial por falar e escrever apenas em árabe.

Retornando a respeito das correlações feitas com autores que estudam a difusão através de outros fatores, a presente investigação encaminha-se para a última correlação proposta na abertura deste capítulo: associação da concepção de difusão mítica com a difusão de uma inovação. Givan, Rogers e Soule (2010) iniciam seu livro descrevendo o conceito de difusão ao lado da noção de inovação, por considerarem ser a vertente mais difundida dentre os estudiosos do campo: “O conceito de difusão é largamente utilizado por cientistas sociais para referir à disseminação de determinadas inovações através de canais diretos e indiretos entre membros de um sistema social (Rogers 1995).” (Givan et al., 2010, p. 1)⁶². Tarrow (2010), em concordância, também se utiliza da mesma fonte para associar o movimento de uma inovação com a ação coletiva através das redes institucionais:

What I mean by this is that the progress of an innovation is largely dependent on its resistance or acceptance by a receiving population (Rogers 1995). (...) Its acceptance or diffusion depends ultimately on the networks through which it travels and on its adaptation to the task it was designed to solve. (Tarrow, 2010, p. 212)

⁶² Tradução minha do original em inglês: “The concept of diffusion is widely used by social scientists to refer to the spread of some innovation through direct or indirect channels across members of a social system (Rogers 1995).”

O autor a quem se referem é Everett M. Rogers, escritor de *Diffusions of Innovations* (1983), que será utilizado para explicitar os mecanismos de propagação de uma inovação.

Rogers (1983) afirma que a difusão de inovação conta com canais específicos para tal, bem como concorda com a necessidade de uma rede estabelecida de atores que aceitem a novidade e permitam que ela diminua a incerteza no mundo que os cerca (p. 6). A função da inovação em interferir no ambiente é associada à noção de tecnologia como uma prática benéfica implantada através da circulação de informação (Rogers, 1983, p. 12). O teórico acrescenta, que a própria difusão já indica o potencial transformador do conteúdo inovador que carrega:

Diffusion is a kind of social change, defined as the process by which alteration occurs in the structure and function of a social system. When new ideas are invented, diffused, and are adopted or rejected, leading to certain consequences, social change occurs. (Rogers, 1983, p. 6).

O potencial transformador destas ideias, por sua vez, aproxima-se do propósito primário dos objetos aqui analisados. Considerando que a presente pesquisa aborda a temática do ativismo dentro dos Direitos Humanos, onde figuras proeminentes apontam um comportamento mítico para propagação e sustentação de suas imagens e lutas, associa-se a principal função destes com a inovação em si, visto que procuram beneficiar os contextos que consideram precários, intervindo numa realidade que esteja exposta a fatores prejudiciais, precários, injustos e afins.

Portanto, quando o estudo aproxima o mito à definição de inovação, ele se pauta no caráter articulador deste discurso para influência e intervenção na vida política e pública. Tal posicionamento foi consolidado através da colaboração com as visões dos três autores de base desta obra, mais especificamente Roland Barthes (1972), Kenneth Burke (1969) e Michael C. McGee (1975; 1980; 1983). Os dois primeiros retratam este tema ao analisarem os contributos de Karl Marx (1847) sobre a ideologia e da formação de uma esquerda *versus* direita. Conforme indicado no capítulo anterior, Barthes (1972) se mantinha parcial afirmando que só haveria mito na direita devido ao fato da esquerda lidar com fatos, com histórias reais e contextos demasiados arraigados para que se manipulasse o seu sentido (p. 147-148). Já Burke (1969) parte de uma análise mais ampla, considerando o desdobramento das teorias marxistas como também contendo

estratégias retóricas, possibilitando que mitos provenham controles governamentais quando manipulados para tal (p. 104).

Ambos desenvolvem as suas abordagens a respeito de como analisar este mecanismo entre o mito e a ideologia. Burke (1969) descreve como um analista de ideologias deve compreender este fenômeno a partir da interpretação de ideias dominantes sucessivas. Ao longo do tempo, estas mensagens em conjunto formariam um sentido mais amplo, algo pertencente a uma ideia universal (Burke, 1969, p. 106-107). Neste sentido, a ideologia se constrói a partir deste processo gerando uma série de direcionamentos e atitudes específicas e, também, colocando-as como se fizessem parte de um propósito geral que sempre existiu.

Barthes (1972), por sua vez, aproxima-se da ideia de universalização da mensagem através da manipulação simbólica que o discurso mítico realiza, esvaziando o sentido inicial de um significante (antigo significado e nova forma) e contando uma nova história naturalizada (p. 113). O problema, neste caso, é que o significante esvaziado pelo discurso do mito poderia conter uma história de luta ou de revolução, por exemplo, que fosse contra a ordem dominante e, por isso, teria sido reprimida. Ao localizar o mito no lado direito da política, o autor indica que esta supressão da carga histórica teria o efeito de uma despolitização estratégica, deixando certos sinais latentes por um tempo, até serem trazidos de volta ao discurso caso faça sentido para a situação atual em que o mito se encontra, permitindo-o continuar a persuadir constantemente (Barthes, 1972, p. 143).

Já McGee (1975) retrata o mito político como uma componente presente em todas as etapas do processo de socialização, influenciando na tomada de atitudes coletivas através da construção projetada, fictícia e até ilusória de uma audiência (p. 243). O teórico conta com Georges Sorel (1999) para complementar sua afirmação, indicando que os mitos políticos são expressões de um determinado desejo coletivo que se utilizam de uma linguagem que faça sentido dentro do movimento em que se inserem (McGee, 1975, p. 244). Nesta perspectiva, a existência destes pressupõe também a presença de uma unidade entre a comunidade, bem como um movimento coletivo de ideias, de informações: “Então enquanto ‘o público’ acreditar em mitos básicos, existirá unidade e identidade coletiva. Quando não houver uma crença fundamental, será possível sentir a crise que pode ser encontrada apenas com uma nova retórica, uma nova mitologia.” (McGee, 1975, p. 245)⁶³. Em seu posterior artigo, o McGee (1980) associa ainda o próprio conceito

⁶³ Tradução minha do original em inglês: “So long as ‘the people’ believe basic myths, there is unity and collective identity. When there is no fundamental belief, one senses a crisis which can only be met with new rhetoric, a new mythology.”

de movimento como sendo motivado pelo desejo coletivo, representando uma projeção mítica em busca de desenvolvimento: “Porque isto é a expressão daqueles que precisam, procuram e veem ‘progresso’ ou ‘destino’, a noção completa de ‘movimento’ é mítica, um truque da mente que deve ser compreendido como uma ilusão e não um fato.” (p. 242-243)⁶⁴.

Após estabelecer as correlações principais e justificar o encaminhamento da presente pesquisa, será dada continuidade ao conteúdo tratado por Everett M. Rogers (1983) a respeito do sistema de difusão da inovação. Os conteúdos de sua obra que se mostram de maior relevância para a análise serão apresentados de forma associativa, com o objetivo de criar um panorama amplo e interconectado de suas teorias. Primeiramente o autor destaca o potencial informativo que toda inovação carrega em si, associado à função de capacitação da sociedade para a diminuição da incerteza em seu ambiente, algo alcançado mediante as atitudes de procurar e processar este conteúdo (Rogers, 1983, p. 13). Esta busca ocorre tanto no nível pessoal quanto no coletivo e, consequentemente, afeta as tomadas de decisão e serve de canal, exemplo ou referencial para outros integrantes da sociedade. O conteúdo desta inovação essencialmente informativo foi descrito por Rogers (1983) como composto por aspectos *software* e *hardware*, sendo o primeiro referente à informação em si, enquanto *hardware* consiste no conjunto de ferramentas, materiais e objetos que suportam esta tecnologia (Rogers, 1983, p. 12-14).

Mesmo considerando esta dupla dimensão do conteúdo, Rogers (1983) aponta para a possibilidade da utilização de *clusters* tecnológicos – um conjunto de inovações dentro da mesma ideia, onde a difusão seria facilitada por aumentar a chance de adeptos (p. 14). Neste sentido, destaca o fator de reinvenção ao longo da difusão da inovação, prevendo que, em muitos casos, exista uma estrutura principal dessa nova ideia que é absorvida e alterada de acordo com os grupos e sujeitos que a adotam (p. 16-17). Este último aspecto mencionado pode ser associado a uma descrição frequentemente utilizada nesta pesquisa com relação ao discurso mítico, mais especificamente sobre a adaptação do discurso, a ressignificação simbólica, e o fortalecimento da persuasão da mensagem disseminada mediante a constante adaptação feita em prol da aderência de novos públicos. Por sua vez, para que a reinvenção ou a própria difusão aconteça, é necessário que a informação se dissipe entre pessoas que já saibam ou já tenham tido alguma experiência com a inovação, para outros que não estejam conscientes de tal (Rogers, 1983, p. 17).

⁶⁴ Tradução minha do original em inglês: “Because it is the expression of those who need, seek and see ‘progress’ or ‘destiny,’ the whole notion of ‘movement’ is mythical, a trick-of-the-mind which must be understood as an illusion and not as a fact.”

Para que este objetivo seja alcançado, Rogers (1983) ressalta outro componente central à difusão da inovação: os canais de comunicação. O teórico afirma que as mídias de massa, por exemplo, tendem a ser o canal mais rápido e eficiente para criar amplamente um conhecimento geral sobre a nova informação (Rogers, 1983, p. 18). Em sentido oposto, tem-se os canais interpessoais de comunicação que contam com a interação física de conexões próximas ou similares aos indivíduos que estão tendo contato com a inovação pela primeira vez (Rogers, 1983, p. 18). Este efeito em cadeia depende de uma afinidade entre os sujeitos e pode ser mais eficaz do que a própria informação científica ou institucional – que é fundamental nos primeiros momentos da difusão por não haver muitas fontes ou depoimentos de experimentações a princípio.

Devido à centralidade e o potencial desta afinidade entre os participantes da comunicação em questão, Rogers (1983) introduz o conceito de homofilia: o grau de similaridade entre indivíduos, de acordo com suas crenças, educação, status social, bem como gostos pessoais (p. 18). Mais uma vez, a presente pesquisa confirma a relevância dos contributos de Kenneth Burke (1969) a respeito da proximidade de sujeitos que possibilita a persuasão e a transformação significativa de pessoas e grupos mediante o potencial de identificação e consubstancialidade entre eles (p. 11-12). O mesmo fator foi ainda abordado por Sidney Tarrow (2010), citado anteriormente neste mesmo capítulo, ao mencionar a atribuição e similaridade como uma das etapas da difusão relacional para o mecanismo de *Scale Shift* (Figura 2).

É possível ainda citar um terceiro autor que concorda com Rogers (1983) no tocante à relevância destas relações interpessoais, também associado a Burke (1969) e Tarrow (2010): Henrik Vejlggaard (2008). No entanto, ao tratar dos perfis de indivíduos mais inovadores e que potencializam a difusão da inovação, ele descreve a comunicação destas figuras num cenário de muitas plataformas simultâneas para propagação da mensagem:

In the trend process, the media play a big role because what the trend process is about — changes in style and taste in the wider society — is constantly communicated in almost all kinds of media, from Hollywood movies and television sitcoms to print magazines and, in the twenty-first century, also Internet-based media. (Vejlggaard, 2008, p. 164)

Ao mencionar a Madonna como uma celebridade que apresenta tais características, ele descreve sua trajetória através da música POP aliada ao apelo visual vanguardista através de um estilo

próprio, culminando em 1992 com o livro *Sex* contendo fotografias eróticas (Vejlgaard, 2008, p. 49). A transgressão que Madonna propôs chegou a afetar a opinião pública durante toda a década, sendo veiculado intensamente pela Publicidade e pela mídia. Isto culminou, segundo o teórico, na quebra de tabus sexuais a nível mundial, ou seja, conseguiu desestabilizar profundamente alguns valores e normas sociais de seu tempo (Vejlgaard, 2008, p. 49).

Neste sentido, esta multiplicidade de canais de difusão se mostra como mais um fator central no surgimento de novos ídolos, ao considerar o contexto atual composto pelos avanços digitais e tecnológicos. Nos exemplos trazidos a respeito da Malala, foram citados esforços distintos de propagação da imagem e da mensagem que carrega, tais como: livro, documentário, fundação, visitas públicas, aparições em entrevistas, Talk Shows e afins. Porém, mesmo antes da efetiva difusão mundial de sua mensagem, seu pai descreve durante uma palestra dada à rede TED Talks em março de 2014, que:

Ela escreveu um diário para o blog da BBC, ela se voluntariou para documentários do New York Times, e ela falou em todas as plataformas que ela pôde. E a voz dela era a voz mais poderosa. Isto se espalhou como um ‘crescendo’ em todo o mundo. (Zauddin Yousafzai, TED, 2014, 12min 50s)⁶⁵

Desta maneira, esta diversidade é um fator não apenas característico do cenário atual, mas também um elemento fundamental para a manutenção e potencialização da difusão de mentalidades, inovações e novos mitos.

Para além dos canais por onde a informação inovadora se dissipa, Rogers (1983) destaca outro aspecto fundamental da difusão: o tempo. O autor indica a falta de pesquisas que abordem um longo período, ou ainda que dê centralidade a este elemento dentro do Processo de Difusão da Inovação (p. 20). O fator temporal, segundo ele, é fundamental à difusão por três principais motivos: é o andar do tempo que promove o avanço nas etapas deste sistema; caracteriza os perfis dos indivíduos de acordo com o quanto demoram para saber, rejeitar ou aceitar a inovação; e, por fim, relativamente à taxa de adoção, conforme ilustrada pelo gráfico abaixo:

⁶⁵ Transcrição traduzida por mim do original em inglês: “She wrote a diary for the BBC blog, she volunteered herself for the New York Times documentaries, and she spoke on every platform she could. And her voice was the most powerful voice. It spread like a crescendo all around the world.”

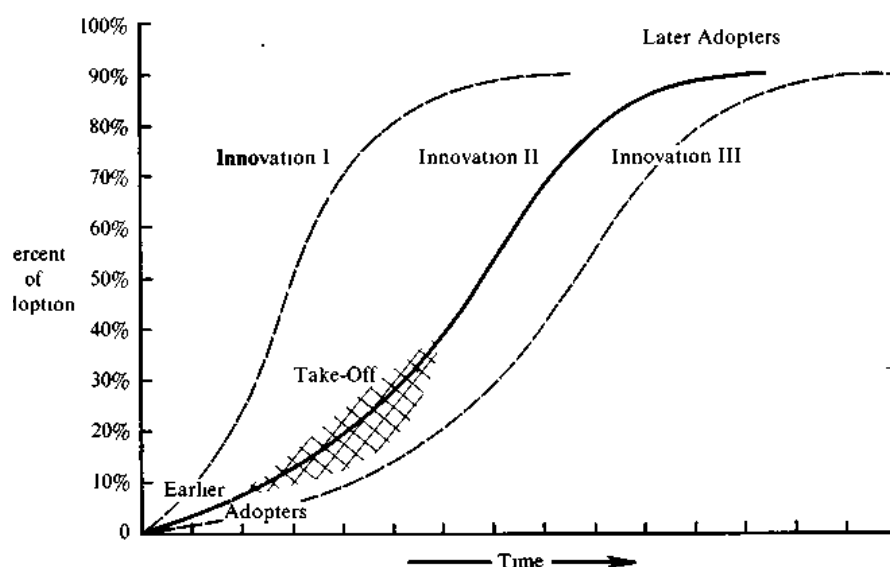


Figura 5. Figura 1-1 Diffusion is the process by which (1) an innovation (2) is communicated through certain channels (3) over time (4) among the members of a social system. (Rogers, 1983, p. 11)

Brevemente, esclarece-se que este gráfico ilustra o formato em S que a evolução da adesão à inovação forma ao se desenvolver ao longo do tempo dentro de uma sociedade. Tal análise permite a abordagem da relação aos adotantes da inovação mediante o seu potencial de inovação.

A justificativa em destacar este conteúdo se dá pela possibilidade de aplicação destes perfis na metodologia de análise neste estudo. Ao serem associados à audiência de um discurso mítico que está sendo propagado, cada um dos perfis pode caracterizar reações e interações específicas com o discurso, tática e comportamentos em questão. Para que fosse possível chegar a uma categorização estandardizada de perfis, Rogers (1983) abordou a relação da propensão à adoção da inovação como sendo um fator motivado pelo estatuto social, pelo consumo de mídia de massa e pela relevância dada aos canais interpessoais promovidos por pessoas próximas ou afins (p. 22). O formato indicado pelo gráfico forma uma curva que se inicia com poucas pessoas envolvidas na inovação, acelerando ao máximo até que a metade da população a aceita, diminuindo a velocidade de disseminação e o seu desenvolvimento quando já só restam apenas alguns membros da sociedade por adotar a inovação (Rogers, 1983, p. 244). O autor desenvolve esta relação associando-a à capacidade de aprendizado de novas informações, bem como à experimentação de elementos na vida em geral, motivado pelo contato entre os membros de uma sociedade (Rogers,

1983, p. 244). No entanto, lembra que as condições para isto podem ser desiguais, visto que “Por exemplo, membros de um sistema social não tem um completo acesso livre para interagir com o outro. Barreiras pelo estatuto, localização geográfica, e outras variáveis afetam os padrões de difusão.” (Rogers, 1983, p. 245)⁶⁶. Por fim, o teórico nomeia cinco categorias ou perfis, do maior para o menor potencial inovador, de acordo com a mudança comportamental dos indivíduos: *innovators*, *early adopters*, *early majority*, *late majority* e *laggards* – aqui tratados como inovadores, adotantes iniciais, maioria inicial, maioria tardia e retardatários.

Este estudo dará maior atenção aos perfis mais inovadores, visto que são os sujeitos mais propensos a fazerem parte e potencializarem a difusão de mentalidades inovadoras – que aqui estão sendo associadas ao surgimento e manutenção de novos mitos. Para tal, contará com contribuição de Vejlggaard (2008), que também criou um esquema de públicos em relação à propensão à inovação, relacionado mais diretamente ao estudo de tendências. Se trata do Modelo de Diamante (*Diamond-Shaped Trend Model*), desenvolvido pelo autor em meados dos anos noventa e mais utilizado dentro das pesquisas de estilo e moda:

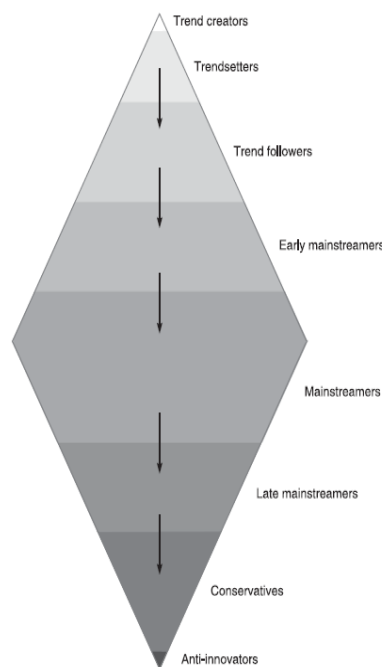


Figura 6. The Diamond-Shaped Trend Model (Vejlggaard, 2008, p. 64)

⁶⁶ Tradução minha do original em inglês: “For instance, members of a social system do not have completely free access to interact with one another. Status barriers, geographical location, and other variables affect diffusion patterns.”

Para que seja feita uma descrição e comparação entre os perfis, cabe aqui esclarecer as semelhanças e divergências entre ambos, bem como justificar esta inclusão.

O próprio Vejlgard (2008) aborda comparativamente sua teoria ao estudo de Rogers, admitindo-o como precursor e uma referência dentro dos estudos de difusão (p. 62). As primeiras divergências apontadas se pautam no fato de que, na altura em que publicou a primeira versão de *Diffusions of Innovations* (1962), Rogers teria focado na relação da inovação com o desenvolvimento tecnológico e a partir de pequenos grupos, comunidades ou nichos específicos – uma segmentação demasiada específica e, por isso, problemática aos olhos do autor (Vejlgard, 2008, p. 62). Em sentido oposto, Vejlgard (2008) viria a estudar a difusão de inovação a nível mundial, podendo encontrar sinais do mesmo princípio inovador em grupos distintos, desconectados e/ou distantes geograficamente (p. 162-163). Esta visão globalizada, segundo o teórico, reforça mais um ponto de conflito entre ambos: a presença de novas mídias e dos avanços tecnológicos e digitais na circulação destas ideias e pessoas. Vejlgard (2008) defende que nas décadas de 30 a 50, período em que Rogers estuda e desenvolve suas primeiras conclusões sobre a difusão de inovação, estas dinâmicas não se fariam presentes (p. 164). O resultado disto teria sido uma relevância maior dada aos líderes de opinião e às relações interpessoais dentro do processo, enquanto para Vejlgard (2008) estes fenômenos deveriam ser identificados numa maior extensão possível para que se verifique a validade da evolução de uma tendência, de um movimento, de um processo de mudança a nível mundial (p. 163-164).

O final das distinções entre ambas as teorias apontado por Vejlgard (2008) adentra em questões específicas dos perfis de adotantes, e serão indicadas a seguir. No entanto, para concluir inicialmente esta associação proposta, define-se que ambas as visões são válidas por, em conjunto, oferecerem características que abordam a difusão de um princípio inovador por aspectos mais amplos. Ou seja, avalia-se as duas dimensões do processo – mais local e mais global –, dialogando com as teorias aqui apresentadas anteriormente. Por um lado, o percurso teórico aborda os efeitos de um diálogo profundo e da adaptabilidade de um discurso de acordo com o contexto específico pelo qual passa. Neste sentido, toca nas dinâmicas da transmissão de uma informação a nível cognitivo e tecnológico – no sentido de operacionalizar aquela ideia. Já por outro lado, prevê que uma mensagem, ao atingir um grupo muito grande de pessoas e ultrapassar barreiras geográficas, pode alterar valores, gostos, consumos, estéticas e identidades de uma geração inteira.

Retornando à análise em relação aos perfis de públicos dentro do espectro de inovação de ambos os autores, observa-se, primeiramente, os denominados de inovadores por Rogers. O teórico afirma que apresentam taxas mais altas de experimentação, visto que não podem usufruir da opinião e tentativa alheia já que o produto ou ideia ainda é pouco conhecido (Rogers, 1983, p. 248). Seu entusiasmo por experimentar novas ideias os leva a ter uma personalidade mais cosmopolita do que local – fortemente conectado às pessoas próximas a ele. Este desejo é possibilitado por obterem maiores recursos, facilitando o fato de lidarem com grande incerteza e altos riscos (Rogers, 1983, p. 248). Os adotantes iniciais, por sua vez, são mais locais que cosmopolitas, possuindo também maior influência social e servindo de modelo para as adoções futuras (Rogers, 1983, p. 248). Estas pessoas atuam como líderes de opinião e são vistos como importantes mediadores por agentes de mudança. Em resumo, devido à própria experimentação, os adotantes iniciais têm o efeito de diminuir as incertezas do ambiente e dos outros membros que ainda não incorporaram a inovação (Rogers, 1983, p. 249).

Para Vejlgard (2008), os perfis que lideram a proximidade com a inovação seriam os *trend creators* e *trendsetters*. O autor não destina uma extensa análise a respeito dos criadores de tendências, visto que não são eles os responsáveis por garantir a perpetuação de um movimento de mudança, e sim os *trendsetters* (Vejlgard, 2008, p. 30). Estes indivíduos se aproximam do perfil inovador de Rogers (1983) por estarem propensos à experimentação, serem curiosos, aceitarem maiores riscos e não gostarem de se repetir, resultando numa busca maior por novidades (Vejlgard, 2008, p. 60-62; 71). Vejlgard (2008) também compreende o caráter cosmopolita, ou seja, o contato com muitas referências de outras culturas, artes e gostos como *background* importante para o sujeito inovar ou agir como um *trendsetter*: “Eles interagem e socializam de várias maneiras diferentes e com diversas configurações sociais” (p. 52)⁶⁷. No entanto, discorda de Rogers (1983) quando não atrela isso ao poder econômico ou ao estatuto social, defendendo que as pessoas poderiam demonstrar e estimular um potencial inovador estando apenas, por exemplo, numa área que propicie o contato com estas referências (Vejlgard, 2008, p. 164-165).

Chegando à análise das maiores parcelas da população dentro do espectro da difusão, Rogers (1983) define a maioria inicial, onde, justamente por estarem entre os extremos de mais ou menos inovadores, este grupo apresenta uma grande função de interconectividade entre grupos

⁶⁷ Tradução minha do original em inglês: “They interact and mingle in many different ways and in many different social settings.”

dentro do Processo de Difusão da Inovação (p. 249). Já o segundo grande conjunto de pessoas, a maioria tardia, adere à inovação após a maior parte das pessoas, muitas vezes influenciada por uma necessidade econômica ou pressão social. Este último fator é indicado como o mais decisivo para aceitar um novo comportamento, visto que este grupo não tende a arriscar ou ir contra a opinião de pessoas próximas (Rogers, 1983, p. 249-250). Por fim, Rogers (1983) descreve a parcela dos retardatários como os indivíduos mais atrasados e tradicionais da sociedade, que adotam como referência os elementos do passado que já se comprovaram e que são largamente estabelecidos (p. 250). Por não terem muitos recursos, os retardatários preferem exercer medidas seguras e largamente testadas ao invés de arriscarem algo novo. Isto resulta numa taxa de adoção tão tardia que, por vezes, já foram lançadas outras inovações quando eles ainda estão adotando a primeira (Rogers, 1983, p. 250).

De maneira similar, porém com proporções um pouco diferentes, Vejlgard (2008) também indica que a maioria da população que entra em contato com este processo da mudança vai dependendo cada vez mais das referências alheias para inovarem. Neste sentido, dos *early mainstreamers* para os *late mainstreamers* o que muda, respectivamente, é a vontade de se sentir parte da sociedade ao adotar o que estão usando ou consumindo, chegando ao outro extremo quando se arraigarem de tal maneira aos próprios hábitos e representações que evitam inovar (Vejlgard, 2008, p. 71). Enquanto para Rogers (1983) a maior parte da população dentro do espectro da inovação representa 68% (p. 248), para Vejlgard (2008) este índice chega a 75% (p. 75). A principal diferenciação dentro da escala de ambos se dá pelo enfoque ao efeito desta evolução, por um lado o tempo que esta tecnologia demora para ser implantada e absorvida efetivamente (Rogers, 1983, p. 248), e por outro em que momento o movimento para de evoluir, dando espaço para o surgimento de outro processo de mudança (Vejlgard, 2008, p. 76).

A principal observação que se retira da identificação destes possíveis perfis de públicos, no que toca este estudo, se trata da compreensão das características não só de quem tem a possibilidade de inovar ou gerar um mito, mas dos principais seguidores desta mentalidade. Desta forma, é evidente que para se lançar uma proposta que transgrida um padrão estabelecido, ou adotá-la desde o início, estas pessoas precisam constantemente entrar em contato com referências ou indivíduos que mostrem novas possibilidades. E isto, hoje em dia, é facilitado pelo acesso à Internet e pela circulação de pessoas pelo mundo. Em concordância com Vejlgard (2008), destaca-se aqui o caso da Malala que não tinha um grande poder econômico, vivia numa região e

cultura que não poderiam ser caracterizadas como cosmopolitas, porém, pela criação familiar e acesso facilitado pelo pai, conseguiu inovar em seu meio e difundir sua mensagem a nível mundial.

Analisando o discurso dado por Ziauddin Yousafzai (2014) ao TED Talks é possível confirmar esta característica peculiar da história da ativista em relação ao meio em que se inseria, em contraste com a criação que teria lhe proporcionado o contato com outras referências e possibilidades. Primeiramente, o objetivo de inscrevê-la na escola era simbólico por registrar seu nome num documento, o que permitira que sua filha fosse uma cidadã reconhecida pela sociedade em geral – algo que não aconteceu com todas as suas outras irmãs, por exemplo, visto que ele nunca viu os nomes delas escritos em nenhum lugar (Ziauddin Yousafzai, 2014, 9min 42s). Em seguida, o pai de Malala relata que sempre possibilitou que ela socializasse com adultos e fosse a eventos com ele:

I used to appreciate the intelligence and the brilliance of my daughter. I encouraged her to sit with me when my friends used to come. I encouraged her to come with me in to different meetings. And all those values, I tried to inculcate in her personality (Ziauddin Yousafzai, 2014, 10min 25s)

Este se mostra um fator relevante, visto que uma criança normalmente não tem acesso a diferentes grupos sociais se isto não for possibilitado pelos pais. No caso de Malala e de seu contexto de vida, segundo seu pai, esta era uma situação ainda mais forte e limitante, pois tanto quando crianças quanto quando adultas, as mulheres de sua cultura não seriam incentivadas a sair de casa, a obediência era sinônimo de silêncio e ambas eram qualidades esperadas, além de muitas delas serem privadas de estudar.

Ao analisar o contexto de vida do pai de Malala, desta vez no documentário com base no livro biográfico de sua filha, ele explica que sua motivação para a transgressão de valores e normas veio da própria história de superação. Quando pequeno admirava que o pai era um excelente orador e sonhava com o mesmo, apesar de sofrer de disfemia – ou gagueira (Ziauddin Yousafzai, 2014, 48min 28s). Depois de conseguir vencer o medo de discursar na escola com o apoio do pai, ele teria se engajado mais veemente na política e aproveitando as oportunidades de discursar: “Se ficar em silêncio, então, você perde o direito de existir.” (Ziauddin Yousafzai, 2014, 50min 56s)⁶⁸.

⁶⁸ Transcrição traduzida por mim do original em inglês: “If I keep silent, I think, then you lose the right to exist.”

Ziauddin Yousafzai acrescenta que o resultado disto foi, por um lado, positivo em relação à criação que deu a sua filha, resultando numa trajetória de destaque na história da humanidade. Já por outra perspectiva, ele relata que instalou o medo da morte na sua rotina e na rotina de sua família quando teve seu nome anunciado na rádio de Swat pelo Talibã e viu amigos ativistas sendo presos ou mortos pelo movimento político (He Named Me Malala, 2015, 51min 30s). Ainda assim, ele se mantém ativo e defende que sua postura deveria ser replicada a todos:

Ladies and gentlemen, this plight of millions of women could be changed if we think differently, if women and men think differently, if the men and women in the tribal and patriarchal societies in the developing countries, if they can break a few norms of family and society, if they can abolish the discriminating laws of the system of their states, which go against the basic human rights of the women. (Ziauddin Yousafzai, 2014, 6min 14s)

Outra evidência que confirma o potencial dado pelo incentivo familiar pode ser encontrada no histórico da outra jovem ativista já mencionada neste presente estudo: Ahed Tamimi. Dena Takruri (2018a) relata que diversos familiares de Ahed, como sua mãe, seu pai, seus irmãos, primos, além de outros membros da família já foram ou ainda se encontram presos (Takruri, 2018, 12min 49s). A jornalista acrescenta que sua mãe, inclusive, foi sentenciada após filmar e divulgar o vídeo da filha enfrentando o soldado israelense em sua residência. Quando foram questionados sobre as atitudes que tiveram com os filhos, bem como os ensinamentos e incentivos políticos mesmo frente os resultados perigosos e até fatais, eles explicam isto é parte da resistência e que, enquanto houver a ocupação ilegal, continuará a acontecer.

Bassem Tamimi, pai de Ahed indicado como um dos líderes locais do movimento de resistência, explica seu posicionamento para a jornalista Dena Takuri (2018a) após ela o questionar sobre a publicação dos vídeos de Ahed :

(Bassem Tamimi) – We are a freedom fighter, we are not a victim. For that, yes, I know that she will be arrested. But we believe that it's part of our duty and responsibility to encourage our society and our population and our people. That everyone can do something. If it returns, I will publish it. Another time. Yes, I would do it again. It's part of our strategy to build the belief of nonviolent resistance and to show the world out message. And if we

struggle we must be ready to pay the price. Without freedom, and without justice and dignity there is no life. Ahed slapped the soldier – this is the normal [reaction], it's the normal way. Not to slap the soldier is the abnormal. The normal answer for the Israeli occupation is to slap them. The normal way to deal with our enemy is just by resistance. And I think everyone in the world, every parent, would like their daughter to be strong like Ahed. (2018a, 13min 24s)

No mesmo episódio, Takruri (2018a) entrevista também a tia de Ahed, e aborda novamente sobre o incentivo e os resultados da resistência (2018a, 11min 29s):

(Dena Takuri) – How do you feel like a mother with two sons in Israeli prison right now?

(Manal Tamimi) – It's awful. The worst nightmare that any mother could go through is to know that her children or her sons taking the consequences of a decision she took. When I took the decision to participate in the nonviolent resistance, I knew that at one point, my children gonna be punished.

Em suma, a matéria de Khoja-Moolij (2018) resume o efeito do incentivo e movimento coletivo estimulado pela resistência da família e amigos de Ahed: “Ela tem enfrentado um sacrifício pessoal, tendo perdido um tio e um primo para a ocupação. Seus parentes e irmãos têm sido presos constantemente. A mãe dela recebeu um tiro na perna.”⁶⁹.

Após a descrição destas evidências relacionadas ao histórico antecessor de Malala e Ahed, cabe aqui questionar se elas confirmam a potencialidade das características dos perfis inovadores apresentados por Rogers (1983) e Vejlgard (2008). Em concordância com ambos, verifica-se um exemplo que confirma que, ao contar com o acesso a realidades e mentalidades distintas, e ao ser incentivado a se comunicar, debater e discursar, o sujeito estaria mais disposto a formular uma identidade inovadora. Neste sentido, este caráter precursor e transgressor de valores e normas básicas motiva a geração de uma nova mentalidade, um novo discurso, e, possivelmente, um novo mito. Além disso, outro fator que se mostra alinhado ao processo de surgimento e manutenção do

⁶⁹ Tradução minha do original em inglês: “She has endured personal sacrifice, having lost an uncle and a cousin to the occupation. Her parents and brother have been arrested time and again. Her mother has been shot in the leg.”

mito se trata da curiosidade, da falta de medo de arriscar e da disposição à experimentação novas situações de vida, mesmo que muitas vezes perigosas. Ou seja, percebe-se que o mito precisa ter um motivo, uma ideia central, ao passo que também precisa se manter atrativo e inovador com o passar do tempo e dos públicos, e, por isso, não pode ter bloqueios à mudança, medo de risco ou falta de curiosidade por novas possibilidades.

Retorna-se agora para o último elemento fundamental da difusão indicado por Rogers (1983): o sistema social. O autor define este fator como sendo um contexto formado por unidades (pessoas, grupos, organizações, subsistemas) interrelacionadas que engajam coletivamente na resolução de um problema geral (1983, p. 24). Porque uma inovação altera a própria estrutura deste sistema social, ela se desenvolve mediante estes grupos, onde as normas operantes são como barreiras que devem ser transpassadas. Esta base normativa de um sistema, por si próprio, representa uma informação compartilhada que diminui a incerteza do ambiente pela função de promover uma regularidade e estabilidade aos indivíduos (Rogers, 1983, p. 24). Paralelo a este alicerce, Rogers (1983) destaca ainda outra forma de facilitação entre os membros de uma sociedade, desta vez com um caráter mais informal: a estrutura de comunicação (p. 25). Esta diretriz, por sua vez, determinaria quem faria contato com quem, em que circunstância, bem como o grau de homofilia entre estes membros. Ambos os fatores podem ajudar ou impedir uma difusão, ao passo que vão influenciar a circulação de informação desta inovação, tocando na experimentação e no relato entre as conexões interpessoais (Rogers, 1983, p. 25).

Neste momento, é possível propor uma aplicação destes fatores de influência no recurso de difusão de uma inovação referente ao contexto da presente pesquisa. Analisa-se, por exemplo, o contexto de vida de Malala Yousafzai antes da invasão do grupo terrorista Talibã em sua vila. Em seu documentário *He Named Me Malala* (2015), a ativista explica que a falta de aderência feminina às escolas existia previamente, decorrente da influência cultural sobre o papel da mulher na sociedade. Sua mãe, por exemplo, teria frequentado a escola, mas acabou desistindo por não se sentir bem em ser uma das poucas meninas a inovar indo para a escola (Malala Yousafzai, *He Named Me Malala*, 2015, 32min 45s). Já seu pai, era fundador de uma escola, ativista político e principal incentivador de Malala a aparições públicas e discursos em defesa da independência e desenvolvimento feminino (He Named Me Malala, 2015, 21min 37s).

O próprio sistema social, neste caso, indicava um certo tipo de dificuldade de engajamento com a inovação proposta: mulheres capacitadas e independentes intelectualmente. Após a invasão

Talibã este contexto sofre uma interferência que potencializa ainda mais este obstáculo, visto que estes tomam o controle não só da cidade, mas também da rádio local (He Named Me Malala, 2015, 16min 24s). Esta atitude influenciou o sistema de comunicação, afetando a difusão da inovação em questão, ao passo que falavam diretamente com as mulheres sobre a participação destas na ideologia conservadora pregada pelo grupo. Relativo a esta estratégia, Malala destaca que a força alcançada e a proporcional manipulação das mulheres se deram justamente por haver uma comunicação direta a elas, algo novo na realidade daquele povo (He Named Me Malala, 2015, 26min 12s). Por fim, a ativista descreve que o efeito desta dominação e manipulação culminou na explosão das escolas locais, banindo o acesso feminino à educação enquanto estiveram no comando da região (He Named Me Malala, 2015, 38min 34s).

O exemplo mencionado conduz os perfis influenciadores de mudanças dentro destes sistemas sociais e de comunicação, mais especificamente os líderes de opinião. Estes indivíduos, segundo Rogers (1983) são informalmente reconhecidos pelos membros influentes de uma sociedade, principalmente por estarem alinhados às normas ali instaladas (p. 27). Devido a este fator de aproximação às normas, estes líderes de opinião podem apresentar um caráter inovador ou não, dependendo do benefício percebido a respeito de uma inovação para com o contexto local (Rogers, 1983, p. 28). O autor complementa a descrição deste perfil indicando que normalmente é mais exposto à comunicação, são mais cosmopolitas, possuem alto estatuto social e, o mais importante, são o centro das relações interpessoais – veículo central para difusão. Outra possibilidade de membro influente num sistema social e comunicacional seriam os agentes de mudança, profissionais intelectualmente instruídos e especializados, que procuram influenciar potenciais consumidores a aderirem à inovação em nome da agência ou instituição que representa (Rogers, 1983, p. 28-29). Estes podem não conseguir dialogar tão bem com as realidades locais que deve adotar a novidade, visto que são formados por outro nível informacional.

A descrição de ambos os perfis de influência social encerra o descritivo dos quatro principais elementos dentro do Processo de Difusão da Inovação apresentado por Rogers (1983), dando seguimento à exposição das cinco fases previstas nele: conhecimento, persuasão, decisão, implementação e confirmação (p. 164). De acordo com o autor, “este processo consiste numa série de ações e escolhas no tempo através das quais um indivíduo ou uma organização avalia a nova ideia e decide se incorpora ou não à nova ideia através da realização de uma prática.” (Rogers,

1983, p. 163)⁷⁰. A primeira fase indica o momento onde o indivíduo ou grupo é exposto à inovação e ganha certo conhecimento sobre. No entanto, Rogers (1983) problematiza uma fase anterior ao conhecimento, quando a novidade ainda não foi exposta a ninguém ou se quer criada, que implica fatores internos ou inconscientes: “Uma necessidade precede o conhecimento da nova ideia, ou o conhecimento de uma inovação cria uma necessidade para aquela nova ideia?” (p. 167)⁷¹. O elemento central desta situação, segundo o autor, seria a respeito do conhecimento prévio sobre a incerteza que será diminuída, ou, por outro lado, uma predisposição a absorver esta informação – motivados por interesses, necessidades ou comportamentos favoráveis nesse sentido. Esta possibilidade elucidada é válida para a presente pesquisa quando se considera que o contexto cultural e social é fundamental para o surgimento de um mito, um movimento, uma revolução ou um discurso transformador. Neste sentido, questiona-se de que forma seria possível prever o surgimento de um elemento potencialmente transformador numa cultura, sem que ainda tenham havido indícios concretos para tal, ou se existem pistas inconscientes que podem ser percebidas com antecedência. E ainda, indagar sobre a forma como estes sinais são expostos e como correlacioná-los com algo que pode vir a surgir.

Esta etapa do conhecimento é desmembrada em seus três tipos principais: *software*, *how-to* e princípios. Respectivamente, referem-se ao conteúdo sobre própria ideia, em seguida à maneira de utilizá-la e quais seriam os efeitos dela, e, por último, o conhecimento prévio específico que indivíduos possam vir a precisar ter para compreender e aplicar a inovação (Rogers, 1983, p. 167-168). A falta de instrução sobre o manuseio ou o comportamento para com esta nova ideia, bem como limitações em compreender a natureza da informação podem ser decisivos para que se tome uma atitude favorável à iniciativa. Enquanto nesta fase do conhecimento os processos são mais mentais devido à relação com a informação, no momento da persuasão o sujeito se envolve mais emocionalmente e psicologicamente mediante a busca pessoal por esclarecimento (Rogers, 1983. 170). Ele fará avaliações pessoais da inovação que encontra, a respeito da vantagem, compatibilidade e complexidade que representam para que, então, formem uma atitude frente à mesma. Para auxílio desta tomada de decisão, estas pessoas tendem a contar com uma projeção ou

⁷⁰ Tradução minha do original em inglês: “This process consists of a series of actions and choices over time through which an individual or an organization evaluates a new idea and decides whether or not to incorporate the new idea into ongoing practice.”

⁷¹ Tradução minha do original em inglês: “Does a need precede knowledge of a new idea, or does knowledge of an innovation create a need for that new idea?”

aplicação hipotética desta inovação em meio a sua vida, bem como com a opinião de pessoas próximas, visto que compartilham do mesmo contexto que elas (Rogers, 1983. 170). Por sua vez, o próprio ato de pensar e projetar a possibilidade de aderir à inovação pode ser indicado como paralelo ao recurso de tradução de um movimento social para outro, visando a consequente expansão da causa. Um exemplo disto foi citado anteriormente relativo aos ativistas afro-americanos em sua visita à Índia para entrevistar Gandhi, apresentado por Sean Chabot (2010). Apenas depois dos militantes ressignificarem simbólica e materialmente as mensagens do líder indiano ao contexto de luta americano, puderam aplicar o princípio da não-violência na luta por liberdade, justiça e igualdade dos negros no país.

Rogers (1983) define também o momento da decisão favorável ou negativa como o ato de formular uma atitude para com a mudança (p. 172), onde, ao invés de procurar mais informação ou projetar os efeitos da inovadora medida, os indivíduos agora são motivados a testá-la. Para tal, o autor afirma que os agentes de mudança podem tomar medidas como a distribuição de informativos e panfletos, ou ainda, patrocinar líderes de opinião para que testem e, consequentemente, comentem com as pessoas próximas, aumentando a aceleração e a chance do público decidir por cooperar com a inovação (Rogers, 1983, p. 172-173). Neste momento é possível traçar um paralelo com o papel dos atuais influenciadores digitais nos blogs e redes sociais como ilustração deste mecanismo. Por exemplo, ao testarem um produto, um serviço, passarem por alguma experiência pessoal ou, ainda, exporem uma opinião pessoal mediante uma atitude ou evento inovador, estas pessoas estariam representando um teste “pelos” próprios seguidores, podendo substituir o teste do próprio consumidor, facilitando o consumo. Questiona-se hoje em dia a confiabilidade e relevância destas pessoas para com o público e instituições que os sustentam, visto que agem como porta-voz destas fontes. Estas e outras questões vêm se mostrando cada vez mais evidentes dentro das estratégias digitais de comunicação e, ao passo que evoluem as ferramentas e a própria tecnologia, precisam ser constantemente revistas e atualizadas junto aos influenciadores e expectadores.

A fase de implementação dentro do Processo de Difusão da Inovação envolve, diretamente, a ação, o comportamento e a experimentação da inovação (Rogers, 1983, p. 174). No momento em que se reconhece e oficializa-se tal inovação, esta fase necessariamente se encerra (Rogers, 1983, p. 175). Entre a implementação e o estabelecimento oficial da adoção da inovação, no entanto, identifica-se o potencial criativo da própria inovação, mais especificamente o mecanismo

de reinvenção descrito por Rogers (1983) como “(...) o grau de alteração ou mudança de uma inovação pelo usuário dentro do processo de adoção e implementação” (p. 175)⁷². Os criadores ou propagadores da ideia inovadora podem, inclusive, se colocar contra o recurso de reinvenção, por atestarem que a qualidade ou a especificidade da inovação podem apresentar falhas quando absorvidas por públicos com menos capacitação técnica (Rogers, 1983, p. 178). Em sentido oposto, esta alteração se mostra positiva em casos onde há um cenário muito imprevisível, onde a informação é muito complexa ou permite muitas formas de aplicação e execução, ou ainda quando é necessário resolver problemas de um público mais amplo e diverso (Rogers, 1983, p. 179-181). Este último fator, especificamente, se assemelha aos sistemas de expansão do discurso mítico previstos por Roland Barthes (1972) a respeito da ressignificação semiótica, bem como por Kenneth Burke (1969) e Michael C. McGee (1975) ao abordarem os procedimentos retóricos por detrás da manutenção da imagem do orador e do mito político, respectivamente.

Por fim, chega-se ao momento da confirmação, que tem como objetivo eliminar o sentimento de ressonância que ainda pode restar no indivíduo (Rogers, 1983, p. 184). Este desejo é suprido através da busca por informações, depoimentos e avaliações de pessoas próximas para confirmar a decisão. Porém, o sujeito carrega sempre uma predisposição a ouvir o que lhe é favorável – percepção e exposição seletiva (Rogers, 1983, p. 185-186). Ainda assim, o autor destaca que o número de descontinuidades, ou seja, desistências em continuar adotando a inovação após ter decidido, é tão alto que às vezes se iguala à taxa de adesão. As características mais recorrentes nos perfis que tendem a desistir da inovação consistem em: “(...) menos educação, estatuto socioeconômico mais baixo, menos contato com agente de mudança, e o gosto, que são o oposto das características dos inovadores (Capítulo 7).” (Rogers, 1983, p. 188)⁷³. Para que este cenário seja evitado, o teórico menciona o esforço dos agentes de mudança em acompanhar estas pessoas durante esta etapa do processo, e não apenas nas fases iniciais quando era necessário levar a informação ou instigar a experimentação (Rogers, 1983, p. 186).

De forma conclusiva, a presente pesquisa encerra o capítulo após ter apresentado as três discussões propostas na abertura da seção. Mais especificamente, abordou-se o conceito de movimento através dos contributos de Michael C. McGee (1975, 1980; 1983), apontando dois

⁷² Tradução minha do original em inglês: “(...) the degree to which an innovation is changed or modified by a user in the process of its adoption and implementation.”

⁷³ Tradução minha do original em inglês: “(...) less education, lower socioeconomic status, less change agent contact, and the like, which are the opposites of the characteristics of innovators (Chapter 7).”

principais vieses de análise deste objeto: interno e externo. Em sequência, foi apresentada a obra de Rebecca Kolins Givan, Kenneth M. Rogers e Sarah A. Soule (2010) acerca dos movimentos sociais, que consistiu num compilado de autores que, em conjunto, buscaram responder o conteúdo da difusão, os métodos de repercussão, bem como seu estabelecimento e impacto. Por fim, associou-se o conceito de mito presente através do discurso das figuras proeminentes dentro do ativismo dos Direitos Humanos à definição de inovação cunhado por Everett M. Rogers (1983). O teórico, por sua vez, descreve o potencial transformador de uma inovação através da tomada de decisão individual e coletiva mediante os sistemas de circulação da informação (tecnologia), que tem como propósito beneficiar o ambiente que a cerca. O objetivo destas análises foi verificar e confirmar as diretrizes indicadas no capítulo anterior a respeito do potencial retórico deste discurso, do papel destas figuras na relação com a sociedade, bem como os mecanismos recorrentes no processo de expansão de tais mentalidades.

Os principais resultados colhidos nesta análise referem-se, primeiramente, à aproximação entre o processo de difusão social e o diálogo, mediado pelo relacionamento entre integrantes do mesmo sistema social. Mesmo considerando a possibilidade de circulação de informações técnicas ou profissionais especializados para levarem a mensagem à população em geral, evidenciou-se que é necessário que haja uma troca e uma identificação entre os participantes de um movimento. Isto para que seja possível a absorção de uma ideia tão profundamente, a ponto de gerar o engajamento desta nova pessoa impactada para com a causa em questão. Outra evidência reconhecida trata-se da multiplicidade de formatos e agentes envolvidos numa difusão que se estabeleça no contexto atual, contando com o desenvolvimento tecnológico e digital. Esta figura mítica deve, nesta perspectiva, contar com diversos canais de comunicação, diferentes públicos de influência social, e ainda uma heterogeneidade na maneira com que se comunica – estando ciente da simbologia presente nos gestos, na aparência, na performance, ou ainda em questões inconscientes como imaginários coletivos e a referência a arquétipos. Para confirmar e ilustrar estes mecanismos, foram expostos pronunciamentos das ativistas e de pessoas próximas que informaram a respeito do esforço de Malala em ser ouvida por grandes veículos midiáticos para denunciar mundialmente a situação de seu país, em contraste à proporção viral que um vídeo de conflito local obteve, a ponto de causar a prisão de Ahed e de sua mãe por oito meses.

O mecanismo de ressignificação do discurso, debatido através da semiótica e da retórica no capítulo anterior, foi analisado de maneira aplicada aos movimentos sociais. Contando com os

estudos de Stoubagh e Snow (2010) e Lance Compa (2010), foi possível associar o processo de *framing* (ou reenquadramento) ao movimento de atrelar novo sentido a um discurso previamente estabelecido. Ou seja, quando uma causa precisa se adaptar legalmente ou taxonomicamente, por exemplo, ela altera seu conteúdo, a forma como se refere a ela mesma, quais grupos a representa, e ainda a tomada de ação que propõe a seus adeptos. Por fim, com auxílio dos estudos de difusão de inovação e tendências apresentado por Everett Rogers (1983) e Henrik Vejlgaard (2008) respectivamente, destacou-se a definição dos perfis mais propensos a gerar e compartilhar inovações na sociedade. As características indicadas pelos teóricos puderam ser confirmadas mediante a exposição correlacionada com a história de vida de Malala Yousafzai e Ahed Tamimi, indicando a presença, principalmente, da curiosidade e do comportamento cosmopolita como fatores de maior influência nestes perfis. Relatos de parentes das ativistas reportaram a presença de um histórico familiar de apoio e incentivo ao contato delas com novas referências, atividades e grupos políticos; com o ato de discursar em público; ou mesmo o estímulo a terem coragem para enfrentar o inimigo diretamente.

Conclusão

Chegando ao fim da exposição analítica de conteúdos teóricos e aplicados, o estudo se encaminha para suas resoluções finais e conclusivas. Sob a luz das noções de representações e questões identitárias trazidas por Stuart Hall (1997), a pesquisa investigou o ativismo atual dentro dos Direitos Humanos em associação com os conceitos de mito e retórica. Neste sentido, adotou a dupla trajetória de observação contando com a dimensão semiótica dos diversos discursos que são simbolicamente emitidos e absorvidos através destas figuras de destaque, bem como com a repercussão política (retórica) do que é falado ou comunicado: seu efeito social e cultural, as relações de poder, a presença e influência de agentes, bem como as narrativas e ideologias construídas. Para tal, contou-se com uma gama de autores e teorias que foram contrastados e associados ao longo de todo o texto, com o intuito de confirmar ou problematizar temáticas num nível mais profundo de discussão, prezando sempre o olhar crítico não só a respeito do que se observa e se comenta, mas também sob a própria parcialidade do investigador frente o desvendamento de mitos, os posicionamentos políticos, ou ainda a presença e definição do Outro. Fundamentalmente a pesquisa contou com três autores de base para seu desenvolvimento: Roland Barthes (1972), Kenneth Burke (1957; 1969) e Michael C. McGee (1975; 1980; 1983).

O objetivo primário da pesquisa se tratava do mapeamento e cruzamento das características, causas e cenários compartilhados por figuras que, dentro do enquadramento indicado, puderam servir de exemplos de mitos. Isto foi realizado através da figura de Malala Yousafzai e Ahd Tamimi, onde foi possível associar histórias de vidas e causas inicialmente semelhantes, porém com repercussão e difusão social diferentes. O resultado desta associação indicou que os discursos que emitem, as mensagens que passam e a rede de contatos e influências que contaram para apoio são fatores determinantes para seu sucesso, mais do que a trajetória de vida em si. Ou seja, a realidade que enfrentam e as ações que efetivamente promovem não são suficientes para garantir a circulação de um discurso a ponto de as consolidar como mitos. No entanto, dependem mais fortemente de uma identificação e aprovação de pessoas, agentes e instituições de poder para com a simbologia de seus discursos e identidades. Exemplos dentro deste escopo podem ser lembrados, tais como as premiações, campanhas de financiamento e acesso a figuras presidenciais por parte da Malala, em contraste com a prisão, a falta de apoio midiático e a negação do visto aos E.U.A. à Ahd. Estes argumentos foram sustentados também

por matérias jornalistas que abordaram o contraste entre o discurso de desenvolvimento individual de Malala apoiado pelas potências ocidentais – algo associado ao caso da luta feminista no Iraque antes e após a morte de Saddam Hussein –, e a chamada de ação e revolta de Ahed através da mobilização local e coletiva da população de Nabi Saleh. A reflexão final deste tópico levou a considerar também a questão do orientalismo, trazida por Edward Said (1990), como relação de poder que também influencia o desenvolvimento, o potencial de expressividade e de identificação ou comoção mundial para com ambas as figuras em questão.

Ainda em relação ao perfil de ambos os objetos de estudo, notou-se a reincidência de fatores que dialogam com os perfis inovadores apresentados por dois autores da temática de difusão de inovações: Everett Rogers (1983) e Henrik Vejlgaard (2008) – denominando este perfil, respectivamente, como inovadores ou *trendsetters*. Contando com uma correlação entre as definições de ambos os autores, foi possível identificar a presença, a influência e o estímulo a duas características principais destes perfis inovadores nos objetos em questão. Primeiramente, confirmou-se a atitude cosmopolita, ou seja, o contato com novas referências através do diálogo aberto e, por isso, tornando-as mais propensas a formularem inovações. Em seguida, a curiosidade como característica que impulsiona uma coragem para arriscarem e experimentarem novas possibilidades, rompendo mais facilmente com as referências ou imposições tradicionais, e enfrentando mais fortemente seus cenários de repressão e medo. No caso de Malala, isto pôde ser observado principalmente nos relatos de seu pai, Ziauddin Yousafzai (2014), onde conta que buscou romper com a submissão e a opressão à presença feminina, recorrentes em seu contexto cultural, através da criação de sua filha com mais abertura, com espaço para a expressão dela, bem como para o contato com adultos envolvidos na política desde cedo. Já no caso de Ahed foi também através do apoio familiar que ela foi estimulada não só a falar e exigir ser ouvida, mas também a reagir pessoalmente à ocupação militar israelense que enfrenta. O depoimento de seu pai, Bassem Ahed, ilustrou este argumento e serve novamente de suporte à confirmação desta característica: “A forma normal de lidar com o nosso inimigo é apenas por resistência. E eu acho que qualquer pessoa no mundo, todos os pais, iriam gostar que sua filha fosse forte como a Ahed.” (Takruri, 2018a, 13min 24s)⁷⁴.

⁷⁴ Tradução minha do original em inglês: “The normal way to deal with our enemy is just by resistance. And I think everyone in the world, every parent, would like their daughter to be strong like Ahed.”

Especificamente a respeito dos problemas ou questões levantadas mediante a presente temática, identificou-se inicialmente as condições recorrentes para a emergência de mitos. De início foi possível confirmar o mecanismo de ressignificação presente no discurso mítico de maneira transversal às indicações semióticas de Barthes (1972), bem como os processos retóricos previstos por Burke (1969) e McGee (1975). As exposições teóricas abordaram esta ressignificação através de três condições principais: a manipulação de sentido executada pelo discurso mítico entre o primeiro e o segundo sistema semiótico previstos por Barthes (1972, p. 117-118); a consideração do contexto como definidor da pureza (ou não) prevista na intenção do discurso que se emite para transcender as divergências da audiência segundo Burke (1969, p. 275); e a constante manutenção da ficção do orador (mito) para com a própria imagem, tentando sempre representar a ação coletiva, bem como no que toca a recepção, onde o público precisa reler seu papel e redefinir a sua identidade ao passo que se tornam parte de uma audiência, de uma massa de apoio ao discurso mítico de acordo com McGee (1975, p. 240). O exemplo aplicado que foi colhido e exposto no estudo tratou de como a Malala alterou a simbologia de uma cena desfavorável relativa à educação infantil. Ao repetir sua emblemática frase “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”, Malala estaria associando poder à dimensão individual, relendo o que, tradicionalmente, seria uma condição de impotência ou de menor influência para resolução dos problemas mundiais da educação infantil.

Já com o auxílio dos estudos de caso de Lance Compa (2010) e James Stobaugh e David Snow (2010), abordou-se o fenômeno de ressignificação numa perspectiva mais realista aos movimentos sociais, através da identificação do mecanismo de *framing* – traduzido por reenquadramento. Este termo, por sua vez, descreveu os ajustes de uma causa e seu discurso frente o tempo, os públicos e os desafios legais que enfrenta, ao passo que se dissipa e se fortalece. Mais especificamente, observou-se alterações a nível taxonômico – nomenclaturas –, variação e inclusão de novas áreas do conhecimento em apoio à causa – validações científicas, suporte legal e burocrático –, capacitação de adeptos através do esclarecimento do papel e dos direitos do público afetado pela causa defendida, além da aproximação de figuras de influência para representação e disseminação das mensagens mobilizadoras ou esclarecedoras dos movimentos. Para ilustrar a inclusão e diversificação de personalidades e áreas do conhecimento em apoio a um movimento, contou-se com a figura de Malala para confirmar este fenômeno. Ao receber o apoio midiático e governamental de potências mundiais como a Inglaterra e os E.U.A., a ativista obteve

campanhas de arrecadação a seu favor, instituições como a ONU reconhecendo duas vezes seu histórico de ativismo, reuniões com presidentes e ex-presidentes, entrevistas com formadores de opinião, além de ter publicado um livro e um documentário biográficos. Em suma, estes episódios em conjunto confirmam como o discurso de uma causa precisa se adaptar para se manter relevante e reforçar seu crescimento mundial a ponto de poder ser enquadrado como mítico.

Ciente da forma como a resignificação pode efetivamente ser praticada dentro dos movimentos sociais, chegou-se ao segundo mecanismo recorrente para a formação de mitos dentro do ativismo atual: a multiplicidade de públicos, formatos e estratégias de ação. Identificou-se que esta heterogeneidade vem das dinâmicas da globalização – esclarecidas por Homi Bhabha (2004) e Néstor Canclini (1997) a respeito da formação híbrida de identidades frente as pressões colonialistas e de diáspora –, da digitalização modificando as plataformas e veículos de circulação de mensagens, bem como da fluidez e consequente hibridez pós-moderna analisada com o aporte de Zygmunt Bauman (2001) e Gilles Lipovetsky (2004). A primeira multiplicidade que se indica é com relação à noção de discurso em si, amplificada pela semiótica, pela Nova Retórica e pelos Estudos de Cultura ao reconhecerem, para além da tradicional fala do orador, os gestos, os apelos visuais, sons e as performances como formas válidas de se comunicar. Além disso, destacou-se o nível psicológico de criação e processamento de informação como conteúdo válido para a interpretação destas narrativas mediante a consideração, por exemplo, do imaginário coletivo e de arquétipos. Por fim, confirmou-se também a multiplicidade de canais de comunicação através dos avanços tecnológicos como potencializadores e facilitadores da difusão de mentalidades e práticas inovadoras hoje em dia. Esta última característica foi ilustrada face os contributos de Everett Rogers (1983) dentro dos estudos de difusão, prevendo o sistema social e os canais de informação como centrais à difusão e ao estabelecimento de inovações. Segundo o autor, seja através de representantes oficiais, informações técnicas ou pelo relacionamento interpessoal, é necessário que a informação seja transmitida de forma relevantes para que haja a efetiva adoção e incorporação na prática diária de novos usuários (Rogers, 1983, p. 244-245).

A presença de representantes desta informação assinalada por Rogers (1983) toca no terceiro principal mecanismo recorrente no surgimento de mitos: o relacionamento interpessoal. A múltipla rede de contatos mencionada anteriormente é responsável pela tradução de um movimento para a realidade de quem absorve a causa. Esta situação foi abordada teoricamente por Burke (1969) ao definir a Identificação e a Consustancialidade como dois processos centrais à

efetividade da retórica, uma vez que representam a interação, a concordância e a mobilização coletiva em prol de um objetivo único (p. 21). Este tópico responde ainda a outra questão levantada a respeito do estudo, mais especificamente como figuras populares vêm sendo reforçadas através da interação com suas audiências. Neste sentido, destaca-se o diálogo como mais uma forma válida de “tradução”, de adaptação de uma mensagem para a realidade de quem o recebe. Sean Chabot (2010) colaborou com esta elucidação ao reforçar que a emissão de uma mensagem é comparada ao monólogo, enquanto é apenas através do diálogo que se faz presente a interpretação, a expressão pessoal, ou seja, onde é possível ser construtivo mesmo mediante controversas (p. 104). Este argumento foi associado à eficácia democrática prevista por Harvey Yunis (1991) ao analisar a realidade da Grécia nos primórdios da noção de política e de civilidade, onde explica que um orador e um líder eficiente instrui seu público, dá-lhe informação e tira-lhe as dúvidas para que ele possa ter consciência na hora de participar das tomadas de decisões. Ambos os fenômenos foram analisados de forma aplicada ao objeto de estudo, confirmando, por exemplo, a capacitação de adeptos do movimento em prol da Palestina através dos encontros promovidos pela população de Nabi Saleh para a resistência à ocupação israelense defendida por Ahed. A jovem ativista relatou sobre as reuniões que fez dentro e fora da prisão, onde aprendiam sobre como agir ao serem presos, sobre Direitos Humanos e sobre legislação (Trakuri, 2018b).

O seguinte desdobramento que foi feito mediante esta temática levou ao esclarecimento de uma das hipóteses iniciais do estudo: a sociedade será movida cada vez menos por indivíduos hegemônicos e cada vez mais ideais ou valores abstratos. A mobilização popular sem estar atrelada a uma figura hegemônica não pôde ser confirmada, visto que ambos os objetos de estudo analisados puderam confirmar diversas características míticas e de liderança em torno de suas imagens. Ou seja, ainda se percebe a evidente concentração de discursos, atitudes e referências da vontade popular através de determinadas figuras singulares. No entanto, na segunda parte da hipótese foi possível confirmar a característica de um discurso mais abstrato ou generalizado. Ao analisar simbolicamente a comunicação de ambas as ativistas, comparou-se os depoimentos de Ahed em entrevistas ou durante sua prisão, onde aponta os objetivos e desafios relacionados especificamente à situação de sua vila e à libertação de seu país. Segundo Barthes (1972), estas são características de um discurso politizado, demasiadamente arraigado à realidade e à localidade de sua ação e, por isso, não permitiria a construção de um mito a partir desta mensagem (p. 147-148). Em contraste, foi possível extrair trechos de falas de Malala relatando que a figura dela

representa todas as meninas e crianças do mundo sem acesso à educação, além de utilizar frases de efeito e citações emblemáticas – quase como um *slogan* publicitário. Estes fatores apontam para um discurso mais despolitizado que conta com certa universalização da mensagem, o que, de acordo com Barthes (1972), caracteriza um discurso mítico. O autor descreve que discursos assim permitem a ressignificação de um mesmo signo através do esvaziamento da carga história, dos pormenores, dos elementos individuais anteriores para que se dê um novo conceito e, então, acabe circulando melhor (p. 113). Ao passo que se aproxima de um efeito de abstração, esta mensagem possibilita a identificação de uma maior parcela de grupos para com a sua causa e imagem, o que favorece a hegemonia pessoal em paralelo à condução coletiva.

Para além do destaque às relações interpessoais e ao diálogo como mecanismos importantes na difusão e fortalecimento de movimentos sociais, questionou-se também a respeito de como processos virais de influência interferem na consolidação de mitos. Primeiramente analisou-se o mapeamento feito por Jennifer Earl e Katrina Kimport (2010) sobre dos tipos de ativismos digitais, contando com diferentes formas de atuação *on* e *offline* através de sites, votações, organizações parciais de eventos, petições, entre outros. Em seguida, adentrou-se mais especificamente no envolvimento de ambos os objetos de estudo com a prospecção digital de suas figuras através de sites, redes sociais e jornais *online*. No entanto, a análise indicou reações opostas quanto à intencionalidade desta “viralização” digital. Por um lado, Ziauddin Yousafzai (2014) conta que sua filha sempre se esforçou para levar sua causa publicamente através da busca por oportunidades, documentários, matérias e entrevistas com mídias de abrangência mundial. Já Ahd, por outro lado, apesar de ter ganhado fama (e prisão) através da circulação de um vídeo seu enfrentando um soldado israelense em frente à sua casa, diz que nunca buscou ser um ícone (Trakuri, 2018b). Pelo contrário, a jovem ativista palestina destaca que existem outras meninas em situações semelhantes à dela, que também estão presas e merecem atenção.

Ainda dentro deste debate, a presença digital e viralizada de ambas as jovens levou a mais dois questionamentos importantes: a aparência e a língua em que se comunicam. Com relação à aparência, a análise foi construída mediante a colaboração da pesquisa de Martha Solomon (1979), onde aborda semiologicamente a construção de figuras femininas com base nos arquétipos da mãe de Carl Jung (2002). Por um lado, a figura de Malala indica ter permitido uma maior identificação do Ocidente por representar um estereótipo largamente estabelecido de uma menina asiática que usa véu, fala pausadamente e age de maneira mais polida ou educada – aproximando-se da imagem

positiva da mãe, remetendo à sabedoria, bondade e cuidado (Jung, 2002, p. 92). Ao se comunicar majoritariamente em inglês, estreita ainda mais esta relação com as potências mundiais, facilitando o apoio de sua imagem e discurso. Já em sentido oposto, Ahed usa cabelos soltos e volumosos, grita com oficiais e até tenta agredi-los como forma de resistência à violência do exército que ocupa ilegalmente sua área – por sua vez, aproximando-se do estado negativo do arquétipo ao formular uma imagem mais obscura, devoradora, sedutora ou apavorante (Jung, 2002, p. 92). Contando ainda com o fato de que se comunica e escreve em árabe em entrevistas, nas redes sociais e nas publicidades de apoio à sua imagem, foi possível confirmar mais uma vez o contraste entre ambas as ativistas. Não só Ahed aparenta uma imagem mais rebelde e agressiva, como também dificulta a identificação, o diálogo ou o relacionamento mais próximo com o restante do mundo pela questão da língua que usa para se comunicar. Por fim, apresentou-se ainda uma terceira problematização, onde confirmou a complexidade de ambas as questões para com a difusão destas figuras. Na visão local e cultural de Ahed através do relato de sua tia Manal Tamimi (Takruri, 2018a), ela teria sido favorecida a viralizar sua imagem no mundo por ser loira, branca e de olhos claros, o oposto do estereótipo ocidental para o médio oriente, como é o perfil das outras meninas presas como Ahed.

Este tópico da evolução tecnológica e digital toca em mais uma hipótese levantada inicialmente: a influência das novas dinâmicas digitais e dos meios de comunicação em massa modificou a forma de eleição e propagação destes ídolos, aumentando o número de personalidades e diminuindo a hegemonia das mesmas. Mediante a exposição do conteúdo analítico anterior, já foi possível esclarecer que estes fatores se fazem presentes de maneira frequente e imperativa no processo de difusão social de figuras e discursos míticos recentemente. Isto é um indicador de que tal característica irá se propagar e tende a fortalecer-se no futuro que segue. Já em relação ao aumento do número de personalidades, este fato também se verifica e foi exemplificado com a citação de alguns movimentos sociais que têm como base a força no coletivo, bem como com o questionamento de Earl e Kimport (2010) a respeito do aumento de autoria por marcas, grupos e organizações fora do escopo do movimento político e social que, hoje em dia, criam e lideram cada vez mais protestos, ações, boicotes e petições (p. 137). Segundo as autoras, o aumento de perfis de lideranças em protestos e movimentos sociais pode também ter sido influenciado pelo Marketing, onde marcas teriam o desejo de se engajar mais ativamente na vida dos consumidores. Isto porque, considerando a atual descrença e a insegurança a nível mundial, somada pelo potencial

de auto-regulamentação de uma sociedade pós-moderna individualizada – segundo as visões de Bauman (2001) e Lipovetsky (2004) –, os seres humanos estariam mais propensos a envolverem-se voluntariamente em ações políticas em geral.

Estas elucidações a partir das dinâmicas digitais previstas por Earl e Kimport (2010) auxiliaram no esclarecimento da última hipótese levantada: a intensificação de movimentos sociais autônomos ou que vão contra sistemas emergentes como um sinal da diminuição da influência de dirigentes e do aumento da capacitação individual e comunitária. Neste sentido, confirma-se toda a hipótese, exceto pela diminuição da influência de dirigentes que, ao invés de desaparecerem ou serem suprimidos totalmente pela ação coletiva, são substituídos por outros perfis. Assim como previsto por Homi Bhabha (2004) com relação à formação moderna de identidades mediante um rompimento com relações de poder tradicionais, ou ainda como mencionado por Bauman (2001) sobre a sociedade atual como líquida por ter fragmentado estruturas sólidas e rígidas do passado, hoje em dia a população parece preferir eleger figuras que se aproximam mais de cidadãos comuns, de histórias de vida reais ou de ícones mais próximos da sociedade do que os tradicionais políticos de terno, pele branca e classe média. Dentro desta perspectiva, sugere-se ainda uma atenção maior nos próximos anos às figuras juvenis como mais um possível perfil eleito mediante esta vontade de rompimento ou releitura das condições do passado – podendo ter como exemplo a ativista de questões ambientais, Greta Thunberg. Aliada a estas características está também a voluntariedade e a participação direta desta massa que, por estar incrédula e insegura, sente a necessidade de agir pelas próprias mãos. Este fenômeno indicado pelas autoras foi confirmado mediante a exposição de perfis de indivíduos comuns, ativistas, profissionais de diversas áreas e até empresas que se mostraram envolvidas politicamente com as causas humanitárias. Por fim, apenas não se confirmou a diminuição da hegemonia de determinadas figuras dentro do contexto dos movimentos sociais, pelo mesmo motivo citado anteriormente: ainda foi possível relacionar os objetos de estudo com muitos mecanismos, processos e sinais previstos no surgimento e manutenção de um mito para que se afirme o contrário.

Esta discussão relativa à hegemonia de ativistas sob a coletividade é capaz de propor uma aplicação futura dos fatores identificados neste estudo. Mais especificamente, trata-se da possibilidade de encarar alguns movimentos como híbridos, ou seja, que foram motivados ou liderados por figuras individuais, mas suportados e alargados por uma massa que é plural e consegue manter seus grupos visivelmente representados por suas temáticas, localidades e

denúncias. Um exemplo neste sentido pode ser o caso da política brasileira assassinada em 2018, Marielle Franco. Por um lado, ela representava suas próprias ações diretas através de discurso pessoal e individualizado com relação, principalmente, ao enfrentamento da violência nas favelas no Rio de Janeiro. Porém, sua morte mobilizou diversos atos, passeatas, campanhas, além de bastante apoio midiático internacional que acabou fragmentando, ou ressignificando, mais amplamente a sua imagem como representante não apenas dos moradores de favelas, mas também dos negros, das feministas, do público LGBTQ+ e dos pobres. A citação destes grupos foi cada vez mais fortalecida nos discursos dados durante estes atos, além de clamarem pela vida do motorista de Marielle e de outros ativistas também assassinados em contextos parecidos.

De maneira conclusiva, o estudo se encerra suas elucidações com o cumprimento de todos os objetos e questões levantadas neste estudo. O que se retira de mais importante desta pesquisa é a maior clareza que se tem quanto à capacidade e aos mecanismos de condução coletiva em relação a figuras proeminentes. Buscou-se compreender não só os perfis que lideram, mas também os que são comovidos, que discordam ou que vão contra um movimento. Isto porque é de conhecimento geral que, em tempos anteriores de crises, a sociedade – numa escala transnacional e até mundial – acabou optando muitas vezes por se mobilizar de maneira massificada por ideias poderosas e, em alguns casos, extremistas ou perigosas. A esperança que se mantém viva trata esta possibilidade de entendimento aprofundado sobre o ativismo como cenário para o surgimento de novos mitos, como forma de auxiliar mentes e estratégias que venham combater a insegurança, a miséria e a desigualdade no mundo; que lutem por dar voz aos que são impedidos de se comunicarem e de se identificarem com o restante do planeta; e que militem pelas vertentes políticas e sociais que defendam desenvolvimentos sustentáveis, democráticos e igualitários de localidades, culturas e, acima de tudo, de seres humanos.

Referências

- Al-Ali, N. & e Pratt, N. (2009). Embedded Feminism- Women's Rights as a Justification for War [arquivo de PDF]. *Gunda Werner Institute*. Disponível em: <https://www.gwi-boell.de/en/2010/11/24/embedded-feminism-women%E2%80%99s-rights-justification-war>
- AP Archive. (2015, agosto 3). *Pakistani teen Malala on efforts to release Nigerian girls*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3CzBBsEbxE>
- Barker, C. (2003). *Cultural studies: Theory and practice*. Londres: Sage Publications.
- Barthes, R. (1972). *Mythologies*. (Lavers, A. Trad.) Nova Iorque: The Noonday Press. (Originalmente publicado em 1957).
- Bauman, Z. (2001). *A Modernidade Líquida*. (Jorge Zahar Editora Ltda., Trad). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 2000).
- BBC News. (2009, janeiro 19). Diary of a Pakistani schoolgirl. *BBC News*. Disponível em: <http://www.news.bbc.co.uk>
- Bhabha, H. K. (2004). *The location of culture*. Nova Iorque: Routledge. Originalmente publicado em 1994.
- Burke, K. (1957). The Rhetoric of Hitler's Battle. In K. Burke (Eds.), *The Philosophy of Literary Form: Studies in Symbolic Action* (pp. 164-189). Nova Iorque: Vintage Books.
- Burke, K. (1969). *A rhetoric of motives* (Vol. 178). Los Angeles: University of California Press.
- Butler, J. (2011). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge.

Butler, J. (2000). *Antigone's Claim: Kinship Between Life and Death*. Nova Iorque: Columbia University Press.

Canclini, N. G. (1997). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. (Dias, M. & Rapp, J. Trad.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Originalmente publicado em 1995).

Chabot, S. (2010). Dialogue Matters: Beyond the Transmission Model of Transnational Diffusion between Social Movements. In R. K. Givan, K. M. Roberts & S. A. Soule (Eds.). *The diffusion of social movements: Actors, mechanisms, and political effects* (pp. 99-124). Cambridge: Cambridge University Press.

Charles, S., & Lipovetsky, G. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. (Vilela, M. Trad.) São Paulo, SP: Editora Barcarolla.

Clinton, C. (2013, abril 18). The 2013 TIME 100. *Time 100*. Disponível em: <http://time100.time.com>

Compa, L. (2010). Framing Labor's New Human Rights Movement. In R. K. Givan, K. M. Roberts & S. A. Soule (Eds.). *The diffusion of social movements: Actors, mechanisms, and political effects* (pp. 99-124). Cambridge: Cambridge University Press.

Cox, R., & Foust, C. R. (2009). *Social movement rhetoric*. In Lunsford, A. A., Wilson, K. H., & Eberly, R. A. *The Sage handbook of rhetorical studies*, p. 605-627. California: Sage Publications.

Dragt, E. (2017). *How to Research Trends*. Amsterdam: BIS Publishers.

Earl, J., & Kimport, K. (2010). The Diffusion of Different Types of Internet Activism: Suggestive Patterns in Website Adoption of Innovations. In R. K. Givan, K. M. Roberts & S. A. Soule (Eds.). *The diffusion of social movements: Actors, mechanisms, and political effects* (pp. 125-139). Cambridge: Cambridge University Press.

Flores, A. M., Gomes, N. P. & Cohen, S. (2018). *Estudos de Tendências*: um contributo para uma abordagem da gestão da cultura. *Moda Palavra*, v.11, n.22, p. 48-81, 2018.

G1. (2014, dezembro 10). Malala Yousafzay e Kailash Satyarthi recebem formalmente o Nobel da Paz. *Rede Globo*. Disponível em: <http://g1.globo.com>

G1. (2017, julho 20). Malala Yousafzai se encontra com líderes do Iraque e da Nigéria para pedir acesso de meninas à educação. *Rede Globo*. Disponível em: <http://g1.globo.com>

Givan, R. K., Roberts, K. M., & Soule, S. A. (Eds.). (2010). *The diffusion of social movements: Actors, mechanisms, and political effects*. Cambridge: Cambridge University Press.

Gladwell, M. (2000). *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference*. Boston: Little, Brown and Company.

Gloor, P. A., & Cooper, S. M. (2007). *Coolhunting: chasing down the next big thing*. Nova Iorque: American Management Association.

Gomes, N. P. (2016). Trends Management Applied to Branding and Cultural Management. *Logo*, v.5, n.1, p. 67-80, abr. 2016.

Hall, S. (1997). *Representation: cultural representation and signifying practices*. Londres: SAGE Publications.

Hall, S. (2000). Who needs 'identity'? In Gay, P., Evan, J. & Redman, P. (Eds.) *Identity: a reader* (pp. 15-30). Londres: Sage Publication.

Hanson, J. (1997). *Sociality in the Rhetorics of Kenneth Burke and Chaim Perelman: Toward a Convergence of Their Theories*. In National Communication Association Conference, Chicago,

Estados Unidos da América, novembro 1997. Disponível em:
http://kbjournal.org/hanson_sociality

Higham, W. (2009). *The Next Big Thing*. Londres: Kogan Page.

Hooks, B. (2018). O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas arrebatadoras. (Libânio, A. L. Trad.). São Paulo: Rosa dos Tempos. Originalmente publicado em 2000.

Janna Jihad, J. (2018, janeiro 3). The full story of Ahd Tamimi's arrest. *TRT World*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vPwAyNRuuJY>

Jung, C. G. (2002). *Os arquétipos e o inconsciente colectivo*. (Silva, D. & Appy, ML. Trad.) (2ª ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Kastner, S. (2018, dezembro 4). Ahd and Malala: Why we revere some girl activists and not others. *The Conversation*. Disponível em:
<https://theconversation.com/ahed-and-malala-why-we-revere-some-girl-activists-and-not-others-105643>

Khoja-Moolji, S. (2017, dezembro 28). Why is the West praising Malala, but ignoring Ahd?”. *Al Jazeera*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/west-praising-malala-ignoring-ahed-171227194606359.html>

Letterman, D. (2018, março 10). My Next Guest Needs No Introduction. *Netflix*. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80209096>

Lévi-Strauss, C. (1987). (Bessa, A. M. Trad.) *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70. (Originalmente publicado em 1978).

McGee, M. C. (1975). *In Search of “The People”*: a rhetorical alternative. *Quarterly Journal of Speech*, v.61, n. 3, p.235-249, out. 1975.

McGee, M. C. (1980). “Social movement”: Phenomenon or meaning? *Central States Speech Journal*, v.31, p. 233-244. <http://dx.doi.org/10.1080/10510978009368063>

McGee, M. C. (1983). Social movement as meaning. *Central States Speech Journal*, v.34(1), p. 74-77. <https://doi.org/10.1080/10510978309368117>

ONU News. (2017). Malala é a mais nova Mensageira da Paz das Nações Unidas. *ONU News*. Disponível em: <https://news.un.org/>

Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, L. (1969). *The New Rhetoric: A Treatise on Argumentation*. (Wilkinson, J. & Weaver, P. Trad). Londres: The Notre Dame Press.

Rocha, E. (1996). *O que é mito*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Rogers, E. M. (1983). *Diffusion of innovations* (3ª ed.). Nova Iorque, NY: The Free Press.

Rucker, P. (2013, outubro 13). Malala Yousafzai meets with the Obamas in the Oval Office. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com>

Said, E. W. (1990). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. (T. R. Bueno, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1978).

Segal, R. A. (2004). *Myth: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Solomon, M. (1979). The “positive woman's” journey: A mythic analysis of the rhetoric of stop ERA, *Quarterly Journal of Speech*, 65:3, 262-274, DOI: 10.1080/00335637909383478.

Spivak, G. C. (1985). Three Women's Texts and a Critique of Imperialism. *Critical Inquiry*, v.12, n. 1, p.243-261, 1985.

Stobaugh, J. E. & Snow, A. D. (2010). Temporality and Frame Diffusion: The Case of the Creationist/Intelligent Design and Evolutionist Movements from 1925 to 2005. In R. K. Givan, K. M. Roberts & S. A. Soule (Eds.). *The diffusion of social movements: Actors, mechanisms, and political effects* (pp. 99-124). Cambridge: Cambridge University Press.

Takruri, D. (outubro 2018a). Ahed Tamimi: Palestine's Freedom Fighter (Part I). *AJ+*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9FlrrcAjBr4>

Takruri, D. (outubro 2018b). Ahed Tamimi: Palestine's Freedom Fighter (Part II). *AJ+*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IJqH7_xYKi4

Tarrow, S. (2010). Dynamics of Diffusion: Mechanisms, Institutions, and Scale Shift. In R. K. Givan, K. M. Roberts & S. A. Soule (Eds.). *The diffusion of social movements: Actors, mechanisms, and political effects* (pp. 204-220). Cambridge: Cambridge University Press.

The Guardian. (2018, março 11). Malala Yousafzai: 'The west is viewed as an ideal, but there's still a lot of work to be done'. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com>

Vejlgaard, H. (2008). *Anatomy of a Trend*. New York, NY: McGraw-Hill.

Von Hendy, A. (2002). *The modern construction of myth*. Indiana University Press.

West, M. L. (1997). *The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth*. Oxford: Clarendon Press.

Yousafzai, M (autora). Parkes, W. F., & McDonald, L. (Produtores), & Guggenheim, D. (Diretor). (2015). *He Named Me Malala* [Filme]. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures.

Yousafzai, Z. (2014, março 24). My daughter, Malala. *TED Talks*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4mmeN8gv9o>

Yunis, H. (1991). *How do the People Decide?:* Thucydides on Periclean Rhetoric and Civic Instruction. The American Journal of Philology, v. 112, n. 2, p.179-200, 1991. Johns Hopkins University Press.